meditações para a PÁSCOA *e* PENTECOSTES

SANTO TOMÁS DE AQUINO

ECCLESIAE

Organização do Texto: Pe. Denys Mézard O.P.
Tradução: Jefferson Bombachim

Sumário

Nota desta edição…..9
Prefácio do Organizador…..10

TEMPO DA PÁSCOA

Festa da Páscoa…..13
Necessidade da ressurreição de Cristo

Segunda-feira da Oitava da Páscoa…..15
Utilidades da ressurreição do Senhor

Terça-feira da Oitava da Páscoa…..16
As chagas de Cristo Ressuscitado

Quarta-feira da Oitava da Páscoa…..17
Cristo, ressurreição e vida

Quinta-feira da Oitava da Páscoa…..18
Três mortos ressuscitados por Cristo

Sexta-feira da Oitava da Páscoa…..19
A vida nova

Sábado da Oitava da Páscoa…..20
Provas da ressurreição espiritual

Domingo da Oitava da Páscoa…..22
Aparição de Cristo na oitava de Páscoa

Segunda-feira depois do Primeiro Domingo de Páscoa…..24
A paz de Cristo

Terça-feira depois do Primeiro Domingo de Páscoa…..26
A sabedoria celestial

Quarta-feira depois do Primeiro Domingo de Páscoa…..28
A graça, ou princípio da nova vida

Quinta-feira depois do Primeiro Domingo de Páscoa…..30
A água viva

Sexta-feira depois do Primeiro Domingo de Páscoa…..31
Desejo da água viva

Sábado depois do Primeiro Domingo de Páscoa…..32
A sede da água viva

Segundo Domingo de Páscoa…..33
Adoção divina

Segunda-feira depois do Segundo Domingo da Páscoa…..35
Morada das pessoas divinas na alma

Terça-feira depois do Segundo Domingo da Páscoa…..37
A perfeição espiritual

Quarta-feira depois do Segundo Domingo da Páscoa…..39
O homem espiritual

Quinta-feira depois do Segundo Domingo da Páscoa…..41
Regeneração espiritual por meio do Batismo

Sexta-feira depois do Segundo Domingo da Páscoa…..43
Penalidades da vida presente

Sábado depois do Segundo Domingo da Páscoa…..45
O sacramento da Confirmação

Terceiro Domingo da Páscoa…..47
Por que o sacramento da Confirmação administra-se na testa

Segunda-feira depois do Terceiro Domingo da Páscoa…..48
O sacramento da Eucaristia

Terça-feira depois do Terceiro Domingo da Páscoa…..50
Atração de Deus e resposta do homem

Quarta-feira depois do Terceiro Domingo da Páscoa…..52
Pode o homem saber se está em estado de graça?

Quinta-feira depois do terceiro domingo da Páscoa…..54
Os dons do Espírito Santo

Sexta-feira depois do Terceiro Domingo da Páscoa…..56
O dom da piedade

Sábado depois do Terceiro Domingo da Páscoa…..58
Número das bem-aventuranças

Quarto Domingo da Páscoa…..60
Os prêmios das bem-aventuranças

Segunda-feira depois do Quarto Domingo da Páscoa…..62
Frutos do Espírito Santo

Terça-feira depois do Quarto Domingo da Páscoa…..64
Número dos frutos do Espírito Santo

Quarta-feira depois do Quarto Domingo da Páscoa…..66
O homem em estado de graça pode merecer de condigno a vida eterna

Quinta-feira depois do Quarto Domingo da Páscoa…..67
Mas principalmente merecemos pela caridade que pelas outras virtudes

Sexta-feira depois do Quarto Domingo da Páscoa…..69
As obras do primeiro homem no estado de inocência foram menos eficazes para merecer que as nossas boas obras?

Sábado depois do quarto domingo da Páscoa…..70
O homem pode merecer aumento de graça

Quinto Domingo da Páscoa…..72
A oração

Segunda-feira das Rogativas…..74
Bens da oração

Terça-feira das Rogativas…..76
A oração dominical

Quarta-feira das Rogativas…..78
Porque as orações não são escutadas algumas vezes

TEMPO DA ASCENSÃO

Festa da Ascensão…..81
Ascensão de Cristo

Sexta-feira da Oitava da Ascensão…..83
Utilidades da Ascensão de Cristo

Sábado da Oitava da Ascensão…..84
A Ascensão de Cristo é a causa de nossa salvação

Domingo da Oitava da Ascensão…..86
A vida no Céu

Segunda-feira da Oitava da Ascensão…..88
O Pai celestial

Terça-feira da Oitava da Ascensão…..90
A confiança no Pai celestial

Quarta-feira da Oitava da Ascensão…..92
A fonte de todo consolo

Quinta-feira da Oitava da Ascensão…..94
Preparação para receber o Espírito Santo

Sexta-feira da Oitava da Ascensão…..96
O Espírito Santo não se dá ao mundo

Vigília de Pentecostes…..98
Diversas operações do Espírito Santo

TEMPO DE PENTECOSTES

Festa de Pentecostes…..101
O dom do Deus altíssimo

Segunda-feira da Oitava de Pentecostes…..103
Como nos move o Espírito Santo para Deus

Terça-feira da Oitava de Pentecostes…..104
Propriedades do Espírito Santo

Quarta-feira da Oitava de Pentecostes…..106
Multiplicidade dos frutos que dimanam o Espírito Santo

Quinta-feira da Oitava de Pentecostes…..108
Aparição do Espírito Santo em figura de pomba

Sexta-feira da Oitava de Pentecostes…..109
Descida e permanência do Espírito Santo

Sábado da Oitava de Pentecostes…..111
Efeitos atribuídos ao Espírito Santo com relação às dádivas que Deus nos dá

Festa da Santíssima Trindade…..113
Vinda da Trindade à alma

Segunda-feira da Oitava da Trindade…..115
A imagem de Deus no homem

Terça-feira da Oitava da Trindade…..117
Do amor e do culto de latria devidos a Deus soberano e infinitamente bom

Quarta-feira da Oitava da Trindade…..119
Pecado contra o Pai, contra o Filho e contra o Espírito Santo

Festa de Corpus Christi…..121
A Eucaristia confere graça

Sexta-feira Oitava de Corpus Christi…..123
Que graça confere a Eucaristia

Sábado da Oitava de Corpus Christi…..125
O efeito da Eucaristia é a consecução da glória

Domingo da Oitava de Corpus Christi…..126
Como o pecado venial impede os frutos da Eucaristia

Segunda-feira da Oitava de Corpus Christi…..127
A Eucaristia preserva o homem dos pecados futuros

Terça-feira da Oitava de Corpus Christi…..129
Pela Eucaristia se perdoa a pena do pecado

Quarta-feira da Oitava de Corpus Christi…..130
A Eucaristia perdoa os pecados veniais

Quinta-feira da Oitava de Corpus Christi…..131
Uso da Eucaristia

Festa do Sacratíssimo Coração de Jesus…..133
O Sacratíssimo Coração de Jesus

Sábado depois da Oitava de Corpus Christi…..135
O amor de Cristo

Sábado depois da Oitava de Corpus Christi…..137
Festa do puríssimo Coração de Maria

MEDITAÇÕES PARA ALGUMAS FESTAS

30 de Novembro…..141
Santo André

25 de Março
Anunciação da Santíssima Virgem Maria…..142

24 de Maio…..144
Festa de Maria Auxiliadora

24 de Junho…..146
São João Batista

Nota desta edição

A edição utilizada para esta tradução foi a editora argentina Emecé de 1948, traduzida do original latino para o espanhol por Luis M. de Cádiz. A tradução foi cortejada com a edição francesa de Lethielleux (1930) e com a edição das obras completas de Santo Tomás sob a responsabilidade de Enrique Alarcón, enquanto os textos bíblicos foram comparados com a Vulgata Clementina.

Os trechos bíblicos estão dispostos conforme a tradução da Vulgata feita pelo Pe. Matos Soares.

Prefácio do organizador

Todo este livro[1], tanto nos conceitos quanto nas palavras – salvo umas das poucas que se encontrarão na meditação da festa da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Virgem Maria – é, em verdade, obra do piedosíssimo Doutor Angélico, Santo Tomás de Aquino.

Uma só coisa pode atribuir-se ao organizador como sua, a saber: ter buscado em todas as obras do grande mestre tudo o que havia de mais suave, piedoso e apropriado para fomentar a edificação, e tê-lo distribuído por todos os dias do ano litúrgico, a fim de que se se tivesse assim reunida a essência dulcíssima deste admirável cedro-do-líbano, para poder tomá-la e saboreá-la a cada dia, ou por meio da leitura, ou pelo esforço mais atento da meditação.

Não devem buscar-se aqui, certamente, as meditações que tantas vezes se publicam para uso dos fiéis, meditações inteiramente acabadas, muito solícitas em indicar, às vezes com excessiva prolixidade, não somente as ideias para a inteligência, mas também os afetos para o coração e até os propósitos práticos que se deve tirar, de sorte que ao que medita não sobra nada que fazer ou investigar.

Aqui, sem dúvida, somente as ideias se apresentam ao espírito, ideias breves, em estilo elevado, claras, firmes, porém quão plenas e fecundas, quão transbordantes de piedade e de verdadeiro amor de Deus!

Não são certamente raros os que, cansados da linguagem excessivamente difusa dos livros, desejam encontrar dentro de um estilo conciso e de poucas palavras o pão de vida e entendimento.

Ide ao Doutor Angélico, que ele vos dará não somente ampla matéria para meditar, mas também a mais apta para reformar os costumes, e também para nutrir e acrescentar o amor a nosso Salvador.

A ordem que seguimos para distribuir a matéria em nossa obra é a seguinte:

No tempo do Advento propõe-se à nossa meditação tudo quanto Santo Tomás escreveu, em diversos lugares, acerca do mistério da Encarnação; depois se segue com o relativo à Natividade do Senhor, à sua infância e vida pública.

No tempo da Quaresma vão as meditações referentes à Paixão e morte de Cristo na Cruz.

---

1 Trata-se da obra *Meditationes ex operibus S. Thomae Derromptae*, que contém meditações para todo o ano litúrgico. Aqui apresentamos somente as meditações para a Páscoa e Pentecostes – NE.

Depois, com Cristo ressuscitado e exemplar de nossa regeneração espiritual, começa uma série sobre a vida nova, pela graça, pela conformação a Cristo que sobe aos céus, pelos efeitos do Espírito Santo e pela Eucaristia. Esta série termina na festa do Sacratíssimo Coração de Jesus.

As meditações destinadas ao período compreendido entre o dia primeiro de julho e o Advento versam sobre os seguintes pontos:

1º Deus e alguns de seus atributos.

2º O homem apartado de Deus pelo pecado, e decidido a conhecer e detestar seus pecados na vida purgativa.

3º O mesmo homem, avançando para a vida iluminativa por meio das virtudes.

4º O homem elevando-se à vida unitiva para participar de Deus por meio do amor fervoroso e da íntima amizade.

5º Com a festa de Todos os Santos, começam as meditações dos novíssimos, que se estendem por todo o mês de novembro, até que, purificado, iluminado e perfeito, o homem pode, enfim, sentar-se nesta Grande Ceia beatíssima que será o fim de todas as coisas.

Assim, pois, todo o conjunto destas meditações é como um compêndio da Suma de Santo Tomás, de modo que possa oferecer uma síntese de toda a religião e da vida ascética.[2]

Além das meditações adaptadas ao ciclo litúrgico, os sacerdotes e religiosos encontrarão ao final outras para os Exercícios Espirituais que em cada ano realizam-se durante oito dias.

Fr. Mézard, O.P.

2 Chegado o tempo da Septuagésima, devem omitir-se as que sobram do mês de fevereiro, ou talvez também janeiro, para tomar as que dão começo àquele domingo. As meditações omitidas então se utilizarão depois da festa do Sacratíssimo Coração até o primeiro dia de julho.

Tempo da Páscoa

Festa da Páscoa

Necessidade da ressurreição de Cristo

Era necessário que o Cristo padecesse e ressuscitasse dos mortos ao terceiro dia Lc. 14, 46.

Foi necessário que Cristo ressuscitasse por cinco motivos:

1º Para recomendação da justiça divina, à qual pertence exaltar os que se humilham por Deus, segundo aquilo: *Depôs do trono os poderosos, e elevou os humildes* (Lc. 1, 52). Logo, se Cristo se humilhou até a morte de cruz por amor e obediência a Deus, era necessário que fosse exaltado por Deus até a ressurreição gloriosa; por isso se diz de sua pessoa: *Tu conheces*, isto é, aprovas, *quando me sento*, quer dizer, minha humildade e paixão, *e quando me levanto*, a saber, minha glorificação na ressurreição (Sl. 138, 2).

2º Para instrução de nossa fé; porque pela ressurreição foi confirmada nossa fé na divindade de Cristo, como diz o Apóstolo: *Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, é também vã a vossa fé* (1Cor. 15, 14). E no Salmo (29, 10): *Que vantagem tirarás do meu sangue*, isto é, do derramamento do meu sangue, *da minha descida*, como por certas escalas de maus, *à corrupção*? Como se dissesse: nenhum proveito; "porque se não ressuscito num instante, e meu corpo se houvesse corrompido, a ninguém pregarei e não ganharei nenhum", como expõe a Glosa.

3º Para levantar nossa esperança, porque ao ver ressuscitar a Cristo, que é nossa cabeça, esperamos que também nós ressuscitemos. Por isso se diz: *Se se prega que Cristo ressuscitou dos mortos, como dizem alguns, entre vós, que não há ressurreição dos mortos?* (1Cor. 15, 12). E em Jó: *Porque eu sei*, mediante a certeza da fé, *que o meu Redentor*, Cristo, *vive*, tendo ressuscitado dentre os mortos, e que portanto *no último dia ressurgirei da terra … esta é a esperança que está depositada no meu peito* (19, 25 e 27).

4º Para informar a vida dos fiéis, segundo aquilo: *Assim como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim nós vivamos uma vida nova* (Rm. 6, 4); e mais adiante: *Sabendo que Cristo, ressuscitado dos mortos, não morre mais… assim também vós considerai-vos como estando mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Nosso Senhor Jesus Cristo* (Rm. 4, 9 e 11).

5º Para complemento de nossa salvação, porque assim como sofreu e se humilhou morrendo, para nos libertar dos males, do mesmo modo foi glorificado ressuscitando, para conduzir-nos aos bens, segundo o que está escrito: *O qual foi entregue pelos*

nossos pecados e ressuscitou para nossa justificação (Rm. 4, 25). A Paixão de Cristo perfez nossa salvação quanto à remoção dos males; mas a ressurreição, quanto à instauração e modelo dos bens.

-S. Th., IIIª, q. 53, ª 1

Segunda-feira da Oitava da Páscoa

Utilidades da ressurreição do Senhor

Do mistério da ressurreição do Senhor podemos tirar quatro ensinamentos para nossa instrução.

1º Devemos procurar ressuscitar espiritualmente da morte da alma, na qual incorremos pelo pecado, à vida da justiça que se obtém pela Penitência. *Desperta, tu que dormes; levanta-te dentre os mortos, e Cristo te alumiará* (Ef. 5, 14). E esta é a ressurreição primeira. *Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição* (Ap. 20, 6).[3]

2º Não devemos diferir o ressuscitar até a hora da morte, senão já; pois Cristo ressuscitou ao terceiro dia: *Não tardes em te converter ao Senhor, não o difiras de dia para dia* (Eclo. 5, 8), porque, vexado pela enfermidade, não poderás pensar nas coisas que pertencem à salvação; e porque perdes ademais a participação em todos os bens que se fazem na Igreja, e incorres em muitos males perseverando no pecado. Por outro lado, quanto mais tempo possui o Diabo, tanto mais dificilmente lhe abandona, como disse São Beda.

3º Devemos ressuscitar para uma vida incorruptível, de sorte que não moramos outra vez, quer dizer, que não pequemos mais. *Sabemos que Cristo, ressuscitado dos mortos, não morre mais, nem a morte terá sobre Ele mais domínio* (Rm. 6, 9). E mais adiante: *Assim também vós considerai-vos como estando mortos para o pecado, o pecado no vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas concupiscências. Não entregueis ao pecado os vossos membros, quais armas de iniquidade, mas oferecei-vos a Deus, como vivos, depois de ter estado mortos, e os vossos membros a Deus, como armas de justiça* (Rm. 6, 11-13).

4º Devemos ressuscitar para uma vida nova e gloriosa, isto é, que evitemos todas aquelas coisas que antes foram ocasiões e causa de morte e de pecado. *Como Cristo ressuscitou do mortos pela glória do Pai, assim nós vivamos uma vida nova* (Rm. 6, 4). E esta nova vida é a vida da justiça que renova a alma e a conduz à vida da glória.

-In Symb.

3 Que morre em estado de graça.

Terça-feira da Oitava da Páscoa

As chagas de Cristo ressuscitado

Mete aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos, aproxima também atua mão e mete-a no meu lado; e não sejas incrédulo, mas fiel (Jo. 20, 27).

Foi conveniente que a alma de Cristo na ressurreição tomasse o corpo com as cicatrizes das chagas.

1º Para glória do mesmo Cristo. Porque diz São Beda que "conservou as chagas não pela impotência de curá-las, senão para levar sempre consigo o troféu de sua vitória".[4] Por isso diz também Santo Agostinho que "talvez naquele Reino veremos nos corpos dos mártires as cicatrizes das feridas que sofreram pelo nome de Cristo, porque não serão neles, senão dignidade; e a beleza de sua virtude brilhará através das chagas de seus corpos."[5]

2º Para confirmar os corações de seus discípulos na fé de sua ressurreição.

3º Para que ao rogar ao Pai por nós, manifeste sempre qual gênero de morte padeceu pelo homem.

4º Para fazer ver aos que resgatou por sua morte, pondo-lhes à vista os sinais de suplício, que misericórdia veio em seu socorro.

Finalmente, para fazer ver no juízo final quão justamente serão condenados ali mesmo os réprobos. Por esta razão, como diz Santo Agostinho: "Sabia Cristo porque conservava as cicatrizes em seu corpo; porque assim como as mostrou a Tomás, que não cria se não as tocava e as via, assim também havia de mostrá-las aos inimigos, para que convencendo-os da verdade lhes olhai as chagas que inferistes; reconhecei o lado que atravessastes, pois por vós e para vós foi aberto, e no entanto não quisestes entrar".[6]

Assim, pois, aquelas cicatrizes não são devidas à corrupção ou defeito, senão ao maior acúmulo de glória, enquanto são certos sinais de sua virtude, e naquelas chagas aparecerá certo esplendor especial. E sempre permanecerão no corpo de Cristo, porque, como diz Santo Agostinho: "Creio que o corpo do Senhor está no Céu tal como estava quando ascendeu".[7]

---

4 *Super Luc., c, 97.*
5 *De civitate Dei, 1. XXII, c. 20.*
6 *De Symb., 1. II, c. 8.*
7 *Ad Consentium, epist. 205.*

Quarta-feira da Oitava da Páscoa

Cristo, ressurreição e vida

I. *Eu sou a ressurreição e a vida* (Jo. 11, 25). O Senhor mostra a sua virtude e poder que é vivificante. Deve-se saber que, entre os que necessitam participar do efeito da vida, uns têm essa necessidade participar do efeito da vida, uns têm essa necessidade porque perderam a vida, e outros, que não a perderam, o necessitam para conservar a que já têm. Assim, pois, diz aos primeiros: *Eu sou a ressurreição*, porque os que perderam a vida, pela morte a recobram. Para os segundos diz: *e a vida*, por ela se conservam os vivos.

Há de advertir-se que por estas palavras: *Eu sou a ressurreição*, há de entender-se: eu sou a causa da ressurreição. E em verdade Cristo é a causa total de nossa ressurreição, tanto da alma quanto do corpo. E por isso quando diz: *Eu sou a ressurreição*, é como se dissesse: Tudo o que ressuscita nas almas e nos corpos, ressuscita por mim. *Porque, assim como a morte veio por um homem, também por um homem vem a ressurreição dos mortos* (1Cor. 15, 21). Quando digo que sou *a ressurreição* é porque sou *a vida*; pois corresponde à vida que alguns sejam restituídos a ela, do mesmo modo que pertence ao fogo que uma coisa apagada seja novamente incendida. *Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens* (Jo. 1, 4).

II. Segue um duplo efeito:

1º Vivifica aos mortos. *O que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá. Eu sou a ressurreição* (Jo. 11, 25), isto é, causa da ressurreição, e alguém consegue o efeito desta causa, crendo em mim. Pois, pelo fato de crer, me possui em si mesmo: *Para que Cristo habite pela fé nos vossos corações* (Ef. 3, 17). O que me possui tem em si a causa da ressurreição; logo o que *em mim crê, viverá*, quer dizer, com vida espiritual, ressuscitando da morte do pecado, e também com vida natural, ressuscitando da morte da pena.

2º Porque Ele é vida, conserva os viventes na vida. Por isso diz: *E todo aqueles que vive e crê em mim*, com a vida de justiça, da qual disse Habacuc: *O justo viverá por sua fé* (Hab. 2, 4), *não morrerá jamais*, isto é, com morte eterna, senão que terá a vida eterna. *A vontade de meu Pai, que me enviou, é que todo o que vê o Filho e crê n'Ele tenha vida eterna* (Jo. 6, 40).

Isto não há de entender-se no sentido de que não morrerá temporalmente com morte da carne; senão que de tal modo morrerá alguma vez, que, havendo ressuscitado, viva eternamente na alma, até que ressuscite a carne que depois não morrerá nunca. Por isso: *E eu o ressuscitarei no último dia* (Jo. 6, 40). -*In Joan., XI*

Quinta-feira da Oitava da Páscoa

Três mortos ressuscitados por Cristo

I. Cristo ressuscitou três mortos, a saber: a filha do príncipe da sinagoga (Mt. 9, 18 e ss.), o filho da viúva, que era levada para fora da porta da cidade de Naim, como se lê em São Lucas (7, 11), e a Lázaro, que levava já quatro dias no sepulcro: À menina a ressuscitou na casa; a Lázaro, no sepulcro. Ademais, à menina a ressuscitou na presença de poucas testemunhas: o pai e a mãe da menina, e três de seus discípulos, Pedro, Tiago e João; porém ao jovem na presença de uma grande multidão; a Lázaro, diante de uma multidão e com gemidos.

Por estes três ressuscitados se designam três classes de pecadores. Pois uns peca consentindo com o coração no pecado mortal; e estes são simbolizados pela menina morta em casa.

Outros pecam por ações e sinais externos, e estes são representados pelo morto que era levado para fora das portas da cidade.

Porém quando aferram-se no pecado por costume, então são encerrado no sepulcro.

No entanto, o Senhor os ressuscita a todos. Os que pecam unicamente pelo consentimento, e morrem pecando mortalmente, mais facilmente são ressuscitados. E como seu pecado é secreto, se curam com emenda secreta. Porém, quando o pecado se exterioriza, então exige um remédio público.

II. *Vem a hora, e já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem, viverão* (Jo. 5, 25).

1º Isto pode entender-se da ressurreição do corpo. *Vem a hora, e já chegou,* como se dissesse: é verdade que todos ressuscitarão no último dia, porém também a presente hora é momento em que alguns, aos quais o Senhor há de ressuscitar, ouvirão a voz. Assim a ouviu Lázaro, quando se lhe disse: *Sai para fora* (Jo. 11, 43); assim a ouviram a filha do príncipe da sinagoga e o filho da viúva. E disse claramente: *vem a hora, e já chegou,* porque por mim já começaram os mortos a ressuscitar.

2º Pode referir-se também à ressurreição da alma. Porque há uma dupla ressurreição: a dos corpos, que terá lugar, e todavia ainda não se realizou, mas realizar-se-á no juízo futuro; e a das almas, da morte da infidelidade à vida da fé, da injustiça à justiça, e isto *já chegou*. Por isso disse: *Vem a hora, e já chegou, em que os mortos,* isto é, os infiéis e os pecadores, *ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem, viverão.* *-In Joan., V*

Sexta-feira da Oitava da Páscoa

A vida nova

Como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim nós vivamos uma vida nova (Rm. 6, 4).

Deve-se advertir que a vida velha é a vida terrestre, consumida pela velhice dos pecados, segundo aquilo de Jeremias: *Fez envelhecer a minha pele e a minha carne* (Lm. 3, 4). Ao que diz a Glosa: Daí que gema a alma, quando é envelhecida exteriormente como a pele, e a consciência interiormente formosa se consome como a carne, corrompida pelo pus do pecado. Porém a nova vida é vida celestial, que deve ser renovada de dia em dia pela graça, segundo aquilo: *Renova-os no vosso espírito e nos vossos pensamentos* (Ef. 4, 23). E aos Romanos: *Como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim nós vivamos uma vida nova* (Rm. 6, 4). Como ressuscitou Cristo? São Paulo o diz logo: *Sabendo que Cristo, ressuscitado dos mortos, não morre mais* (Rm. 6, 9). E mais adiante: *Assim também vós considerai-vos como estando mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Jesus Cristo* (Rm. 6, 11).

Adverte: Assim como Cristo morreu uma vez, do mesmo modo morra o pecado de uma vez em nós, e que não seja renovado. Assim como Cristo vive sempre, vivei também vós sempre pelas virtudes, e isto em Jesus Cristo Senho nosso; fora d'Ele não há nenhuma esperança.

Sabemos que a vida se manifesta pelo movimento, por isso a vida velha se mostra pelo movimento das ações terrenas, das quais se disse: *Fixam em mim os seus olhos, para me derribarem por terra* (Sl. 16, 11) [Vg.]. Mas a vida nova se manifesta pelo movimento das ações celestiais, das quais disse o Apóstolo: *Se ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são lá de cima* (Cl. 3, 1). E a Glosa acrescenta: Pensai, retei com alegria as coisas aladas, e isso é o que disse São Paulo: *Pensai nas coisas do alto*.

-De Humanitate Christi

Sábado da Oitava da Páscoa

Provas da ressurreição espiritual

Cristo provou sua ressurreição de três maneiras: pela vista: *Olhai para as minhas mãos e pés* (Lc. 24, 39); pelo tato, pelo qual continua: *apalpai, e vede, porque um espírito não tem carne*; pela fome: *Mas, não crendo eles ainda e estando fora de si com a alegria que sentiam, perguntou-lhes: Tendes aqui alguma coisa que se coma?* (Lc. 24, 41). Do mesmo modo se demonstra a ressurreição espiritual.

I. Pelo aspecto da santidade: *Assim brilhe a vossa luz diante dos homens* (Mt 5, 16). Santo Agostinho diz: "Não ponha ali o homem seu fim, senão dirija-o ao louvor de Deus; daí que prossiga o Evangelista: *e glorifiquem o vosso Pai, que está nos céus*. O haver mostrado o Senhor as mãos e os pés significa que a ressurreição espiritual se manifesta pelo sentimento de amor divino e pelo efeito da boa obra. Por isso disse o Evangelista: *Tens a reputação de que vives, e estás morto* (Ap. 3, 1), a saber, por falta de amor divino e falta de boas obras".

II. Pelo contato da adversidade. Em vários lugares da escrituras se lê: *O forno prova os vasos do oleiro, e a prova da tribulação, os homens justos* (Eclo. 27, 6): *O ouro se prova na fornalha* (Pr. 27, 21), isto é, o homem é provado pela tribulação. *Chega-te aqui, meu filho, para que eu te apalpe* (Gn 27, 21). *As coisas, que antes a minha não queria tocar, agora pela aflição são o meu sustento* (Jó 6, 7). A isso disse a Glosa: "As coisas tristes do mundo são meu manjar por causa da angústia. Agora são manjares doces por causa do amor e do desejo do Céu". Quando o Senhor disse: *apalpai, e vede, porque um espírito não tem carne* (Lc. 24, 39), significa misticamente que o homem espiritual não se apoia nos consolos carnais, que faz que não tema padecer as asperezas da vida. *E a minha consolação seria que, afligindo-me com dor, não me perdoastes* (Jó 6, 10).

III. Pelo saborear da suavidade interior e eterna. *Afeiçoai-vos às coisas que são lá de cima* (Cl 3, 2). Por isso diz São Bernardo: "Aquele que depois das lamentações da penitência não retorna aos consolos carnais, senão que se abandona com confiança à misericórdia divina, e se adentra na devoção e gozo no Espírito Santo, e não tanto se compunge com a recordação dos pecados passados quanto se deleita em recordar e se inflama no desejo dos prêmios eternos, este certamente ressuscitará com Cristo; porque o deleite santo não é para aquele que está preocupado com os desejos mundanos. Nem podem mesclar-se as coisas verdadeiras às vãs, as eternas com as caducas, as espirituais com as carnais, as ínfimas com as sublimes, de modo que aprecie igualmente as do alto e as da terra".

Que o Senhor tome parte do peixe assado e do favo de mel que simboliza misticamente que os ressuscitados espiritualmente devem apreciar de antemão o dulçor de sua divindade e humanidade simbolizadas pelo peixe assado e pelo favo de mel. São Gregório diz: “Que cremos que significa o peixe assado, senão o crucificado mediador entre Deus e os homens? Ele se dignou ocultar-se nas águas do gênero humano, quis atar-se ao fio da morte, e foi como que assado pela tribulação no tempo de sua Paixão. Porém o que se dignou fazer-se peixe assado na Paixão, foi para nós favo de mel na ressurreição; e o que quis que a tribulação de sua Paixão fosse figurada no peixe assado, quis assim mesmo expressar as duas naturezas de sua pessoa no favo de mel; porque o favo é mel na cera; o mel na cera é a divindade na humanidade.”[8]

-De Humanitate Christi, LVII

8 Homil. XXIV, in Joan, XXI, 1-14.

Domingo da Oitava da Páscoa

Aparição de Cristo na oitava de Páscoa

Estando fechadas as portas da casa onde os discípulos se achavam juntos… foi Jesus, pôs-se no meio deles e disse-lhes: "A paz seja convosco" (Jo. 20, 19).

1º Segundo alguns, entrar estando as portas fechadas é próprio do corpo glorioso, porque dizem que, em virtude de certa condição de seu estado, pode estar simultaneamente com outro corpo no mesmo lugar, posto que é glorioso, e que isto se fez e pode-se fazer sem milagre. Porém esta opinião não tem consistência, e portanto há de dizer-se que isto o fez Cristo milagrosamente em virtude de sua divindade.

Santo Agostinho diz: "Perguntas como entrar estando as portas fechadas? Se compreendes o modo, não é milagre. Onde desfalece a razão, a fé tem o seu lugar".[9] E acrescenta: "Bem pôde entrar não estando abertas as portas o que ao nascer deixou intacta a virgindade de sua Mãe". Assim como seu nascimento da Virgem Mãe foi milagroso em virtude de sua divindade, igualmente o foi esta entrada no cenáculo.

Com isso se dá a entender misticamente que Cristo se nos aparece quando as portas, isto é, os sentidos exteriores, estão fechados na oração. *Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto, e, fechada a porta, ora a teu Pai em segredo* (Mt. 6, 6).

Também se descreve a disposição dos discípulos, para que a imitemos. Estavam reunidos, o que não é isento de mistério. Cristo veio aos que estavam reunidos, o Espírito Santo desce sobre os reunidos, porque Cristo e o Espírito Santo não estão presentes senão naqueles que estão congregados em caridade. *Porque onde se acham dois ou três congregados em meu nome, aí estou eu no nome deles* (Mt. 18, 20).

2º *Veio Jesus e se pôs no meio dos discípulos*. Ele mesmo veio pessoalmente, como havia prometido: *Vou e voltarei a vós* (Jo. 14, 28). *Pôs-se no meio*, para mostrar a conformidade de sua natureza humana com a deles. *Pôs no meio* por condescendência, porque esteve entre eles como um deles; e para indicar-nos, por outro lado, que devemos estar no meio da virtude.

3º*E disse-lhes: "A paz esteja convosco"*. Esta saudação foi necessária, porque a paz dos discípulos estava muito perturbada por muitos motivos:

Com respeito a Deus, contra o qual haviam pecado, uns negando e outros fugindo. *A todos vós serei esta noite uma ocasião de escândalo porque está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho se dispersarão* (Mt. 26, 31). Contra isto lhes propôs a

9 Serm. De pass.

paz da reconciliação com Deus. *Fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho* (Rm. 5, 10). Essa reconciliação a levou a cabo por sua Paixão.

Com respeito a eles mesmos, porque estavam tristes e vacilantes na fé, e também lhes propôs esta paz: *Gozam muita paz os que amam a tua lei* (Sl. 119, 165).

Finalmente, com respeito às pessoas exteriores, pois sofriam perseguição da parte do judeus, e contra isto lhes diz: *A paz seja convosco*.

-In Joan., XX

Segunda-feira depois do Primeiro Domingo de Páscoa

A paz de Cristo

“Dou-vos a minha paz; não vo-la dou, como a dá o mundo” (Jo. 14, 27).

I. A paz não é outra coisa que a tranquilidade na ordem. Porque se diz que algumas coisas têm paz, quando a ordem delas permanece imperturbável. No homem a ordem é tríplice: do homem com respeito a si mesmo, do homem com respeita a Deus, do homem com respeito ao próximo. E assim existe no homem uma tripla paz: uma, pela qual está tranquilo em si mesmo, sem perturbação de suas faculdades; outra, pela qual o homem tem paz com Deus, submetendo-se totalmente a suas disposições; a terceira, com respeito ao próximo.

Deve-se advertir que em nós devem ser ordenadas três coisas: o entendimento, a vontade e o apetite sensitivo, isto é, que a vontade seja dirigida segundo o espírito ou a razão; o apetite sensitivo segundo a vontade e o entendimento. Por isso, ao definir Santo Agostinho a paz dos santos, diz: “A paz é a serenidade do espírito, a tranquilidade da alma, a sensibilidade do coração, o vínculo do amor, o laço da caridade”; neste sentido a serenidade do espírito se refere à razão, a qual deve ser livre, não atada, nem absorvida por algum afeto desordenado; a tranquilidade da alma se refere à sensibilidade, que deve estar livre da moléstia das paixões; a simplicidade do coração se refere à vontade, qual deve ser levada totalmente a Deus, seu objeto; o vínculo do amor se refere ao próximo, e o consórcio da caridade de Deus.

Os santos têm aqui e terão no futuro essa paz, porém aqui de uma maneira imperfeita, pois não podemos aqui ter paz sem qualquer espécie de perturbação nem com nós mesmo, nem com Deus, nem com o próximo; porém no futuro possuiremos perfeitamente a paz, quando reinarmos sem inimigos, onde nunca poderemos estar em desacordo.

II. Quando diz: *não vo-la dou, como a dá o mundo*, distingue sua paz da paz do mundo. Em três coisas se distingue a paz dos santos da paz do mundo:

1º Quanto a intenção. Porque a paz do mundo se ordena ao gozo tranquilo e pacífico das coisas temporais, pelo qual sucede às vezes quando coopera com os homens para pecar. Mas a paz dos santos se ordena aos bens eternos. O sentido é: *não vo-la dou, como a dá o mundo*, isto é, não para o mesmo fim, pois o mundo a dá para possuir tranquilo os bens exteriores; porém eu lhas dou para alcançardes os eternos.

2º Quanto à dissimulação e à verdade, porque a paz do mundo é simulada, e só existe por fora; *Os quais falam de paz com o seu próximo, mas no seu coração têm a*

maldade (Sl. 28, 3); mas a paz de Cristo é verdadeira porque é interior e exterior. Assim, pois, *não vo-la dou, como a dá o mundo*, significa: não dou a paz emulada, senão que verdadeira

3º Quanto à perfeição, pois a paz do mundo é imperfeita, já que unicamente o é quanto ao descanso exterior do homem e não do interior; mas a paz de Cristo tranquiliza interior e exteriormente. *Gozam muita paz os que amam a tua* (Sl. 117, 165).

-In Joan., XIV, 27

Terça-feira depois do Primeiro Domingo de Páscoa

A sabedoria celestial

Se ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são lá de cima, onde Cristo está sentado à destra de Deus; afeiçoai-vos às coisas que são lá de cima, não às que estão sobre a terra (Cl. 3, 1-2).

É um benefício o haver ressuscitado com Cristo ressurgente, e isto por dois motivos; pela esperança de nossa ressurreição corporal, e porque ressuscitando com Ele, somos restaurados à vida de justiça. O *qual foi entregue pelos nossos pecados e ressuscitou para nossa justificação* (Rm. 4, 25).

I. Se nos ensina, portanto, a ter reta intenção do fim, e em primeiro lugar quer o Apóstolo que cada um tenha em vista principalmente o fim. Pois disse: *Se ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são lá de cima*. E São Mateus: *Buscai, pois, em primeira lugar, o Reno de Deus e a sua justiça* (6, 33). Pois este é o fim. *Uma só coisa pedi ao Senhor, esta solicitarei, é que habite eu na casa do Senhor* (Sl. 26, 4). Por conseguinte, buscai o lugar *onde Cristo está sentado à destra de Deus*. Cristo está sentado à direita, porque enquanto homem está entre os melhores bens do Pai, mas enquanto Deus está em igualdade com ele. E assim também há esta ordem em vós, a saber que assim como Cristo morreu e ressuscitou e deste modo foi levado para a direita de Deus, assim vós estais mortos ao pecado, para que depois vivais a vida de justiça e assim sejais levados à glória.

O bem, nós ressuscitamos por Cristo, mas se Ele está sentado ali, nosso desejo deve dirigir-se a Ele. *Onde estiver um cadáver aí se ajuntarão as águias* (Mt. 24, 28) e *onde está o teu tesouro, aí está também o teu coração* (Mt. 6, 21).

II. É necessário julgar as demais coisas com respeito ao fim; e por isso disse: *afeiçoai-vos às coisas que são lá de cima* (Cl. 3, 2). Pensa nas coisas do alto o que ordena sua vida conforme às razões celestiais, e segundo elas julga tudo o mais. *Esta é a sabedoria que descende de cima* (Tg. 3, 17). Pensa nas coisas da terra o que ordena e julga todas as coisas segundo os bens terrenos, considerando-os como bens supremos. E a sua glória é confusão para eles, que gostam somente das coisas terrenas (Fl. 3, 19).

E dá a razão quando diz: *Estais mortos e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus* (Cl. 3, 3). Como se dissesse: Não saboreeis as coisas terrenas, porque estais mortos para à vida terrenas. O homem morto para esta vida não conhece as coisas deste mundo, assim vós, se estais mortos com Cristo, o estais também aos elementos

deste mundo. *Considerai-vos como estando mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Jesus Cristo* (Rm, 6, 11).

Existe, portanto, outra vida oculta. Por isso diz: *E vossa vida está escondida*. Essa vida a adquirimos por meio de Cristo. *Cristo morreu uma vez pelos nossos pecados* (1Pd. 3, 18). Mas como esta vida existe por Cristo, e Cristo está oculto para nós, porque está na glória de Deus Pai, do mesmo modo a vida, que por Ele se nos dá, está escondida onde Cristo está, na glória de Deus Pai. *Quão grande é, Senhor, a tua bondade, que tens reservada para os que te temem!* (Sl. 30, 20). Por isso quando diz: *Quando aparecer Cristo, que é a vossa vida*, porque Ele é autor de vossa vida, e porque vossa vida consiste em seu amor e conhecimento, *então também vós aparecereis*. E o Evangelista diz: *Quando Ele se manifestar, seremos semelhantes a Ele* (1Jo. 3, 2).

-In Col., III

Quarta-feira depois do Primeiro Domingo de Páscoa

A graça, ou princípio da nova vida

I. Porque o fim último da criatura racional (que é o mesmo Deus visto em sua essência) sobrepassa a capacidade de sua natureza, e os meios devem ser proporcionais ao fim, segundo a reta ordem da Providência, segue-se que os auxílios também devem ser conferidos por Deus à criatura racional, não somente aqueles que são proporcionais à natureza, senão também os que sobrepassam a capacidade da natureza. Donde provém que, ademais da faculdade natural da razão, se impõe divinamente ao homem a luz da graça pela qual o homem é aperfeiçoado interiormente para a virtude, e isto quanto ao conhecimento, posto que ao ser elevado o espírito do homem por esta luz, pode conhecer o que excede a razão; e também quanto à capacidade de agir e de amar, posto que por esta luz o coração do homem se eleva acima de todo o criado até amar a Deus e esperar n'Ele, e executar tudo o que requer este amor.

II. Estes dons ou auxílios dados ao homem, sobrenaturalmente, chamam-se gratuitos por duas razões:

1ª Porque Deus os dá gratuitamente. Com efeito, nada há no homem que possa exigir com justiça a doação de tais auxílios, posto que sobrepassam a capacidade da natureza humana.

2ª Porque o homem se faz grato a Deus de um modo especial, por estes dons. Assim como o amor de Deus é causa da bondade que há nas coisas – e não que o dom tenha sido provocado por uma bondade preexistente nelas, como o é nosso amor -, é necessário que, com respeito àqueles a quem dá alguns efeitos especiais de bondade, se considere uma razão especial de amor divino. Por isso se diz que Deus ama principal e absolutamente àqueles sobre quem derrama tais afetos de bondade, pelos quais chegam ao fim último, que é Ele mesmo, fonte de toda bondade.

-Ad Regin.

III. Somente Deus dá a graça. *Graça e glória dá o Senhor* (Sl. 84, 12). Porque o dom da graça excede toda capacidade da natureza criada, já que a graça não é outra coisa que uma participação na natureza divina. Daí que seja impossível que uma criatura cause a graça. Portanto, necessariamente, só Deus deifica, comunicando o consórcio da natureza divina por uma certa participação de semelhança, do mesmo modo que é impossível que outra coisa queime, a não ser o fogo.

A humanidade de Cristo é uma espécie de órgão de sua divindade. Pois bem, um instrumento não produz a ação do agente principal por virtude própria, senão que por virtude do agente principal. Por conseguinte, a humanidade de Cristo não causa a graça por sua própria vontade, senão que por virtude da divindade unida a ela, e pela qual as ações de humanidade de Cristo são louváveis. Igualmente nos sacramentos da nova lei, a graça é causada instrumentalmente, pelos mesmos sacramentos, porém principalmente pela virtude do Espírito Santo que age nos sacramentos.

-S. Th., Iª IIªº, q. 112, ª. 1

Quinta-feira depois do Primeiro Domingo de Páscoa

A água viva

Te daria uma água viva (Jo. 4, 10).

I. Por água se entende a graça do Espírito Santo. Algumas vezes se chama fogo, outras água, para significar que nem esta nem aquele se tomam pela propriedade de sua substância, mas por sua semelhança de ação; pois se diz fogo, por elevar o coração pelo fervor e calor: *Fervorosos de espírito* (Rm. 12, 11); e porque consome os pecados: As suas lâmpadas são lâmpadas de fogo e de chamas (Ct. 8, 6).

Porém se chama água porque purifica: *Derramarei sobre vós uma água pura, e sereis purificados de todas as vossas imundícies* (Ez. 36, 25). Porque esfria o ardor das tentações: *A água apaga o fogo ardente* (Eclo. 3, 33). E porque apaga a sede dos bens terrenos e de qualquer coisa temporal: *Todos vós os que tendes sede, vinde às águas* (Is. 55, 1).

II. Existem duas variedades de água: a viva e a não viva. Água não viva é a que não está unida ao princípio de onde brota, senão que se recolhe com a chuva ou se guarda nas lagunas ou cisternas, e se conserva separada do seu princípio. A água viva é a que corre e flui da fonte.

Segundo isto, a graça do Espírito Santo se chama retamente água viva porque a graça do Espírito Santo se dá ao homem de tal modo que se lhe dá a mesma fonte da graça, quer dizer, o Espírito Santo; e ainda mais por Ele se dá a graça como disse o Apóstolo: *A caridade de Deus está derramada em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi dado* (Rm. 5, 5). Porque o Espírito Santo é fonte inesgotável da qual brotam todos os dons das graças. *Todas estas coisas as opera um só e o mesmo Espírito* (1Cor. 12, 11). Daí que se alguém tem um dom do Espírito Santo e não possui este Espírito, a água não é contínua desde o princípio, e por conseguinte é água morta e não viva. A fé sem obras é morta (Tg. 2, 20).

-In Joan., IV

Sexta-feira depois do Primeiro Domingo de Páscoa

Desejo da água viva

Se tu conheceras o dom de Deus, e quem é que te diz: Dá-me de beber, tu talvez lhe pedirias, e Ele te daria uma água viva (Jo. 4, 10).

I. Nos adultos se chega a possuir a água viva, isto é, a graça, pelo desejo, quer dizer, pedindo-a: *O Senhor ouviu o desejo dos pobres* (Sl. 9, 17), pois a graça não se dá sem uma petição e um desejo. Por isso dizemos que na justificação do ímpio se requer o livre-arbítrio para detestar os pecados e desejar a graça, segundo aquilo de São Mateus: *Pedi e vos será dado* (7, 7). Para tanto se requer o desejo que até mesmo o Filho é convidado a pedir: *Pede-me, e eu te darei* (Sl. 2, 8). Pelo que, o que resiste à graça, não a recebe, se primeiro a não deseja, como sucedeu com São Paulo, que antes de receber a graça, foi reduzido a desejá-la, dizendo: *Senhor, que queres tu que eu faça?* (At. 9, 6). Por isso claramente se diz: *Tu talvez lhe pedirias*. *Talvez*, por causa do livre-arbítrio, pelo qual o homem algumas vezes pede e deseja a graça, e outras não.

II. Duas coisas movem o desejo do homem a pedir a graça, a saber: o conhecimento do bem desejável, e o conhecimento do que a graça lhe dá, e por isso propõe conhecer duas coisas:

1ª O dom mesmo. Por isso diz: *Se conheceras o dom de Deus*, o qual é todo desejável, e procede do Espírito Santo. *Eu sabia que não podia obter a sabedoria, se Deus ma não desse* (Sb. 8, 21). Este é o dom de Deus.

2º O doador. Por isso diz: *e quem é que te diz*, etc… isto é: se conhecesses ao que pode dar, que sou eu. *Quando, porém, vier o Consolador, que eu vos enviarei do Pai… Ele dará testemunho de mim* (Jo. 15, 26). E o Apóstolo diz: *distribuiu dons aos homens* (Ef. 4, 8).

-In Joan., IV

Sábado depois do Primeiro Domingo de Páscoa

A sede da água viva

O que beber da água que eu lhe der, jamais terá sede (Jo. 4, 14).

A esta passagem parece opor-se aquela outra do Eclesiástico: *Aqueles que me bebem terão ainda sede* (24, 29). Como, pois, jamais terá sede quem beber desta água, isto é, da sabedoria divina, quando diz a mesma sabedoria: *os que me bebem terão ainda sede?*

Ambas as coisas são verdadeiras, pois quem bebe da água que Cristo dá todavia tem sede, e ao mesmo tempo não tem sede; porém o que bebe da água material terá sede outra vez. Isto se dá por duas razões:

1ª Porque a água material não é perpétua, nem tem causa perpétua, isto é, o Espírito Santo, que é fonte inesgotável de vida. Por isso, o que dela bebe não terá sede jamais, do mesmo modo que jamais teria sede o que tivesse em si uma fonte de água viva.

2ª Pela diferença entre as coisas espirituais e as temporais. Pois que ainda que umas e outras produzam sede, no entanto esta é manifestada de maneira diversa. Porque o temporal, uma vez possuído, não produz certamente sede de si mesmo, mas sim de outras coisas; mas o espiritual acaba a sede de outras coisas, e produz sede de si mesmo. A razão disto se funda em que o temporal se estima como de grande valor e suficiente, antes de ser possuído; porém uma vez que se tem, como não se encontra tanto valor, nem suficiente para aquietar o desejo, não sacia este desejo, senão que provoca o desejo de possuir outra coisa.

O espiritual não é conhecido senão quando se lhe possui. *Ninguém conhece, senão quem o recebe* (Ap. 2, 17). E, portanto, não provoca nenhum desejo antes de ser possuído; porém quando se lhe tem e se lhe conhece, então deleita o coração e move o desejo, não certamente para possuir outra coisa, senão que como é saboreando imperfeitamente por causa da imperfeição do que lhe recebe, provoca uma possessão perfeita. Desta sede se diz: *A minha alma tem sede de Deus, de Deus vivo*[10](Sl. 41, 3). Esta sede não se elimina de todo neste mundo, porque não podemos perceber os bens espirituais nesta vida; e por conseguinte, aquele que beber desta água todavia teria sede, certamente, de sua perfeição; porém não terá jamais sede jamais, como se faltasse a água, pois como se diz no Salmo 35, 9: *Saciam-se com a abundância da tua casa*. Com efeito, na vida da glória, onde os bem-aventurados bebem perfeitamente a água da graça divina, não terão sede jamais. *Bem-aventurados os que tem fome e sede da justiça, porque serão saciados* (Mt. 5, 6) na vida da glória.

-In Joan., IV

10 Santo Tomás diz: Sedenta está minha alma de Deus, fonte viva.

Segundo Domingo de Páscoa

Adoção divina

Deus enviou seu Filho… para que recebêssemos a adoção de filhos (Gl. 4, 4-5)

1º A adoção divina se transfere às coisas divinas por semelhança das humanas. Pois se diz que um homem adota a alguém como filho, quando gratuitamente dá o direito de obter sua herança ao que não lhe corresponde por natureza. Se diz herança de um homem aquela pela qual é rico; porém aquilo pelo que Deus é rico é o gozo de si mesmo, pois por isso é bem-aventurado e, assim, essa é a sua herança. Nesse sentido, se diz que Deus adota por filho a alguém, posto que aos homens, que por suas forças naturais não podem chegar ao gozo mencionado, lhes dá a graça com a qual o homem merece aquela bem-aventurança para que desse modo lhe corresponda o direito àquela herança.

Acontece, na adoção humana, que por ela se divide a herança, porque não pode ser possuída simultaneamente por muitos. Mas a herança celestial é possuída simultaneamente em sua totalidade pelo pai adotante e por todos os filhos adotados; por isso não há ali nem divisão nem sucessão.

2º Nossa adoção é por graça. O homem, dado que é produzido por criação para participar do entendimento, é produzido como à semelhança da espécie do mesmo Deus; pois o que constitui o grau supremo, segundo o qual a natureza criada participa da semelhança da natureza incriada, é a intelectualidade, e portanto somente a criatura racional se diz criada à imagem de Deus. Logo somente a criatura racional alcança o nome de filiação pela criação.

Porém a adoção requer que o adotado adquira o direito à herança do adotante. Mas a herança do mesmo Deus é sua mesma bem-aventurança, da qual só é capaz a criatura racional; porém não a adquire só pelo fato da criação, senão pelo dom do Espírito Santo. Donde resulta evidente que a criação não dá às criaturas irracionais nem a adoção nem a filiação; e à criatura racional lhe dá certamente a filiação, porém não a adoção.

Porque a comunicação de alguns bens não basta para a adoção, senão a herança. Pelo qual não se diz que uma criatura é adotada por isto de que Deus lhe comunica alguns bens, se não lhe comunica também a herança, que é a divina bem-aventurança.

Porém, Cristo de nenhuma maneira pode chamar-se Filho de adoção, pois por natureza, já que nasce eternamente do Pai, lhe corresponde o direito à herança

paterna, e tudo o que tem o Pai é seu. Por isso não adquire esse direito por uma graça que sobrevém.

-3 Dist. X, q. 2, ª 1 e 2

Segunda-feira depois do Segundo Domingo da Páscoa

Morada das pessoas divinas na alma

I. Diz-se da divina Sabedoria: *Envia-a dos teus santos céus, envia-a do trono da tua glória* (Sb. 9, 10).

Por meio da graça santificante toda a Trindade habita na alma, segundo aquilo do Evangelista: *Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, nós viremos a ele, e faremos nela a nossa morada* (Jo. 14, 23). Uma Pessoa Divina ser enviada a alguém pela graça invisível significa que há um novo modo d'Ela habitar nele, e também mostra sua origem de outra Pessoa Divina.

Logo, posto que tanto ao Filho como ao Espírito Santo convém morar pela graça e proceder de outro, é próprio de ambos ser invisivelmente enviados.

Quanto ao Pai, se bem que habite em nós pela graça, não lhe convém proceder de outro, nem, por conseguinte, ser enviado.

A alma se assemelha a Deus pela Graça. Assim, pois, para que uma pessoa divina seja enviada a alguém por sua graça, é preciso que se assimile à pessoa divina, enviada por algum dom da graça. E como o Espírito Santo é amor, a alma se assemelha ao Espírito Santo pelo dom da caridade. Portanto, a missão do Espírito Santo é considerada segundo o dom da caridade. Porém o Filho é Verbo, e não um verbo qualquer, senão aquele do qual emana o amor. Assim, pois, o Filho não é enviado segundo qualquer perfeição intelectual, senão segundo tal ilustração do intelecto que o faça prorromper em afeto de amor. *Na minha meditação acendiam-se chamas de fogo* (Sl. 38, 4). Por isso diz Santo Agostinho que "O Filho é enviado, quando é conhecido e percebido por alguém".[11] Mas a percepção significa certo conhecimento experimental. E isto é o que propriamente se chama sabedoria, como *ciência de experiência feita*.

II. Quando tem lugar a missão. A missão importa em sua razão que aquele que é enviado comece a estar onde antes não estava, ou onde já estava, ainda que de um modo novo; e segundo este modo se atribui amissão às Pessoas divinas. Assim, naquele a quem se dirige a missão há que considerar duas coisas: a inabitação da graça, e certa renovação por ela. Para todos aqueles em quem se dão estas duas coisas, se faz a missão invisível.

Esta missão se faz segundo o proveito na virtude ou o aumento da graça. No entanto, a missão invisível se considera principalmente segundo esse aumento de graça,

11 De Trin., 1. IV, c. 20.

quando alguém se adianta para algum novo ato ou estado de graça, como sucede, por exemplo, quando alguém chega a obter a graça de fazer milagres, ou de profetizar, ou de se expor ao martírio movido pelo fervor da caridade, ou de renunciar a quanto possui, ou empreender qualquer outra empresa árdua.

III. A missão tem lugar somente segundo o dom da graça santificante. Convém a uma pessoa divina ser enviada somente para existir de um modo novo em algo; e o ser dada, com o fim de ser recebida por alguém; nem num nem noutro conceito se realiza senão pela graça santificante. Porque há um modo comum de estar Deus em todas as coisas por essência, potência e presença, como a causa nos efeitos que participam de sua bondade.

Ademais deste modo comum há um especial, que convém à natureza racional, na qual se diz estar Deus como o conhecido em quem o conhece, e o amado no amante.
E porque, conhecendo e amando a criatura racional, toca por sua operação ao mesmo Deus, segundo este modo especial não somente se diz que Deus está nela, senão que mora nela, como em seu templo.

Não há, pois, outro efeito senão a graça santificante, que possa ser razão de que uma pessoa divina esteja de um novo modo na criatura racional.

Por outro lado, somente se diz que possuímos aquilo de que livremente podemos usar ou desfrutar, e o poder de desfrutar de uma pessoa divina somente se verifica segundo a graça santificante, ainda que no dom desta graça recebe o homem ao Espírito Santo e este habita nele. Por conseguinte, o Espírito Santo mesmo é dado e enviado.

-S. Th., 1ª, q. 43, ª 5, 6 e 3

Terça-feira depois do Segundo Domingo da Páscoa

A perfeição espiritual

Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens, e dá-o aos pobres, e… vem e segue-me (Mt. 19, 21).

A perfeição da vida espiritual há de medir-se com a caridade; quem carece dela não será nada espiritualmente, como diz o Apóstolo (1Cor. 13, 1-3). Por esta perfeição se diz absolutamente que alguém é perfeito. Por isso está dito: *Sobretudo, porém, tende caridade, que é o vínculo da perfeição* (Cl. 3, 14). O amor tem uma força de transformação, pela qual o que ama se transforma de certo modo no amado. Por isso se diz Dionísio: "É o amor divino o que produz o êxtase, não consentindo que os que amam se pertençam a si mesmos, senão às pessoas amadas".

E porque o todo e o perfeito são a mesma coisa, possui perfeitamente a caridade aquele que se transforma totalmente em Deus pelo amor, pospondo-se totalmente a si mesmo e a todas as suas coisas por Deus. Por isso diz Santo Agostinho que assim como o amor próprio leva à cidade da Babilônia até o desprezo de Deus, assim mesmo o amor de Deus leva à cidade de Deus até o desprezo de si mesmo; e em outro lugar diz que a perfeição da caridade consiste em não ter nenhuma paixão pelas coisas criadas. Também diz São Gregório que quando alguém oferece uma coisa a Deus e não lhe oferece outra, faz um sacrifício; porém quando oferece a Deus onipotente tudo o que tem, tudo o que vive, tudo o que desfruta, faz um holocausto.

Quando alguém tem a alma de tal modo afetada em seu interior que se despreza a si mesmo e a todas suas coisas por Deus, conforme àquilo do Apóstolo: *Porém, aquelas coisas que eu considerara como lucro, considerei-as como perdas por amor de Cristo… pelo qual renunciei a todas as coisas e as considero como esterco, para ganhar a Cristo* (Fl. 3, 7-8), esse sim é perfeito, ou seja religioso, ou secular, ou clérigo, ou leigo, ou inclusive esteja unido em Matrimônio. Porque Abraão era casado e rico, e lhe disse o Senhor: *Anda em minha presença e sê perfeito* (Gn. 17, 1).

Se queres ser perfeito: não que sejas perfeito de instante, senão que terás certo princípio de perfeição, porque, descarregado destas coisas (as terrenas), mais facilmente poderás contemplar as celestiais. Disse Santo Agostinho que as vigílias e outras austeridades são instrumentos de perfeição, porém a perfeição consiste no que se diz em seguida: *e segue-me*. Por conseguinte, o amor de Deus é a perfeição, porém o abandono das coisas é o caminho para a perfeição. De qual maneira? Diz Santo Agostinho que o aumento da caridade é diminuição da ambição terrena; a perfeição da caridade é a negação total da ambição terrena. Logo, é perfeito na caridade o que ama a Deus até o desprezo de si mesmo e de suas posses.

-In Joan., XIX

Quarta-feira depois do Segundo Domingo de Páscoa

O homem espiritual

Porém o homem espiritual julga todas as coisas, e não é julgado por ninguém (1Cor. 2, 15).

I. Vejamos quem é o homem espiritual. Mas advirtamos antes que acostumamos chamar espíritos às substâncias incorpóreas; e porque há uma parte da alma que não é o princípio de existência de algum órgão corporal, quer dizer, a parte intelectiva que compreende a inteligência e a vontade, esta parte da alma é chamada espírito de homem, o qual, não obstante, é iluminado pelo Espírito de Deus, quanto ao entendimento, e inflamada na parte afetiva e na vontade.

Homem espiritual se dirá, pois, em dois sentidos:

1º Pela inteligência, iluminada pelo Espírito de Deus; e neste sentido diz a Glosa que o homem espiritual é o que, sujeito ao espírito de Deus, conhece certíssima e fielmente as coisas espirituais.

2º Pela vontade, inflamada pelo Espírito de Deus; e neste sentido diz a Glosa que a vida espiritual é a que, tendo por dirigente o Espírito de Deus, rege a alma, isto é, as forças animais. *Vós, que sois espirituais, admoestai-o com espírito de mansidão* (Gl. 6, 1).

II. Consideremos por que o homem espiritual julga todas as coisas, e ele não é julgado por ninguém. Deve advertir-se aqui que quem retamente se conduz em todas as coisas, tem juízo reto acerca de cada uma delas. Ao contrário, o que tem em si deficiência de retidão, também é defeituoso ao julgar. Pois o que está desperto julga retamente que ele vela e que o outro dorme. Mas o que dorme não possui um juízo verdadeiro sobre si mesmo, nem sobre o que vela, e as coisas não são tais como as vê o que dorme, senão coo as vê o que está desperto.

Sucede o mesmo com o que está são e o que está enfermo, para julgar dos sabores; como o que é débil e o que é forte, para julgar dos pesos; com o virtuoso e vicioso, para julgar os atos humanos. Por isso diz o filósofo Aristóteles que o virtuoso é regra e medida de todas as coisas humanas, porque nas coisas humanas as ações particulares são tais como as julga o virtuoso.

Segundo isto diz aqui o Apóstolo que *o homem espiritual julga todas as coisas*, porque o homem que tem o entendimento ilustrado e o coração ordenado pelo Espírito Santo possui um critério reto acerca de cada uma das coisas que pertencem à

salvação. Ao contrário, o que não é espiritual tem obscurecido o entendimento e desordenado o afeto acerca dos bens espirituais, e, por conseguinte, o homem espiritual não pode ser julgado pelo homem que não é espiritual, do mesmo modo que o que está desperto não pode sê-lo pelo que dorme.

Mas o homem natural não percebe aquelas coisas que são do Espírito de Deus (1Cor. 2, 14). O Espírito Santo inflama o coração para que ame os bens espirituais, desprezando os bens sensíveis; mas o que é de vida animal não pode apreciar os bens espirituais, pois como é cada um, tal lhe parece o fim.

-In I Cor., II

Quinta-feira depois do Segundo Domingo de Páscoa

Regeneração espiritual por meio do Batismo

1º O Batismo tira todo o pecado.

Como diz o Apóstolo: *Todos os que fomos batizados em Jesus Cristo, fomos batizados na sua morte* (Rm. 6, 3); e depois conclui: *E assim também vós considerai-vos como estando mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Jesus Cristo* (Rm. 6, 11). Donde se deduz que pelo Batismo morre o homem para o antigo pecado e começa a viver a novidade da graça. Mas como todo pecado pertence à primitiva velhice, segue-se que todo pecado fica apagado pelo batismo.

2º O Batismo desfaz totalmente a ligação com o pecado. Porque pelo Batismo o homem é incorporado à Paixão e Morte de Cristo, segundo aquilo: *Se morremos com Cristo, creiamos que viveremos também juntamente com Cristo* (Rm. 6, 8). Donde resulta que a todo batizado se lhe comunica para seu remédio a Paixão de Cristo, como se ele mesmo houvesse padecido e morrido. Porém a Paixão de Cristo é suficiente satisfação por todos os pecados de todos os homens, e por isso o que é batizado se livra da ligação de toda a pena devida pelos pecados, como se ele mesmo houvesse satisfeito suficientemente por todos os seus pecados.

3º O Batismo confere a graça e as virtudes. O Apóstolo diz: *Salvou-nos mediante o Batismo de regeneração*, isto é, pelo Batismo, *e de renovação do Espírito Santo, que Ele difundiu sobre nós abundantemente*, quer dizer, para perdão dos pecados e abundância das virtudes (Tt. 3, 5-6). Assim, pois, no Batismo se dão a graça do Espírito Santo e a abundância de virtudes. Por outra parte, o Batismo tem poder para que os batizados se incorporem a Cristo como membros seus. Da cabeça, Cristo, deriva a plenitude da graça e da virtude a todos os membros, segundo aquilo de São João: *De sua plenitude nós recebemos tudo* (1, 16).

4º O Batismo confere a fecundidade das boas obras.

Com efeito, pelo Batismo somos regenerados à vida espiritual que se obtém pela fé em Cristo: Mas a vida só pertence aos membros unidos à cabeça, da qual recebem a sensibilidade e o movimento. Por conseguinte, é necessário que pelo Batismo se nos incorporemos a Cristo como um dos seus membros. E assim, como da cabeça natural deriva aos membros o sentimento e o movimento, do mesmo modo, da cabeça espiritual, que é Cristo, deriva a seus membros o sentido espiritual, que consiste no conhecimento da verdade, e o movimento espiritual, que vem do influxo da graça. Pelo qual diz São João: *vimos a sua glória (do Verbo), glória como de Filho*

Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade… e de sua plenitude nós recebemos tudo (Jo. 1, 14-16).

Segue-se, pois, que os batizados são iluminados por Cristo, pelo conhecimento da verdade, e fecundados por Ele com a fecundidade das boas obras por infusão da graça.

-S. Th. IIIª., q. 69

Sexta-feira depois do Segundo Domingo de Páscoa

Penalidades da vida presente

O Batismo tem a virtude de tirar as penalidades da vida presente; porém não as tira durante a presente vida, senão que por sua virtude serão tiradas aos justos na ressurreição: *Quando, pois, este corpo mortal estiver revestido da imortalidade* (1Cor. 15, 54). E isto com razão:

1º Porque pelo Batismo se incorpora o homem a Cristo, e se faz membro seu. Assim, é conveniente que se verifique no membro incorporado o que se verificou na cabeça. Mas Cristo desde o princípio de sua concepção esteve cheio de graça e de verdade; e, não obstante, teve um corpo passível, que ressuscitou à vida gloriosa depois de sua Paixão e Morte. Por conseguinte, também o cristão consegue no Batismo a graça quanto à alma; tem, no entanto, um corpo passível, com o que possa padecer por Cristo, porém, finalmente, será ressuscitado para uma vida impassível. Por isso que o Apóstolo diz: *E, se o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dos mortos, habita em vós, Ele, que ressuscitou a Jesus Cristo dos mortos, também dará vida aos vossos corpos mortais, por meio do seu Espírito, que habita em vós* (Rm. 8, 11); e pouco depois acrescenta *Herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo; mas isto, se sofrermos com Ele, para sermos com Ele glorificados* (Rm. 8, 17).

2º Isto é conveniente pelo exercício espiritual, ou seja, a fim de que, lutando o homem contra o homem contra a concupiscência e contra as outras paixões, receba a coroa da vitória. Por isso, comentando estas palavras: *A fim de que seja destruído o corpo do pecado* (Rm. 6, 6), diz a Glosa: "Se depois do Batismo continua o homem vivendo nesta terra, tem que lutar contra a concupiscência com a qual combate, e avence com a ajuda de Deus". Isto é o que está prefigurado nestas palavras: *Estas são as gentes que o Senhor deixou para provar por meio delas Israel, todos aqueles que não tinham conhecido as guerras dos Cananeus, a fim de que as gerações de Israel aprendessem a combater contra os inimigos, se habituassem a pelejar* (Jz. 3, 1-2).

3º Foi, ademais, conveniente para que os homens não se aproximassem do Batismo com o fim de obter a impassibilidade da vida presente no lugar de aproximar-se para alcançar a vida eterna. Pelo que diz o Apóstolo: *Se somente nesta vida esperamos em Cristo, somos os mais miseráveis de todos os homens* (1Cor. 15, 9).

Comentando a expressão da Carta aos Romanos 6, 6, diz a Glosa: Da mesma maneira que quem faz prisioneiro a um inimigo ferocíssimo, não o mata no ato, senão que o deixa viver algum tempo com desonra e sofrimento, assim Cristo primeiro nos ligou à pena, para desligar-nos dela no futuro.

Cristo destruiu completamente a pena infernal, de modo que não a experimentem os batizado e os verdadeiramente arrependidos; porém não suprimiu de todo a pena temporal: já que permanece a fome, a sede, a morte e outras semelhantes; porém destruiu seu reino e seu domínio, de tal modo que o homem não lhes tema, e as destruirá totalmente no último dia.

-S. Th. IIIª q. 69 a. 3

Sábado depois do Segundo Domingo de Páscoa

O sacramento da Confirmação

1° A Confirmação é um sacramento.

Onde se apresente algum efeito especial da graça, se ordena um sacramento especial, e pelas coisas que se fazem na vida podemos formar uma ideia das que existem na vida espiritual da graça. É evidente que na vida corporal há certa perfeição especial que faz chegar o homem à idade perfeita que se lhe permite fazer ações perfeitas de homem, pelo que diz o Apóstolo: *Quando me tornei homem feito, dei de mão às coisas que eram de menino* (1Cor. 13, 11). Do que se deduz que, fora do movimento da geração pelo qual alguém recebe a vida corporal, há um movimento de crescimento, pelo qual o homem é levado à idade perfeita. Do mesmo modo o homem recebe a vida espiritual por meio do Batismo, que é a regeneração espiritual; mas na Confirmação o homem recebe como que certa idade perfeita da vida espiritual.

2º A matéria conveniente é o Crisma, quer dizer, azeite e bálsamo.

Neste sacramento se dá a plenitude do Espírito Santo para o vigor espiritual, que compete à idade perfeita. Mas o homem, quando chega à idade perfeita, começa a comunicar suas ações aos outros, pois até então vive particularmente para si mesmo. Porém a graça do Espírito Santo é representada pelo azeite, pelo que se diz Cristo foi ungido *com óleo de alegria* (Sl. 45, 8) ao ter a plenitude do Espírito Santo. E por este motivo, o óleo corresponde à matéria deste sacramento. Mescla-se com o bálsamo pela fragrância do odor que espalha sobre os outros, e ainda que existam muitas substâncias olorosas, se emprega com preferência o bálsamo porque possui um olor excelente, e ademais preserva da corrupção.

3º A Confirmação imprime caráter.

O caráter é certo poder espiritual ordenado a algumas ações sagradas. Assim como o Batismo é uma regeneração espiritual à vida cristã, assim a Confirmação é certo crescimento espiritual. É evidente, pela semelhança da vida corporal, que uma é a ação do homem recém-nascido e outra a que lhe corresponde quando chega à idade perfeita. Por conseguinte, pelo sacramento da Confirmação se dá ao homem o poder espiritual para certas ações sagradas, ademais das que lhe foram dadas para outras ações no Batismo; porque no Batismo o homem recebe o poder para fazer as obras que pertencem a sua própria salvação, isto é, na medida em que vive para si mesmo; porém na Confirmação recebe o poder para fazer aquelas que pertencem à luta espiritual contra os inimigos da fé, como se vê pelo exemplo dos apóstolos, os quais,

antes de receber a plenitude do Espírito Santo, estavam no cenáculo perseverantes na oração; porém, depois, saindo dali, não se envergonhavam de confessar publicamente a fé mesmo diante dos inimigos da fé cristã. E por isso fica evidente que o sacramento da Confirmação imprime caráter.

-S. Th., IIIª., q. 72, a. 1, 2 e 5

Terceiro Domingo da Páscoa

Porque o sacramento da Confirmação administra-se na testa

Neste sacramento o homem recebe o Espírito Santo para fortificar-se na luta espiritual, a fim de confessar varonilmente a fé de Cristo entre os adversários da dita fé. E assim, é convenientemente marcado com o Crisma traçando-se uma cruz na testa.

1º Porque o Crisma se administra, certamente, com o sinal da cruz, pela qual triunfou nosso Rei, como o soldado é marcado com a insígnia de seu capitão, o qual deve ser evidente e manifesta. Entre todas as partes do corpo humano, a testa é a mais visível e, geralmente, nunca é coberta; por isso o confirmado é ungido na testa com o Crisma, para que manifeste com clareza que é cristão, como também os Apóstolos, depois de recebido o Espírito Santo, saíram do cenáculo onde estavam escondidos e se manifestaram a todo o mundo.

2º Porque alguém é impedido de confessar livremente o nome de Cristo por temor e por vergonha. As marcas destes sinais se manifestam sobretudo na testa por duas causas: pela proximidade da imaginação, e porque o movimento dos afetos sobe diretamente do coração à testa; por isso os que se envergonham franzem-na e os que temem empalidecem a tez. Portanto se unge ao cristão com o Crisma na testa para que nem por temor nem por vergonha deixe de confessar o nome de Cristo.

No princípio da fortaleza está o coração, porém o sinal aparece na testa, pelo qual se diz: *Vou tornar o teu rosto tão duro como o deles, a tua fronte tão dura como a sua* (Ez. 3, 8). Por isso o sacramento da Eucaristia, pelo qual o homem é confirmado em si mesmo, pertence ao coração, segundo aquilo: *Com o pão fortifique o seu coração* (Sl. 103, 15); porém o sacramento da Confirmação se requer como sinal da fortaleza, com respeito a outros, e, portanto, se ministra na testa.

-S. Th. IIIª., q. 71, a. 9

Segunda-feira depois do Terceiro Domingo de Páscoa

O sacramento da Eucaristia

O que come a minha carne e bebe o meu sangue, tem a vida eterna (Jo. 6, 54).

1. Este Manjar espiritual é semelhante ao corporal, por quanto sem ele não pode existir a vida espiritual, o mesmo que a vida corporal não existe sem o manjar corporal; porém, ademais, possui algo mais que o corporal, porque produz, naquele que o toma, vida indefectível, o que não faz o alimento corporal; pois o que o toma não está seguro de viver.

Com efeito, pode ocorrer, como diz Santo Agostinho, que os que lhe comem morram, seja por velhice, seja por doença ou outro acidente, enquanto que o que toma este manjar e bebe do corpo e do sangue do Senhor *tem vida eterna*, e por isso é comparado à árvore da vida. *É árvore da vida para aqueles que lançarem mão d'Ele* (Pr. 3, 18). Também se chama pão da vida: *O sustentará do pão de vida e de entendimento* (Eclo. 15, 3). Por isso diz: *vida eterna*. O qual significa que quem come este Pão tem em si a Cristo, que é verdadeiro Deus e vida eterna.

Possui vida eterna o que come e bebe, não somente sacramental, senão também espiritualmente, isto é, não somente tomando o sacramento, senão também chegando até a realidade do sacramento, de tal modo que se transforma nele e chega a fazer-se membro seu; já que este manjar não se converte no que o come, senão que converte em si ao que o toma, segundo o que diz Santo Agostinho: "Sou manjar dos grandes; cresce e me comerás; tu não me mudarias em ti, senão que tu te transformarias em mim". Por isso é um manjar que pode fazer divino ao homem, e embriagá-lo na divindade.

Grande é, portanto, a utilidade deste manjar, porque dá à alma a vida eterna.

II. Mas é também grande a utilidade da Eucaristia, porque dá a vida eterna ao corpo. Por isso se acrescenta: *e eu o ressuscitarei no último dia*. Pois o que come e bebe espiritualmente, se faz participante do Espírito Santo, pelo qual nos unimos a Cristo com união de fé e de caridade, e pelo qual nos fazemos membros da Igreja. O Espírito Santo nos faz merecer a ressurreição. *E, se o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dos mortos, habita em vós, Ele, que ressuscitou a Jesus Cristo dos mortos, também dará vida aos vossos corpos mortais, por meio do seu Espírito, que habita em vós* (Rm. 8, 11).

Por isso diz o Senhor que ao que come e bebe o ressuscitará para a glória; não para a condenação, porque esta ressurreição não seria proveitosa. Com propriedade se

atribui tal efeito ao sacramento da Eucaristia; porque o Verbo ressuscitará as almas, mas o Verbo feito carne ressuscitará aos corpos. Neste sacramento não somente está o Verbo segundo sua divindade, senão também segundo a verdade da carne; e por conseguinte não é somente causa da ressurreição das almas, senão também dos corpos. Claramente se vê, pois, a utilidade desta manducação.

-In Joan, IV

Terça-feira depois do Terceiro Domingo da Páscoa

Atração de Deus e resposta do homem

I. *Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou, o não atrair; e eu o ressuscitarei no último dia* (Jo. 6, 44).

Verdadeiramente ninguém pode vir se não é atraído pelo Pai. Porque assim como um corpo pesado por natureza não pode elevar-se por si mesmo, se não é atraído por outro, do mesmo modo o coração humano, que por si tende às coisas inferiores, não pode elevar-se, se não é levado a isso por outro.

O Pai atrai o Filho de muitas maneiras, porém sem fazer violência aos homens.
1º Persuadindo pela razão, e deste modo o Pai atrai os homens para seu Filho, demonstrando que Ele é seu Filho, e isto de dois modos: ou por revelação interior, como refere o Evangelho: *Bem-aventurado és, Simão Bar-Jona, porque não foi a carne e o sangue que te revelaram, mas meu Pai* (Mt. 16, 17); ou por realização de milagres, que recebe do Pai.
2º Atraindo. *Arrastou-o com as lisonjas dos seus lábios* (Pr. 7, 21). E deste modo os que se dirigem a Jesus pela autoridade da majestade paterna, são atraídos pelo Pai, cativados por sua majestade. Porém também são atraídos pelo Filho com deleitação admirável e amor da verdade, que é o mesmo filho de Deus. Porque se a cada um lhe arrasta seu próprio deleite, quanto mais forte deve o homem ser atraído por Cristo, se lhe deleita com a verdade, com a bem-aventurança, com a justiça, com a vida eterna, pois tudo isso é Cristo? E posto que somos atraídos por este, o somos pelo amor da verdade: *Põe as tuas delícias no Senhor* (Sl. 36, 4). Por isso dizia a esposa: *Leva-me atrás de ti: correremos ao odor dos teus perfumes* (Ct. 1, 3).

3º O Pai leva muitos a seu Filho pelo impulso da ação divina que move interiormente o coração do homem a crer e amar. *O coração do rei está na mão do Senhor como a água corrente; Ele o inclinará para qualquer parte que quiser* (Pr. 21, 1).

II. Resposta do homem. *Todo aquele que ouviu e aprendeu do Pai; vem a mim* (Jo. 6, 45). *Todo aquele que ouviu do Pai,* ensinando-o e manifestando-o, *e aprendeu*, dando seu assentimento, *vem a mim*, e vem de três maneiras: pelo conhecimento da verdade, pelo sentimento de amor e pela imitação da obra.

Em cada uma dessas três coisas é necessário escutar e aprender. Porque o que vive pelo conhecimento da verdade, deve escutar quando Deus o inspira: *Ouvirei o que o Senhor diz* (Sl. 84, 9); e aprender com o coração. O que vem pelo amor e pelo desejo,

também deve escutar o Verbo do Pai e recebê-lo para que aprenda e ame. Pois aprende a palavra o que a recebe no sentido do que fala. Mas o Verbo de Deus Pai exala o amor; logo o que o recebe com fervor e amor, se instrui. *Transfunde-se nas almas santas, e forma os amigos de Deus e os profetas* (Sb. 7, 27).

Também se vai a Cristo pela imitação das ações. Quem quer que deste modo aprenda, vai a Cristo. Porque nas obras a operação é como a conclusão dos raciocínios. Nas ciências o que as aprende perfeitamente chega à conclusão; assim nas obras, o que perfeitamente aprende os ensinamentos, chega à reta ação.

-In Joan., VI

Quarta-feira depois do Terceiro Domingo de Páscoa

Pode o homem saber se está em estado de graça?

I. Às vezes convém que ignoremos a presença de Deus pela graça em nós.

1º Para que o temor do juízo futuro nos humilhe. *Bem-aventurado o homem que está sempre com temor*; *mas o que é de coração duro*, quer dizer, aquele a quem não afeta o temor do castigo futuro, *cairá no mal* (Pr. 28, 14). Este temor humilha ao homem; pelo qual convém às vezes ignorar se a graça está em nós. São Gregório diz: "Quis Deus que nossos bens nos fossem incertos, a fim de possuíramos uma graça certa, a humilde".

2º Para que se não lhe precipite a presunçosa segurança. *Porque quando disserem paz e segurança, então lhes sobrevirá uma morte repentina* (1Ts. 5, 3). São Jerônimo diz: "O temor é guardião das virtudes, a segurança faz fácil a queda".

3º Para que esperemos vigilantes e desejosos a graça de Deus. *Bem-aventurado o homem que me ouve, e que vela todos os dias à entrada da minha casa…* (Pr. 8, 34).

II. Às vezes revela Deus a alguns, por privilégio, que têm a graça, para que comece neles, para que conhece neles, ainda nesta vida, o gozo da seguridade, e com mais confiança e fortaleza levem a cabo obras grandes, e suportem os males da vida presente. No entanto, pode-se conhecer conjunturalmente que se tem a graça por quanto sente deleite em Deus e despreza as coisas mundanas, e que não lhe argui a consciência de algum pecado mortal. Neste sentido pode interpretar-se o que diz o Apocalipse: *Darei ao vencedor maná escondido… o qual ninguém conhece, senão quem o recebe* (2, 17), pois o que o recebe o conhece por certa sensação de doçura que não experimenta o que não o recebe.

-S. Th., Iª IIª, q. 112, a. 5

Existem principalmente três sinais pelos quais pode conhecer-se conjunturalmente a presença da graça na alma:

1º O testemunho da consciência, como diz o Apóstolo: *Nossa glória é esta: o testemunho da nossa consciência* (2Cor. 1, 12). Por isso escreve São Bernardo: "Nada

mais claro que esta luz, nada mais glorioso que este testemunho, quando o espírito vê na verdade; porém, de que modo? Pudico, modesto, temeroso, circunspecto, sem que nada lhe faça ruborizar-se na presença da verdade. Isto é, certamente, o que deleita aos divinos olhares sobre todos os bens da alma".

2º O gozo da palavra de Deus, não somente para escutá-la, senão também para praticá-la. *O que é de Deus ouve as palavras de Deus* (Jo. 8, 47). A este respeito diz São Gregório: "Está mandado desejar a pátria celestial da verdade, desprezar a glória do mundo, não desejar as coisas alheias e dar esmolas com os próprios bens. Julgue cada qual em sua consciência se esta voz do Senhor prevalece em seus ouvidos e assim saiba se é de Deus".

3º O gozo interior da divina sabedoria, que é como uma antecipação da eterna bem-aventurança. *Gostai e vede quão suave é o Senhor* (Sl. 33, 9), isto é, por sua graça em nós. E Santo Agostinho diz: "Posto que *enquanto estamos nos corpo, vivemos ausentes do Senhor* (2Cor. 5, 6), experimentemos ao menos quão suave é o Senhor, que nos deu de presente o espírito, pelo qual, experimentamos sua doçura e desejamos ver a mesma fonte, onde seremos purificados com sóbria embriaguez e seremos regados como a árvore que foi plantada junto às correntes de muitas águas". E acrescenta: "Faz, Senhor, te suplico, que goste com amor o que gosto com o conhecimento; sinta o coração o que sinto com o entendimento; eu te devo mais que tudo o que sou; porém nem tu possuo mais, e eu não posso dar-te mais de tudo o que eu sou. Traga-me, Senhor, a teu amor, leva-te a ti tudo o que eu sou".

-De Humanitate Christi

Quinta-feira depois do Terceiro Domingo de Páscoa

Os dons do Espírito Santo

Repousará sobre ele o Espírito do Senhor, espírito de sabedoria e de entendimento, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de ciência e de piedade (Is. 11, 2).

Os dons são umas perfeições do homem com as quais se dispõe a mover-se prontamente por impulso da inspiração divina para agir de uma maneira sobre-humana:

1º No conhecimento das coisas necessárias e eternas, o espírito humano procede por um modo humano quando é aperfeiçoado pela virtude, quer dizer, o entendimento, que é o hábito dos primeiros princípios, ou pela fé, que é a contemplação das coisas divinas num espelho. Porém que sejam apreendidas as coisas espirituais, como em sua verdade desnuda, excede à capacidade humana, e isto o faz o dom de *entendimento*, que ilustra a mente sobre as coisas ouvidas pela fé.

2º É um procedimento humano que o homem julgue e ordene as coisas inferiores pela consideração dos primeiros princípio e das causas altíssimas. Isto se faz pela sabedoria, que é uma virtude intelectual. Porém que o homem se una a essas causas supremas e que seja transformado à semelhança delas pelo modo segundo o qual *o que está unido ao Senhor é um só espírito com Ele* (1Cor. 6, 17), e que esse modo, como do mais profundo de si mesmo, julgue as demais coisas e ordene não somente o cognoscível, senão também as ações e paixões humanas, isto supera os procedimentos humanos, e se faz pelo dom da *sabedoria*.

3º Para agir é mister conselho. O modo humano é proceder inquirindo e conjeturando segundo o que costuma acontecer de ordinário, e isto se obtém pela eubolia, que é o bom conselho. Porém que o homem receba o que há de fazer, como ensinado com certeza pelo Espírito Santo, supera o modo humano, e isto o faz o dom de *conselho*.

4º Para a execução o procedimento humano consiste em que o homem forme um juízo das coisas que costumam ocorrer com frequência segundo o resultado do conselho, e logo imponha a ordem desse juízo aos inferiores, o qual se faz pela prudência. Porém que o homem julgue com certeza sobre o que deve fazer, é coisa que está além de sua capacidade, e isto se faz pelo dom de *ciência*.

5º Para os atos que regulam nossas relações com os demais, estão, segundo o modo humano, a justiça, a liberdade, etc. Porém quando nestas relações alguém não se inspira nem pelo bem pessoal, nem pelo bem de outro, nem dá a outro o que se lhe deve ou quanto lhe convém, senão que dá quanto é aceito a Deus, o bem divino que resplandece em si mesmo ou no próximo, isto está para além dos procedimentos humanos e se faz pelo dom de *piedade*.

6º No governo das paixões do irascível, se toma humanamente por medida ou regra o bem da razão. Que o homem, medindo as próprias forças, se estenda a ações árduas de virtude segundo a medida daquelas, corresponde à magnanimidade. A virtude da fortaleza ensina a acometer ou fugir de males iminentes segundo a medida de suas forças. A mansidão faz com que o homem não se vá para além do que pede a gravidade da ofensa e a ordem do direito. Porém que o homem tome por medida em todas essas coisas a virtude divina, para empreender obras de virtude com relação às quais sabe que não se basta com suas próprias forças, que não tema os perigos que excedem a essas forças, confiando na ajuda divina, e que não somente não exija vingança pelas injúrias recebidas, antes bem se glorie nelas, pondo seu olhar na recompensa, são coisas sobre-humanas; isto se faz pelo dom de *fortaleza*.

7º Nas paixões do apetite concupiscível nos dirigimos, segundo o modo humano, ao bem da razão, isto é, a que o homem se afixe-se aos bens temporais enquanto necessita deles, o qual se obtém pela temperança. Porém que o homem por reverência à divina majestade considere todas essas coisas como esterco, é também coisa sobre-humana, e isto o faz pelo dom do *temor de Deus*.

-3. Dist., 34, q. 1, a. 2

Sexta-feira depois do Terceiro Domingo de Páscoa

O dom da piedade

Toda a matéria moral se divide em três partes: as coisas deleitáveis, que segue o amor carnal; as coisas difíceis, das que foge; e as comunicáveis que se referem a outro, as quais mais bem consistem em ação que em paixão.

Em cada uma delas intervém a direção das virtudes e dos dons, porém de maneira diferente. Porque a virtude dirige tomando como regra algo humano, mas o dom toma o divino como regra.

Nos deleites, a virtude se inspira na dignidade humana, que nós envilecemos pelos deleites temporais. Mas o dom se inspira na dignidade divina a que nós tememos ofender por esses bens terrenos; o qual pertence ao temor. E o mesmo há que dizer do dom da fortaleza e das virtudes que têm por fim suportar as dificuldades ou combatê-las.

Assim também acontece nas relações com o próximo. Porque nelas as virtudes dirigem tomando por medida algo humano, isto é, a conveniência ou a dívida. Porém o dom toma nisto por regra ao mesmo Deus; de modo que, como já foi dito, pelo dom de fortaleza o homem empreende coisas difíceis usando do poder divino como seu, pela confiança, e igualmente se comunica com outro usando de Deus como de si mesmo, isto é, que execute como unido a Deus as coisas que convém nessas relações. Pelo qual o Senhor exorta a imitar a liberdade do Pai celestial, *o qual faz nascer o sol sobre maus e bons* (Mt. 5, 45). E porque esta comunicação das coisas divinas se chama piedade, por isso também o dom que toma a medida divina nas relações com os demais chama-se piedade.

Ainda que a virtude da piedade se exerça para com Deus, toma, nisto, algo de humano por medida, quer dizer, o benefício recebido de Deus; razão pela qual lhe somos devedores. Mas o dom de piedade toma, nisto, por medida algo divino: honrar a Deus, não porque sejamos seus devedores, senão porque Deus é digno de honra. Por este modo o mesmo Deus se dá honra a si mesmo.

O dom da piedade não é o mesmo que o da misericórdia, pois a misericórdia tende a aliviar as misérias dos próximos, porque estão unidos pelo sangue ou a amizade ou a semelhança da natureza, tomando em tudo por medida algo humano, como as demais virtudes. Porém o dom da piedade se move a remediar as misérias dos próximos por

um motivo divino: porque são filhos de Deus ou estão dotados da semelhança divina. Por isso tem com mais propriedade o nome de piedade, que significa algo de divino.

-3. Dist. 34, q. 3, a. 2

Sábado depois do Terceiro Domingo de Páscoa

Números das bem-aventuranças

Alguns estabeleceram uma tríplice bem-aventurança; porque uns a contaram na vida voluptuosa, outros na vida ativa, e outros na vida contemplativa. Por isso o Senhor assinalou algumas bem-aventuranças como destrutoras do obstáculo da felicidade voluptuosa.

I. A vida voluptuosa consiste em duas coisas:

1ª Na afluência dos bens exteriores, sejam riquezas ou honras; dos que o homem se retrai pela virtude, que aconselha usar deles com moderação; mas pelo dom, de um modo mais excelente, desprezando-os totalmente o homem. Por isso se põe como primeira bem-aventurança: *Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus* (Mt. 5, 3), o qual pode referir-se ao desprezo das riquezas ou ao desprezo das honras; e se faz pela humildade.

2ª A vida voluptuosa consiste em seguir as próprias paixões, seja a irascível, seja a concupiscível. A virtude impede seguir a paixão da irascibilidade, para que o homem não sobrepasse nas coisas supérfluas; porém pelo dom se faz de modo mais excelente, de sorte que o homem está totalmente sereno a respeito dela, conforme à vontade divina. Por isso se fixa por segunda bem-aventurança: *Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra* (Mt. 5, 4).

A virtude impede seguir as paixões da concupiscência por um uso moderado de tais paixões; mas o dom as desfaz totalmente, se é necessário; e ainda mais, aceitando voluntariamente o choro se é preciso. Daí a terceira bem-aventurança: *Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados* (Mt. 5, 5).

II. A vida ativa consiste principalmente nas coisas que entregamos ao próximo, ou por razão de débito, ou por espontâneo benefício.

Aos primeiros nos dispõe a virtude, para que não recusemos pagar ao próximo o que lhe devemos, o qual pertence à justiça; porém o dom nos induz a isto mesmo com afeto mais generoso, a saber, com um desejo fervente de cumprir as obras de justiça, semelhante ao desejo ardente com que desejam o alimento e a bebida ao faminto e ao

sedento. Daí a quarta bem-aventurança: *Bem-aventurados os que têm fome e sede da justiça, porque serão saciados* (Mt. 5, 6).

Pelo que se refere às dádivas espontâneas, a virtude nos aperfeiçoa para que as demos àqueles a quem dita a razão que devemos dá-las, por exemplo, aos amigos, ou a nossos pais, o qual corresponde à virtude da largueza. Mas o dom, por reverência a Deus, somente considera a necessidade naqueles a quem presta gratuitos benefícios. Por isso se diz: *Quando deres algum jantar ou ceia, não convides os teus amigos, nem os teus irmãos… mas, quando deres algum banquete, convida pobres, aleijados, coxos, cegos etc* (Lc. 14, 11 e 13), o que é, com propriedade, compadecer-se. Daí a quinta bem-aventurança: *Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia* (Mt. 5, 7).

III. As coisas pertencentes à vida contemplativa ou são a mesma bem-aventurança final, ou algum início dela; e portanto não se incluem nas bem-aventuranças como méritos, senão como prêmios.

Porém se assinalam como méritos os efeitos da vida ativa, com os que o homem se dispõe para a vida contemplativa, e o efeito da vida ativa, quanto às virtudes e dons com que o homem se aperfeiçoa em si mesmo, é a pureza de coração, para que este não se manche com paixões. Daí a sexta bem-aventurança: *Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus* (Mt. 5, 8).

Por fim, quanto às virtudes e dons com que o homem se aperfeiçoa em ordem ao próximo, o efeito da vida ativa é a paz, segundo aquilo de Isaías: *A paz será a obra da justiça* (32, 17). E portanto a sétima bem-aventurança é: *Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus* (Mt. 5, 9).

-S. Th., Iª Iªº, q. 59, a. 3

Quarto Domingo de Páscoa

Os prêmios das bem-aventuranças

1º Os prêmios das três primeiras bem-aventuranças se tomam segundo aquelas coisas que alguns buscam na dita terrena; pois os homens buscam nas coisas exteriores, como nas riquezas e nas honras, certa excelência e abundância, coisas ambas incluídas no Reino dos céus, pelo qual consegue o homem a excelência e abundância de bens em Deus. Por isso o Senhor prometeu aos pobres de espírito o Reino dos céus.

Os homens ferozes e cruéis pretendem por meio de litígios e guerras adquirir para si a segurança, destruindo a seus inimigos; por isso o Senhor prometeu aos mansos possessão segura e tranquila da terra dos viventes, pela qual se significa a estabilidade dos bens eternos.

Buscam os homens nas concupiscências e deleites do mundo ter consolo contra os trabalhos da vida presente; e por isso o Senhor prometeu a consolação da vida aos que choram.

2° As outras duas bem-aventuranças pertencem às obras da bem-aventurança ativa que são as obras das virtudes que ordenam o homem para com o próximo; das quais obras se retraem alguns pelo amor desordenado do bem próprio; e por isso o Senhor adjudica aqueles prêmios a estas bem-aventuranças pelas quais os homens se apartam delas. Pois alguns se apartam das obras de justiça não pagando suas dívidas, senão, mais bem, furtando o alheio, para enriquecer-se em bens temporais; daí que o Senhor prometeu fartura aos que têm fome de justiça. Apartam-se também, alguns, das obras de misericórdia, para não mesclar-se nas misérias alheias, mas o Senhor prometeu, aos misericordiosos, misericórdia, pela qual se livram de toda miséria.

3ºAs duas últimas bem-aventuranças correspondem à felicidade ou bem-aventurança contemplativa; e por isso, segundo a conveniência das disposições que se supõem no mérito, se dão os prêmios. Porque como a limpeza do olho dispõe à visão clara, se promete a visão divina aos limpos de coração.

O ter paz consigo mesmo ou com os outros manifesta que o homem é imitador de Deus, que é Deus de união e de paz; e assim, se lhe outorga por prêmio a glória da filiação divina, que consiste na perfeita união com Deus por meio da sabedoria consumada.

4º Todos aqueles prêmios se consumarão perfeitamente na vida futura, porém, entretanto, também começa de algum modo nesta vida; porque o Reino dos céus pode entender-se como princípio da perfeita sabedoria, segundo o qual começa o espírito a reinar neles. A possessão da terra significa também o bom afeto da alma repousando pelo desejo na estabilidade da herança perpétua significada pela terra. Porém são consolados nesta vida, participando do Espírito Santo, que se chama Paráclito, isto é, Consolador. São saturados também nesta vida com aquele manjar, do qual diz o Senhor: *A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou* (Jo. 4, 34). Também nesta vida conseguem os homens a misericórdia de Deus. E igualmente, purificado o olho pelo dom de entendimento, Deus pode ser visto de alguma maneira nesta vida; assim como nesta vida são chamados, por sua vez, filhos de Deus os que pacificam seus movimentos aproximando-se à semelhança de Deus. No entanto, tudo isto se verificará mais perfeitamente na pátria.

-Iª IIªº, q. 59, a. 4 e a. 2 ad 3um

Segunda-feira depois do Quarto Domingo de Páscoa

Frutos do Espírito Santo

Minhas flores dão frutos de glória e de riqueza (Eclo. 24, 23).

I. De duas maneiras pode ser o fruto: *adquirido,* pelo trabalho ou pelo estudo; e *produzido,* como é produzido o fruto pela árvore. As obras do Espírito Santo se chamam frutos, não como alcançados ou adquiridos, senão como produzidos; mas o fruto que é alcançado tem razão de fim último, não assim o fruto produzido. Não obstante, o fruto assim tomado encerra duas coisas: é o último do que o produz, como o fruto é o último que produz a árvore, e é suave e deleitável, como diz a Escritura: *Seu fruto é doce à minha boca* (Ct. 2, 3).

Assim, pois, as obras das virtudes e do Espírito são algo último em nós. Porque o Espírito Santo está em nós por graça, mediante a qual adquirimos o hábito das virtudes, e com Ele somos poderosos para agir de acordo com a virtude. São também deleitáveis, *tendes o vosso fruto na santificação* (Rm. 6, 22), quer dizer, em obras santificadas, e portanto se chamam *frutos*.

Chamam-se frutos, ademais, *flores* com relação à bem-aventurança futura, porque assim como das flores se concebe a esperança da vida eterna e da bem-aventurança. E assim como na flor se dá certo início da bem-aventurança que terá lugar quando se aperfeiçoem o conhecimento e a caridade.

Por conseguinte, as obras das virtudes hão de apetecer por si mesmas de duas maneiras: ou porque encerram em si mesmas a doçura, ou por causa da bem-aventurança, que é seu fim; do mesmo modo que um remédio doce se apetece formalmente por si mesmo, pois tem em si algo que o faz apetecível, a doçura, e também se apetece pelo fim, que é a saúde.

II. Por tudo isso se vê porque o Apóstolo chama efeitos às obras da carne, e aos frutos do espírito os chama frutos. Pois se chama fruto algo final e suave por si. Mas o que se produz de outro, contra a natureza, não tem razão de fruto, senão que é produzido por outro gérmen.

As obras da carne e dos pecados estão fora da natureza das coisas que Deus semeou em nossa natureza. Pois Deus depositou certas sementes na natureza humana, quer

dizer, o apetite natural do bem e o conhecimento, e acrescentou, ademais, os dons da graça. Portanto, posto que as obras das virtudes são naturalmente produzidas por aqueles, chamam-se frutos, e não obras da carne; *frutos do espírito*, que nascem na alma pela semente da graça espiritual.

É claro que as obras das virtudes se chamam frutos do espírito, não somente porque encerram em si suavidade e doçura, senão também porque são certo produto final, segundo a conveniência dos dons.

A diferença entre dons, bem-aventuranças, virtudes e frutos se estabelece do seguinte modo: na virtude deve considerar-se o hábito e o ato. O hábito da virtude aperfeiçoa para agir bem. Se aperfeiçoa para agir ao modo humano, chama-se *virtude*; se aperfeiçoa para agir de um modo sobre-humano, chama-se *dom*. O ato da virtude, ou é perfeito, e neste caso se chama *bem-aventurança*, ou é deleitoso, e assim é *fruto*.

-In Gal., V

Terça-feira depois do Quarto Domingo da Páscoa

Número dos frutos do Espírito Santo

De uma e de outra parte do rio, estava uma árvore de vida, que dá doze frutos (Ap. 22, 2). O Apóstolo enumera convenientemente doze frutos, na epístola aos Gálatas (5, 22-23). Deve considerar-se a distinção destes frutos segundo o diverso procedimento do Espírito Santo em nós, isto é, segundo ao que o espírito do homem se ordene: 1º, em si mesmo; 2º, às coisas próximas a ele; 3º, às que lhe são inferiores.

I. O espírito do homem se ordena em si mesmo, quando se conduz retamente nos bens e nos males.

A primeira disposição do coração do homem para o bem é por amor, que é a primeira afeição e raiz de todas as afeições, e por conseguinte se põe a *caridade* como primeiro fruto do espírito, na qual se dá especialmente o Espírito Santo, como em própria semelhança, posto que Ele é amor. Ao amor de caridade segue necessariamente o *gozo*; porque todo o que ama goza a união do amado, e a caridade tem sempre presente a Deus, a quem ama. *Quem permanece na caridade, permanece em Deus, e Deus nele* (1Jo. 4, 16). Pelo qual o gozo é consequência da caridade.

Mas a perfeição do gozo é a paz em dois conceitos:

1º Quanto à quietude a respeito das conturbações exteriores, pois não pode gozar perfeitamente do bem amado o que em sua fruição é perturbado por outras coisas; e ademais quem tem o coração perfeitamente pacífico em um objeto, não pode ser molestado por nenhum outro, porque reputa o demais como nada. Por isso se diz: *Gozam muita paz os que amam a tua lei, e não há para eles nenhuma ocasião de queda* (Sl. 118, 165), porque não são perturbados por coisas exteriores que lhes impeçam gozar de Deus.

2º Quanto ao sossego do desejo flutuante, porque não goza perfeitamente de algo aquele a quem não basta o que goza, e a paz leva consigo estas duas coisas, quer dizer, que não sejamos perturbados pelas coisas exteriores, e que nossos desejos repousem em um só objeto; por isto, depois da caridade e do gozo, se designa em terceiro lugar a *paz*.

Nos males se encontra bem disposta a alma quanto a duas coisas: 1º, em não ser perturbada pela iminência de males, o qual corresponde à *paciência*; e 2º, em que

tampouco se turbe pela dilatação dos bens, o qual pertence à *longanimidade*; pois o carecer do bem tem razão de mal.[12]

II. No que está perto do homem, quer dizer, o próximo, a mente do homem se dispõe bem:

1º Na vontade de fazer o bem, e isto pertence à *bondade*.

2º No exercício da beneficência; e a isto corresponde a *benignidade*; pois se diz benignos àqueles a quem o fogo do amor enche de fervor para fazer bem aos próximos.

3º Em tolerar equanimemente os males causados por aqueles (os próximos); ao qual corresponde a *mansidão*, que coíbe a ira.

4º Em que não somente não prejudiquemos os próximos com a ira, senão que nem mesmo com a fraude ou o engano; e a isto se refere a *fé*, no sentido de fidelidade; porém se se toma pela fé aquela com a que se crê em Deus, por esta se ordena o homem ao que está sobre ele, submetendo seu entendimento a Deus, e por conseguinte, a todas as coisas que são de Deus.

III. No que toca ao que é inferior ao homem, este se dispõe bem, quanto às ações exteriores, pela *modéstia*, que guarda moderação em todos os ditos e nos feitos; quanto às concupiscências inferiores, pela *continência* e a *castidade*, já se distinguem estas duas no sentido de que a castidade refreio o homem do ilícito; já em que o continente sofre as concupiscências, sem deixar-se seduzir, e o casto nem as sofre nem sucumbe.

-S. Th., Iª IIªº, q. 70, a. 3

12 *Ethic., 1. V, c. 3.*

Quarta-feira depois do Quarto Domingo da Páscoa

O homem em estado de graça pode merecer de condigno a vida eterna

O que se dá segundo o justo juízo parece ser a recompensa condigna. É assim que a vida eterna se dá por Deus conforme o juízo da justiça, segundo aquilo do Apóstolo: *De resto, está-me preparada a coroa da justiça que o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia* (2Tm. 4, 8). Logo o homem merece de condigno a vida eterna.

A obra meritória do homem pode considerar-se de dois modos: 1º, quanto procede do livre arbítrio; 2º, quanto procede da graça do Espírito Santo.

Se se considera segundo a substância da obra e como procedente do livre-arbítrio, não pode, neste conceito, haver nela condignidade por causa da imensa desigualdade, porém se dá congruidade por certa igualdade proporcional, pois parece congruente que, trabalhando o homem segundo sua virtude, seja recompensado por Deus segundo a excelência de sua virtude.

Porém se falamos da ação meritória enquanto procede da graça do Espírito Santo, então é merecedora da vida eterna de condigno, pois que assim o valor do mérito se estima segundo a virtude do Espírito Santo que nos conduz à vida eterna, segundo aquilo do Evangelho: *Virá a ser nele uma fonte de água que salte para a vida eterna* (Jo. 4, 14). O valor da obra se gradua também segundo a dignidade da graça, pela qual o homem, feito consorte da natureza divina, é adotado como filho de Deus, a quem se deve a herança pelo direito mesmo da adoção, segundo aquilo: *Se filhos, também herdeiros* (Rm. 8, 17).

A graça do Espírito Santo, que possuímos nesta vida, ainda que não seja igual à glória em ato, é, no entanto, igual virtualmente; como a semente da árvore, na qual se contém virtualmente toda a árvore. Assim mesmo o Espírito Santo, que habita no homem pela graça, é causa suficiente da vida eterna; pelo qual se diz que é o penhor de nossa herança.

-S. Th., Iª IIªº, q. 114, a. 3

Quinta-feira depois do Quarto Domingo de Páscoa

Mas principalmente merecemos pela caridade que pelas outras virtudes

Aquele que me ama, será amado por meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele (Jo. 14, 21). É assim que a vida eterna consiste na visão manifesta de Deus, segundo aquilo: *A vida eterna é esta: Que te conheçam a ti como o único Deus verdadeiro* (Jo. 17, 3). Logo o mérito da vida eterna reside principalmente na caridade.

I. O ato humano merece por duas razões: 1º, por razão da ordenação divina, segundo a qual se diz ser o ato meritório daquele bem ao qual o homem é ordenado por Deus; 2º, por parte do livre-arbítrio, segundo o qual o homem tem sobre as demais criaturas a preferência de agir por si mesmo e voluntariamente. Em ambos os conceitos o principal do mérito consiste na caridade; porque deve considerar-se que a vida eterna consiste no gozo de Deus, e o movimento da alma humana para fruição do bem divino é o atos das outras virtudes são regidas pela caridade. Por conseguinte, o mérito da vida eterna corresponde primariamente à caridade, e secundariamente às demais virtudes, posto que os atos destas são regidos pela caridade.

É evidente também que o que fazemos por amor, o fazemos com a maior voluntariedade, e portanto também se atribui o mérito principalmente à caridade, porquanto para a razão de mérito se requer que seja voluntária.

II. Nem sempre uma obra possui maior mérito por ser mais laboriosa e difícil. De duas maneiras uma obra pode ser laboriosa e difícil: 1º, pela grandeza da obra; e assim a grandeza do trabalho pertence ao aumento do mérito, porque a caridade, ainda que converta as coisas terríveis e violentas em fáceis e quase nulas, não diminui o trabalho, mas antes, faz acometer maiores empresas; pois, com diz São Gregório,[13] quando existe, faz grandes coisas; 2º, por defeito do agente mesmo, orque a cada qual é penoso e difícil o que não faz com pronta vontade; e tal trabalho diminui o mérito e é anulado pela caridade.

Em grande medida são meritórios os atos da fé e da paciência ou fortaleza, como se vê nos mártires, que pelejaram pela fé com paciência e fortaleza até a morte. Mas o ato de fé não é meritório, se a fé não age por amor, e do mesmo modo o ato da

13 Homil. 30 in Evangel.

paciência e da fortaleza, se alguém não os faz por caridade, segundo aquilo: *Se entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse caridade, nada disto me aproveitaria* (1Cor. 13, 3).

-S. Th., Iª IIªº, q. 114, a. 4

Sexta-feira depois do Quarto Domingo da Páscoa

As obras do primeiro homem no estado de inocência foram menos eficazes para merecer que as nossas obras?

A magnitude do mérito pode medir-se de duas maneiras:

1º Pela caridade e pela graça, que são sua raiz, e sob este aspecto a magnitude do mérito corresponde ao prêmio essencial, que consiste no gozo de Deus; pois o que age com maior caridade mais perfeitamente goza de Deus.

2º Pela quantidade da obra, que pode, por sua vez, ser dupla, quer dizer, absoluta e proporcional. Porque a viúva que depositou duas pequenas moedas no gazofilácio do templo fez uma obra menor em quantidade absoluta que os que depositaram grandes esmolas; porém proporcionalmente fez mais a viúva, segundo sentencia o Senhor (Lc. 21, 3), porque melhor superava suas possibilidades. Ambas as quantidades de mérito correspondem ao prêmio acidental, que consiste no gozo do bem criado.

Assim, pois, deve dizer-se que as ações do homem foram mais eficazes para merecer no estado de inocência que depois do pecado, se se considera a magnitude do mérito por parte da graça, que teria sido então mais copiosa, não opondo-se nenhum obstáculo a ela na natureza humana; igualmente se se considera a quantidade absoluta da obra; porque sendo o homem de maior virtude, teria realizado obras maiores. Porém atendida a quantidade proporcional, far-se-á maior razão do mérito depois do pecado pela debilidade do homem. Porque uma obra pequena *excede* a potência do que a executa com esforço mais que uma obra grande ao que a executa sem dificuldade.

A dificuldade e a luta pertencem efetivamente à magnitude do mérito segundo a quantidade proporcional da obra. E é sinal da prontidão da vontade o esforçar-se para o difícil. Mas a prontidão da vontade vem da grandeza da caridade. Pode, não obstante, acontecer que alguém faça uma obra fácil com tão pronta vontade como outra uma obra difícil, por estar disposto a executar também o difícil. Mas a dificuldade atual no que tem de pena é, ademais, satisfatória pelo pecado.

-S. Th., Iª. q. 95, a. 4

Sábado depois do Quarto Domingo da Páscoa

O homem pode merecer aumento de graça

Assim como à culpa segue dupla pena, uma que acompanha à mesma culpa, como o remorso de consciência e outras semelhantes, segundo o que diz Santo Agostinho, "que a alma desordenada é pena para si mesma", e outra que se inflige exteriormente por Deus-Juiz ou pelo homem; do mesmo modo também um duplo prêmio corresponde ao mérito: um que acompanha a mesma obra meritória, como a alegria da boa ação e outras semelhantes; e outro que dá Deus ou o homem pela boa obra, como a vida eterna e tudo o que se dá deste modo.

Mas o ato meritório se ordena de modo diverso neste duplo prêmio. Porque segundo sua forma é proporcional ao primeiro prêmio; por exemplo: pelo fato de ser um ato que procede de um hábito perfeito é deleitável, pelo qual o ato se refere a seu princípio como por causa. Porém quanto ao prêmio que se dá exteriormente, somente se ordena segundo uma proporção de dignidade, de modo que quem muito mereceu, outra tanto receberá em recompensa em qualquer bem, e quem muito pecou, outro tanto será castigado.

Segundo isto, digo que pelo ato meritório se merece acréscimo de graça, do mesmo modo que o prêmio, concomitante à natureza do ato meritório, porque é natural que todo ato faça possível a aquisição ou o aumento de um ato semelhante, seja efetivamente, seja dispondo a ele.

O homem que tem a graça pode se adiantar mais, porém não é que ele mesmo aumente a graça em si, posto que somente Deus pode dar este aumento; senão no sentido de que o homem pode, por uma graça recebida, merecer que se lhe aumente a graça, dispondo-se a ser mais capaz de uma graça maior.

Certamente o acréscimo de graça, o mesmo que sua infusão, procede de Deus, porém de maneira distinta se relacionam nossos atos com a infusão da graça e com o aumento dela. Porque antes da infusão da graça o homem não é todavia participante do ser divino; por isso seus atos são absolutamente desproporcionados para merecer alguma coisa divina, que excede a capacidade da natureza. No entanto, pela infusão da graça o homem se constitui no ser divino, e então seus atos chegam a ser proporcionados e, por isso mesmo, a merecer aumento ou perfeição de graça.

-2 Dist. 27, q. 1, a. 5

Porém a graça não se aumenta de fato por qualquer ato meritório. Por cada ato meritório o homem merece aumento de graça, como também a consumação da graça, que é a vida eterna. Mas assim como a vida eterna não é dada imediatamente, senão a seu tempo, do mesmo modo a graça não se aumenta num instante, senão a seu tempo, quer dizer, quando se está suficientemente disposto ao aumento da graça.

-S. Th., Iª, IIª, q. 114, a. 8, ad 3um

Quinto Domingo da Páscoa

A oração

Jesus, levantando os olhos ao Céu, disse: Pai, dou-te graças, porque me tens ouvido (Jo. 11, 41).

Duas coisas indica o Evangelista: 1ª O modo conveniente de orar, porque *levantando os olhos ao Céu*, isto é, elevou sua inteligência, levando-a ao excelso Pai pelo oração. Se nós queremos orar a exemplo de Cristo, deveremos elevar até Ele os olhos da alma, apartando-nos das coisas presentes, recordações, pensamentos e desejos.

Também levantamos os olhos para Deus, quando, desconfiando de nossos méritos, esperamos só em sua misericórdia, segundo aquilo do Salmo 122, 1-2: *Levanto os meus olhos para ti, que habitas nos céus… Como os olhos da escrava nas mãos de sua senhora, assim os nossos olhos estão fixos no Senhor nosso Deus, até que tenha misericórdia de nós*. E agrega Jeremias: *Levantemos os corações e as mãos para Deus nos céus* (Lm. 3, 41).

Diz-se na Epístola aos Colossenses: *Não cessamos de orar por vós e de pedir* (1, 9). A oração é uma elevação da alma para Deus. Pedir é suplicar alguma coisa. A oração deve preceder, para que seja escutado o que pede devotamente, como os que pedem começam pela persuasão, para inclinar a suas necessidades. Do mesmo modo, devemos nós começar pela devoção e pela meditação sobre Deus e sobre as coisas divinas, não para dobrá-lo a Ele, senão para elevar-nos até Ele.

2º A eficácia da oração se expressa nestas palavras: *Pai, dou-te graças, porque me tens ouvido*.

Temos aqui uma prova de que Deus é fácil para outorgar, como se lê no Salmo 9, 17: *O Senhor ouviu o desejo dos pobres*, quer dizer, que escuta o desejo antes de que se profiram as palavras. E em Isaías: *Logo que ouvir a voz do teu clamor, te responderá* (Is. 30, 19); e mais adiante: *Estando eles ainda a falar eu os atenderei* (Is. 65, 24).

Com maior razão convém considerar que Deus Pai, prevendo a oração de Cristo Salvador, a escutou; porque as lágrimas que Cristo derramou pela morte de Lázaro fizeram as vezes de oração.

No fato de que ao princípio da oração deu ações de graças, se nos dá o exemplo de que, quando queremos orar, demos graças a Deus pelos benefícios recebidos antes de pedir coisas futuras, cumprindo o que diz o Apóstolo: *Por tudo dai graças* (1Ts. 5, 18).

-In. Joan., XI

Segunda-feira das Rogativas

Bens da oração

Os bens da oração são três.

I. É um remédio útil e eficaz contra os males; pois livra dos pecados cometidos, como diz o Profeta: *Tu perdoaste a malícia do meu pecado. Por isto orará a ti todo o piedoso tempo da necessidade* (Sl. 31, 5-6).

Assim o ladrão orou na cruz e obteve o perdão: *Hoje estarás comigo no paraíso* (Lc. 23, 43). Assim o publicano orou, e *voltou justificado para sua casa* (Lc. 18, 14).

Livra também do temor dos pecadores que assediam, das perturbações e tristeza. *Está aflito algum de vós? Faça oração* (Tg. 5, 13).

Livra, ademais, das perseguições e dos inimigos. *Em paga do meu amor, acusavam-me; eu porém orava* (Sl. 108, 4).

II. É eficaz e útil para conseguir tudo o que se deseja. *Tudo o que pedirdes na oração, crede que o haveis de conseguir, e que o obtereis* (Mc. 11, 24). Se não somos escutados é porque não perseveramos: *Importa orar sempre e não cessar de o fazer* (Lc. 18, 1); ou não pedimos o que mais convém à salvação. Santo Agostinho diz: “O bom Senhor, que muitas vezes não dá o que queremos, para dar o que quereríamos melhor”. Existe o exemplo de São Paulo, que pediu três vezes lhe fosse tirado o aguilhão (da carne) e não lhe foi concedido (2Cor. 12, 7-9).

III. É útil, porque nos faz amigos de Deus: *Suba direta a ti a minha oração, como incenso* (Sl. 140, 2).

-In Oration. Dominic.

A oração é um ato de religião, pelo qual o homem tributa veneração a Deus enquanto se submete a Ele e o reconhece, ao pedir-lhe, que tem necessidade d’Ele como autor de seus bens.

Orando, entrega o homem sua alma a Deus, a que submete a Ele por respeito e, de certo modo, a apresenta; pois assim como a alma humana é superior aos membros exteriores ou corporais, ou às coisas exteriores que se aplicam ao serviço de Deus, assim também a oração tem vantagem sobre os outros atos de religião.

-S. Th., IIª IIªº, q 83, a 3

Certamente, Deus nos dá muitas coisas por sua liberdade, ainda que as não pedimos; porém outras quer-nos dá-las por requisição nossa, a qual é para nossa utilidade, quer dizer, para que recebamos certa confiança de recorrer a Ele e reconheçamos que é o autor de nossos bens. Por isso diz São João Crisóstomo: "Considera quanta é a felicidade que foi-te dada, quanta a glória concedida, isto é: falar com Deus na oração, ter colóquios com Cristo, e poder pedir o que queiras e o que desejes."[14]

-S. Th., Iª IIªº, q. 83, a. 2

14 Implic. Hom. II; De orat. circa princ.; hom. XXX in Genes.

Terça-feira das Rogativas

A oração dominical

Possui a oração dominical cinco excelências que se requerem na oração. Pois a oração deve ser confiada, reta, ordenada, devota e humilde.

Confiada, isto é, que *aproximemo-nos confiadamente do trono da graça* (Hb. 4, 16); que, ademais, não desfaleça na fé, como diz a Escritura: *Mas peça-a com fé, sem nada hesitar* (Tg. 1, 6). Esta oração dominical é seguríssima pois foi composta por nosso advogado, que é demandante sapientíssimo, *no qual estão encerrados todos os tesouros da sabedoria e da ciência* (Cl. 2, 3). Por isso diz São Cipriano: "Tendo a Cristo por advogado de nossos pecados ante o Pai, utilizemos as palavras de nosso advogado, quando pedimos por nossos delitos".[15]

Mais segura aparece, porque quem nos ensinou a orar escuta a oração com o Pai, segundo aquilo do Profeta: *Invocar-me-á, e eu o ouvirei* (Sl. 90, 15). Por isso disse São Cipriano: "É uma oração amiga, familiar e devota a do que roga ao Senhor com sua oração. Pelo qual nunca nos retiramos sem fruto dessa oração, pois por ela se perdoam as faltas veniais".[16]

Nossa oração deve ser reta, quer dizer, que o que ora deve pedir a Deus o que convém. Muitas vezes não é escutada a oração, porque se pedem coisas inconvenientes. É muito difícil saber o que é mister pedir, como é muito difícil saber o que se há de desejar, como diz o Apóstolo: *Não sabemos o que havemos de pedir, como convém, mas o mesmo Espírito ora por nós* (Rm. 8, 26). Pois se Cristo é quem dá o Espírito Santo, a Ele lhe corresponde ensinar o que nos convém pedir. Logo se pedem retissimamente as coisas que Ele mesmo nos ensinou a pedir.

A oração deve ser ordenada como o desejo, pois a oração é intérprete do desejo. A ordem devida é que nos desejos e orações prefiramos o espiritual ao carnal, o celestial ao terreno. Isto mesmo nos ensinou o Senhor nesta oração, na que primeiro se pedem os bens celestiais e depois os terrenos.

A oração deve ser devota, porque a suavidade da oração faz com que o sacrifício desta seja aceito por Deus. *Invocando o teu nome, levantarei as minhas mãos. Como de banha e de gordura será saciada a minha alma* (Sl. 62, 5). Mas a devoção se debilita muitas vezes por conta da prolixidade da oração; por isso o Senhor ensinou a

15 De Orat. Dom.
16 De Orat. Dom.

evitar a prolixidade supérflua da oração nestas palavras: *Nas vossas orações não useis muitas palavras* (Mt, 6, 7). E Santo Agostinho diz: “Longe da oração o muito falar, por isso o Senhor instituiu esta breve oração. A devoção é resultante da caridade, que é o amor de Deus e do próximo, na que se inspira esta oração; porque para indicar o amor divino, chamamos Pai a Deus; para assinalar o do próximo, oramos comumente por todos dizendo: *Pai nosso, e perdoai-nos as nossas dívidas*; ao que nos incita o amor do próximo”.

A oração deve ser humilde, como se diz no Salmo: *Atendeu à oração dos humildes* (Sl. 101, 18); e em São Lucas por ocasião do fariseu e do publicano (Lc. 16, 10 e s.); e também, em Judite: *Sempre te agradou a súplica dos humildes e dos mansos* (9, 16). Essa humildade tem seu lugar na oração; porque existe verdadeira humildade quando não se presume em nada de suas forças, senão que tudo espera alcançá-lo da virtude divina.

-In Orat. Dominic.

Quarta-feira das Rogativas

Porque as orações não são escutadas algumas vezes

Tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, eu o farei (Jo. 14, 13).

Que é o que diz o Senhor: *Tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, eu o farei*, sendo assim que vemos a muitos fiéis pedir e não receber? Segundo Santo Agostinho, deve-se considerar o que aqui diz primeiro: *em meu nome*, e o que acrescenta depois; *eu o farei*. O nome de Cristo é nome de salvação, como se diz em São Mateus: *Porás o nome de Jesus, porque Ele salvará o seu povo dos seus pecados* (1, 21). Logo o que pede alguma coisa que pertence à salvação, pede em nome de Cristo. Mas acontece que se pede coisas estranhas à sua salvação, e isso de duas maneiras:

1º Por má disposição; por exemplo, quando pede algo que tem inclinação, o qual impediria a salvação, se o possuísse. Portanto, quem assim pede não é escutado, pois pede mal, como diz São Tiago: *Pedis e não recebereis, porque pedis mal* (Tg. 4, 3). Porque quando alguém, por um afeto desordenado, vai usar mal do que quer receber, não o recebe, pela misericórdia do Senhor, que não lhe escuta segundo seu desejo, senão que age para o seu bem, pois o Senhor de bondade nega muitas vezes o que pedimos, para conceder-nos o que deveríamos preferir.

2º Por ignorância, quando se pede alguma vez o que crê convir-lhe e, no entanto, não lhe convém. Porém Deus, olhando melhor por eles, não faz o que lhe pede. Assim São Paulo, que havia trabalhado mais que os outros, pediu três vezes ao Senhor que apartasse dele o aguilhão da carne, e, não obstante, não obteve o que pediu, porque não lhe convinha, como pode ver-se na 2ª Epístola aos Coríntios (12, 7). E na carta aos Romanos diz: *Não sabemos o que havemos de pedir, como convém, mas o mesmo Espírito ora por nós com gemidos inefáveis* (8, 26). E o mesmo Senhor diz em São Mateus 20, 22: *Não sabeis o que pedis*.

É evidente, pois, que quando pedimos em seu nome, quer dizer, em nome de Jesus Cristo, Ele o fará. Porém diz: eu o farei no futuro; mas não diz: o faço, no presente, porque às vezes difere fazer o que pedimos, para aumento nosso desejo, e fazê-lo em tempo oportuno: *Eu vos darei as chuvas nos seus tempos* (Lv. 26, 3).

Às vezes ocorre também que pedimos para outro em favor do qual talvez não somos escutados, porque são um obstáculo seus méritos: *Tu pois não rogues por este povo… porque não te ouvirei* (Jr. 7, 16); e mais adiante diz o Senhor: *Ainda que Moisés e*

Samuel se pusessem diante de mim a minha alma não se inclinaria para este povo (Jr. 15, 1).

-In Joan., XIV

Tempo da Ascensão

Festa da Ascensão

Ascensão de Cristo

I. A Ascensão de Cristo foi sublime, porque subiu aos céus.

1º Sobre todos os céus corpóreos, como diz o Apóstolo: *Aquele que desceu, é aquele mesmo que também subiu acima de todos os céus* (Ef. 4, 10).

E isto foi realizado pela primeira vez por Cristo. Porque anteriormente o corpo terreno apenas estava na terra, a tal ponto que o mesmo Adão foi colocado também no Paraíso terrestre.

2º Subiu sobre todos os céus espirituais, isto é, as naturezas espirituais: *E pondo-o à sua mão direita no Céu, acima de todo o principado, potestade, virtude e dominação, acima de todo o nome que é nomeado, não só neste século, mas também no futuro. Pôs debaixo dos seus pés todas as coisas* (Ef. 1, 20-23).

3º Subiu até o trono do Pai. *Elevou-se ao Céu, e foi sentar-se à direita de Deus* (Mc, 16, 9). O qual há de entender-se metaforicamente, porque, como Deus, diz-se que está sentado à direita do Pai, quer dizer, em igualdade com o Pai, quanto aos melhores bens. O Diabo ambicionou também isto, como se lê em Isaías: *Subirei ao Céu* (14, 13). Porém não chegou senão Cristo.

II. A Ascensão de Cristo foi racional, porque tem por termos os céus.

1º Porque o Céu era devido a Cristo por sua natureza; pois é natural que cada qual regresse ao ponto de sua origem. O princípio de origem de Cristo é Deus, que está sobre todas as coisas. E ainda quando também os santos sobem ao Céu, não sobem como Cristo, pois Cristo subiu por sua virtude, e os demais santos são levados por Cristo. Também por dizer-se que ninguém sobe aos céus senão Cristo, porque os santos não sobem senão enquanto são membros de Cristo, que é cabeça da Igreja.

2º O Céu era devido a Cristo também por sua vitória; posto que Cristo foi enviado ao mundo para pelejar contra o Diabo e o venceu, e por isso mereceu ser exaltado sobre todas as coisas.

3º Por sua humildade. Porque nenhuma humildade é tão grande como a humildade de Cristo, que, sendo Deus, quis fazer-se homem, e sendo Senhor, quis tomar forma de servo. Por isso mereceu ser elevado até o Céu, até o trono de Deus; já que a humildade é o caminho para a exaltação.

III. A Ascensão de Cristo foi útil para três coisas.

1º Para conduzir-nos para lá. Precisamente subiu para conduzir-nos; pois não sabíamos o caminho e Ele nos mostrou; e para dar-nos segurança da posse do Reino celestial.

2º Para nossa segurança; pois Ele subiu para rogar por nós.

3º Para atrair a si nossos corações: *Onde está o teu tesouro, aí está também o teu coração* (Mt. 6, 21). Para que desprezemos as coisas temporais: *Se ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são lá de cima, onde Cristo está sentado à destra de Deus; afeiçoai-vos às coisas que são lá de cima, não às que estão sobre a terra* (Cl. 3, 1-2).

-*In Symb.*

Sexta-feira da Oitava da Ascensão

Utilidades da Ascensão de Cristo

Ainda que a presença corporal de Cristo foi arrebatada aos fiéis pela Ascensão, não obstante, a presença de sua divindade sempre permanece neles, segundo o que Ele mesmo diz: *Eu estarei convosco todos os dias, até o fim do mundo* (Mt. 28, 20). Pois, como diz o Papa São Leão, "o que sobe aos céus, não deixou abandonados aos que adotou".[17] Pelo contrário, a mesma Ascensão de Cristo ao Céu, que nos privou de sua presença corporal, nos foi mais útil que o teria sido sua presença corporal:

1º Por causa do aumento da fé, que tem por objetivo o que não se vê. Por isso, o mesmo Senhor diz a seus discípulos que o Espírito Santo, quando Ele vier encherá o mundo de justiça (J. 16, 8), quer dizer, dos que creem, como disse Santo Agostinho: "Pois a mesma comparação é a vituperação dos infiéis";[18] pelo que acrescenta: "Porque vou ao Pai, e já não me vereis. Bem-aventurados os que não veem, e creem. Logo será da vossa justiça que se encherá o mundo, porque crês em mim sem ver-me".

2º Para excitar a esperança; pelo que diz Ele mesmo: *Depois que eu tiver ido e vos tiver preparado um lugar, virei novamente e tomar-vos-ei comigo, para que, onde eu estou, estejais vós também* (Jo. 14, 3); pois o mesmo Cristo que colocou no Céu a natureza humana que tomou, nos deu a esperança de chegar lá; já que *onde quer que estiver o corpo, juntar-se-ão aí também as águias* (Lc. 17, 37). *Aquele que lhes há de abrir o caminho irá adiante deles* (Mq. 2, 13).

3° Para excitar o amor da caridade para com as coisas do Céu. Pelo que diz o Apóstolo: *Buscai as coisas que são lá de cima, onde Cristo está sentado à destra de Deus; afeiçoai-vos às coisas que são lá de cima, não às que estão sobre a terra* (Cl. 3, 1). E: *Onde, está o teu tesouro, aí está também o teu coração* (Mt. 6, 21). Como o Espírito Santo é o amor que nos leva às coisas celestiais, por isso diz o Senhor aos discípulos: *A vós convém que eu vá, porque, se não for, o Defensor não virá a vós; mas, se for, eu vo-lo enviarei* (Jo. 16, 7). O qual Santo Agostinho explica nestas palavras: "Não podeis receber o Espírito enquanto persistis em conhecer a Cristo segundo a carne.[19] Porém ao desaparecer Cristo corporalmente, não somente o Espírito Santo, senão também o Pai e o Filho estiveram presentes neles espiritualmente".[20]

-S. Th., III^a, q. 57, a. 1 ad 3um

17 *Serm. 2, De Ressurect., c. 3.*

18 Super Joan., tract. 95.

19 Alude àquilo do Apóstolo: Se conhecemos a Cristo segundo a carne, agora já não o conhecemos (2Cor. 5, 16).

20 Tract. XCIV, super Joan.

Sábado da Oitava da Ascensão

A Ascensão de Cristo é causa de nossa salvação

A vós convém que eu vá (Jo. 16, 7).

A Ascensão de Cristo é causa de nossa salvação de dois modos, por parte nossa e por parte d'Ele.

I. Por parte nossa, em quanto que pela Ascensão de Cristo nosso espírito se move para Ele, pois por ela se dá lugar à fé, à esperança e à caridade, e ademais se acrescenta com isso nossa reverência para com Ele, dado que não o consideramos já um homem terreno, senão como Deus celestial; segundo diz também o Apóstolo: *Se conhecemos a Cristo segundo a carne* (2Cor. 5, 16), quer dizer, mortal, pelo que lhe julgamos somente como homem, *agora já o não conhecemos*.

II. Por parte sua, quanto às coisas que Ele fez, ascendendo para nossa salvação:

1º Nos preparou, efetivamente, o caminho para subir ao Céu, como Ele mesmo diz: *Vou preparar um lugar para vós* (Jo. 14, 2). E em Miquéias se lê: *Aquele que lhes dá de abrir o caminho irá adiante deles* (2, 13). Pois sendo Ele nossa cabeça, é necessário que os membros sigam ali para onde foi a cabeça. Por isso se diz: *Para que, onde eu estou, estejais vós também* (Jo. 14, 3). E em prova disso, levou ao Céu as almas dos santos que havia tirado do Inferno, segundo aquilo: *Tendo subido ao alto, levou os cativos* [21] (Ef. 4, 8), isto é, porque conduziu consigo ao Céu, como lugar estranho à natureza humana, aos que haviam sido retidos cativos pelo Diabo, havendo-os conquistado da maneira mais gloriosa pela vitória que obteve sobre o Inimigo.

2º Porque assim como o pontífice no Antigo Testamento entrava no santuário para pedir a Deus pelo povo, assim também Cristo entrou no Céu: *Por isso pode salvar perpetuamente os que por Ele mesmo se aproximam de Deus, vivendo sempre para interceder em seu favor* (Hb. 7, 25). Pois sua mesma apresentação da natureza humana que levou consigo ao Céu é já uma intercessão por nós; pois o mesmo Deus que exaltou desse modo a natureza humana em Cristo, também se compadeceria daqueles pelos quais o Filho de Deus tomou a natureza humana.

3º A fim de que, constituído como Deus e Senhor sobre seu trono celestial, derramasse desde ali sobre os homens os dons divinos, segundo aquilo do Apóstolo:

21 O Apóstolo cita essas palavras do Salmo 67, 17.

Aquele que desceu, é aquele mesmo que também subiu acima de todos os céus para cumprir todas as coisas (Ef. 4, 10), isto é, com seus dons.

A Paixão de Cristo é causa de nossa ascensão ao Céu, propriamente falando, pela remoção do pecado, que nos impede de ir ali, e por modo de mérito; porém a Ascensão de Cristo é diretamente a causa de nossa ascensão, pois entrando a nossa cabeça, é necessário que a ela se unam os demais membros.

Cristo, ao subir uma vez ao Céu, adquiriu perpetuamente para si e para nós o direito e a dignidade da mansão celestial; dignidade que, não obstante, não derroga, se por alguma disposição desce Cristo alguma vez corporalmente à terra, seja para manifestar-se a todos, como no juízo, seja para manifestar-se especialmente a alguém, como a São Paulo.

-S. Th., III^{a}, q. 57, a. 6

Domingo da Oitava da Ascensão

A vida no Céu

Nós, porém, somos cidadãos dos céus (Fl. 3, 20).

O Apóstolo nos ensina nestas palavras que a vida dos justos está nos céus; e por isso, se queremos ser semelhantes a eles, não devemos viver nas misérias desta vida senão no Céu.

I. Os santos moram nos céus por três razões:

1º Pela segurança, pois quem vive no Céu está ao abrigo dos perigos desta miserável vida.

2º Pela alegria. O que mora no Céu terá como um contínuo gozo e alegria. *A sua conversação não tem nada de desagradável, nem a sua companhia nada de fastidioso, mas tudo nela é satisfação e alegria* (Sb. 8, 16).

3º Pelas coisas transitórias deste mundo, Os santos sabem que todo este mundo passará rápido. *Todavia, como um ladrão, virá o dia do Senhor, no qual passarão os céus com grande estrondo, e os elementos com o calor se dissolverão e a terra como as obras que há nela será consumida. Portanto, visto que todas estas coisas estão destinadas a ser desfeitas, quais não deveis ser em piedade e santidade de vida, esperando e correndo ao encontro da vinda do dia de Deus, no qual os céus, ardendo, se desfarão, e os elementos, com o ardor do fogo, se hão de fundir! Realmente esperamos, segundo a sua promessa, novos céus e uma nova terra, nos quais habite a justiça* (2Pd. 3, 10-13).

II. Os santos vivem no Céu de três modos:

1º Pelo pensamento contínuo nos bens do Céu.

2º Por um desejo ininterrupto Na liturgia se diz estas duas coisas: Este santo, digno de viver na recordação dos homens, passou ao gozo dos anjos, morou naquela pátria celestial com o pensamento e o desejo.

3º Vivendo conforme os costumes do Céu. A vida dos santos é semelhante à vida dos anjos em três coisas: na pureza, na sensibilidade sem dolo, na caridade. Estas três

coisas se dão sobretudo nos anjos: a simplicidade em sua essência, a pureza em sua natureza, a caridade na graça. Também nestas três coisas consiste a vida dos santos.

-Serm, CXXXVI

Segunda-feira da Oitava da Ascensão

O Pai celestial

Pai nosso, que estás nos céus (Mt. 6, 9).

Entre as coisas necessárias ao que ora, tem grande valor a confiança. Por isso, ao ensinar-nos a orar, o Senhor começa por aquelas palavras que engendram em nós a confiança, isto é, a bondade do Pai; por isso diz: *Pai nosso,* e a grandeza do seu poder; por isso diz: *que estás nos céus*. As palavras *nos céus* podem referir-se a três coisas:

1º À preparação da oração. *Prepara a tua alma antes da oração* (Eclo. 18, 23), de modo que se ouça *nos céus*, isto é, na glória celestial. *Será grande a vossa recompensa nos céus* (Mt. 5, 12).

Esta preparação deve fazer-se:

Pela imitação das coisas celestiais; pois o filho deve imitar o pai. *Assim como trouxemos a imagem do terreno, tragamos também a imagem do celeste* (1Cor. 15, 49).

Pela contemplação das coisas celestiais, pois costumam os homens dirigir com maior frequência o pensamento aonde têm o pai e as demais coisas que amam. *Porque onde está o teu tesouro, aí está também o teu coração* (Mt. 6, 21). Por isso dizia o Apóstolo: *Nós, porém, somos cidadãos dos céus* (Fl. 3, 20).

Pelo desejo das coisas celestiais, de modo que não busquemos do que está nos céus mais que as coisas celestiais, segundo aquilo da Epístola aos Colossenses (3, 1): *Buscai as coisas que são lá de cima, onde Cristo está sentado*.

2º À felicidade do que escuta, porque está próximo de nós; de modo que as palavras *que estás nos céus* se entendam nos santos, nos quais habita Deus. *Tu, Senhor, estás entre nós* (Jr. 14, 9). Pois os santos se chamam *céus*, segundo o Profeta Davi: *Os céus publicam a glória de Deus* (Sl. 18, 2). Mas Deus habita nos santos pela fé, como se diz ao efésios: *Para que Cristo habite pela fé nos vossos corações* (3, 17). Também pelo amor: *Quem permanece na caridade, permanece em Deus, e Deus nele* (1Jo. 4, 16). Pelo cumprimento dos mandamentos. *Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e nós viremos a ele, e faremos nele a nossa morada* (Jo. 14, 23).

3º À eficácia do que escuta, de modo que pelos céus entendemos os céus corpóreos. Não porque Deus está contido nos céus corpóreos, senão para significar que Deus é penetrante no exame, pois vê desde o alto; e ademais é sublime no poder, e estável na eternidade.

-In Oration. Dominc.

Terça-feira da Oitava da Ascensão

A confiança no Pai celestial

Pelas palavras do Pai-Nosso: *que estás nos céus,* se nos anima a orar com confiança por três motivos: o poder daquele a quem pedimos, a familiaridade conosco e a oportunidade de nossa oração.

I. O poder daquele a quem pedimos está indicado, se entendemos pelos céus os céus corpóreos. E ainda quando Deus não está circunscrito por lugares corpóreos, como está escrito: *Porventura não encho o céu e a terra?* (Jr. 23, 24), não obstante, se diz que está nos céus corpóreos para indicar duas coisas: a virtude de seu poder, e a sublimidade de sua natureza. O primeiro vai contra os que dizem que todas as coisas provém necessariamente do destino dos corpos celestes, e, segundo essa opinião, é inútil pedir algo a Deus por meio da oração. Porém isto é uma necessidade, pois se diz que Deus está nos céus como Senhor dos céus e das estrelas. O segundo vai contra os que na oração forjam de Deus imagens corporais e fantásticas. Porém se diz *nos céus*, para significar, pelo que há de mais elevado nas coisas sensíveis, que a sublimidade divina excede a todas as coisas, mesmo ao desejo e ao entendimento do homem; portanto, tudo quanto pode pensar-se ou desejar-se é menor que Deus. Por isso se diz em Jó: *Com efeito, Deus é grande e ultrapassa toda a nossa ciência* (36, 26).

II. A familiaridade de Deus conosco está indicada, se pelos céus entendemos os santos. Pois, alguns disseram que Deus, por razão de sua elevação, não se ocupa das coisas humanas, segundo aquilo de Jó: *As nuvens o cobrem dum véu, e ele não vê; passeia pela abóbada celeste* (22, 14); e contra estes convém dizer e demonstrar que ele nos é mais íntimo que nosso íntimo mesmo. E isto dá confiança aos que oram, por dois motivos:

1º Pela proximidade de Deus, segundo aquilo do Salmo 144, 18: *O Senhor está perto de todos os que o invocam*. E São Mateus (6, 6): *Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto*, quer dizer, no aposento do teu coração.

2º Pelo patrocínio dos demais santos, nos quais habita Deus; e este é outro motivo de confiança para alcançar o que queremos por seus méritos.

III. A oportunidade ou conveniência a oração se manifesta se pelos céus se entendem os bens espirituais e eternos, que constituem a bem-aventurança. E isto por dois motivos:

1º Porque com isso se excita nosso desejo para as coisas celestiais, já que nosso desejo deve dirigir-se para onde temos um pai, pois ali está nossa herança. *Buscai as coisas que são lá de cima* (Cl. 3, 1). *Para uma herança incorruptível, que não pode contaminar-se, nem murchar, reservada nos céus para vós* (1Pd. 1, 4).

2º Porque com isso se nos adverte que devemos levar uma vida celestial, que nos faz semelhantes ao Pai celestial, segundo aquilo do Apóstolo: *Qual o celeste, tais também os celestes* (1Cor. 15, 48).

Estas duas coisas, o desejo celestial e a vida celestial, fazem-nos aptos para pedir; e assim nossa oração se faz convenientemente.

-In Oration. Dominic.

Quarta-feira da Oitava da Ascensão

A fonte de todo consolo

Bendito seja Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, Pai de misericórdias e Deus de toda consolação (2Cor. 1, 3).

I. Nós bendizemos a Deus, e Deus nos bendiz a nós, porém de maneira distinta. Para Deus, dizer é fazer, como diz a Escritura: *Ele disse, e tudo foi feito* (Sl. 32, 9). Para Deus, bendizer é fazer o bem e derramar o bem. Mas nosso dizer não é causal, reconhece apenas, e expressa o que existe. Para nós bendizer é o mesmo que reconhecer o bem. Logo, quando damos graças a Deus, o bendizemos, isto é, o reconhecemos como bom e provedor de todos os bens.

Por conseguinte, o Apóstolo retamente dá graças ao Pai, porque é misericordioso e consolador.

Os homens necessitam sobretudo de duas coisas:

1º que se lhe tirem os males, e isto o faz a misericórdia, que tira a miséria. O compadecer-se é próprio do Pai.

2º Ser sustentado nos males que lhes sobrevêm, e isto se chama propriamente consolar, pois se o homem não tivesse algo em que descansar seu coração, quando lhe sobrevêm os males, não subsistiria. Então, alguém consola a outro, quando lhe leva algum refrigério com o que se alivia dos males. E mesmo quando em alguns males pode o homem ser consolado, descansar e ser fortalecido, não obstante, somente Deus é o que nos consola em todos os males. Por isso diz: *Deus de todo a consolação,* porque se pecas, te consola Deus, pois é misericordioso. Se és afligido, Ele te consola, ou tirando-te da aflição com seu poder, ou julgando com justiça. Se trabalhas, te consola recompensando-te: *Eu sou a tua recompensa* (Gn. 15, 1). Por isso se diz: *Bem-aventurados os que choram* (Mt. 5, 5).

II. *Para que também possamos consolar os que estão em qualquer angústia* (2Cor. 1, 4).

Existe uma ordem nos dons divinos. Pois Deus dá a alguns dons especiais, para que estes, por sua vez, os derramem para utilidade dos demais; assim não dá a luz do Sol para que se alumie a si mesmo, senão a todo o mundo; por isso quer que recaia sobre os outros alguma utilidade de todos nossos bens, seja riquezas, poder, ciência,

sabedoria. E assim diz o Apóstolo: *O qual nos consola em todas as nossas tribulações* (2Cor. 1, 4); mas para quê? Não unicamente para nosso bem pessoal, senão para que Ele aproveite aos demais. Por isso diz: *Para que também possamos consolar.*

Podemos consolar a outro pelo exemplo de nossa consolação; pois quem não experimentou consolo, não sabe consolar. *O espírito do Senhor repousa sobre mim… para consolar todos os que choram* (Is. 61. 1-2).

Podemos consolar exortando à paciência nos padecimentos, prometendo prêmios eternos. E deste modo nosso consolo se converte no consolo dos outros.

-In II Cor., 1, 3

Quinta-feira da Oitava da Ascensão

Preparação para receber o Espírito Santo

Se me amais, observareis os meus mandamentos; e eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará um outro Paráclito (Jo. 14, 15-16).

I. Os discípulos tinham necessidade de uma dupla preparação: o amor do coração e a obediência na ação. O Senhor supõe que eles tinham uma das duas e por isso diz: *Se me amais*, e isto se vê em que os entristeceis por minha partida. Porém lhes ordena outra coisa futura, dizendo: *observeis os meus mandamentos*, como se dissesse: Não mostreis o amor que me tens com choros, senão com a obediência a meus mandamentos, pois este é o sinal evidente do amor. Essas duas coisas preparam no recebimento do Espírito Santo. Já que, sendo o Espírito Santo amor, não se dá senão aos que amam. *Eu amo os que me amam* (Pr. 8, 17). Também se dá aos obedientes: *Quem atrai o meu olhar é o aflito, o contrito de coração, que teme as minhas palavras* (Is. 66, 2). [22]

II. Mas porventura a obediência e o amor preparam? Parece que não, porque o amor com que amamos a Deus nos vem pelo Espírito Santo, assim como também a obediência nos vem do Espírito Santo.

Mas convém saber que nos dons de Deus quem usa bem de um dom que lhe foi concedido merece receber um dom novo e uma graça maior; e quem o usa mal será privado disso mesmo que recebeu. Ao servo preguiçoso se lhe tirou o talento que havia recebido de seu senhor, porque não usou bem dele, e foi dado ao que havia recebido cinco. O mesmo ocorre com os dons do Espírito Santo.

Ninguém pode amar a Deus, se não é pelo Espírito Santo. Não somos nós os que prevenimos a graça de Deus, é ela a que nos previne a nós. Por isso deve dizer-se que os Apóstolos receberam efetivamente em primeiro lugar o Espírito Santo para que amassem a Deus e obedecessem a seus mandamentos. Porém era necessário ademais que recebessem mais amplamente o Espírito Santo, para usar bem do dom do Espírito Santo anteriormente recebido, amando e obedecendo. Neste sentido deve ler-se: Se

22 Esta citação está ligeiramente diferente do original latino, do espanhol e do francês, que citam o versículo das seguintes formas, respectivamente: “super quem requiescit spiritus meus et cetera”; “Sobre quien dascansa mi Espírito, etc.”; e “Sur qui repose mon esprit, sinon sur le pauvre qui a le coeur brisé et qui écoute mês paroles avec tremblement”. Porém a Vulgata Clementina apresenta-o assim: “ad quem autem respiciam, nisi ad pauperculum, et contritum spiritu, et trementem sermones meos?”. E o padre Matos Soares traduz de forma coerente com a vulgata – NT.

me amais, pelo Espírito Santo que tens, e obedeceis a meus mandamentos, recebereis mais plenamente o Espírito Santo, que já possuís.

-In Joan., XIV

Sexta-feira da Oitava da Ascensão

O Espírito Santo não se dá ao mundo

A quem o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece (Jo. 14, 17).

I. O Senhor chama aqui mundo aos amadores do mundo. Estes, enquanto amam ao mundo, não podem receber o Espírito Santo, que é amor de Deus. Ninguém pode amar a Deus e ao mundo com um amor que lhes considere um fim, como diz São João: *Se alguém ama o mundo, não há nele o amor do Pai* (1Jo. 2, 15). Pois diz São Gregório: "O Espírito Santo inflama tudo o que enche com o desejo das coisas invisíveis". E porque os corações mundanos somente amam as coisas visíveis, o mundo não recebe àquele, pois não se move a amar o invisível. Certamente, quanto mais se dilatam para fora os corações mundanos em seus desejos, mais se estreitam para receber o Espírito Santo.

II. Cristo dá a razão pela qual o Espírito Santo não se dá ao mundo, quando diz: *Porque não o vê, nem o conhece*. Pois os dons espirituais não se dão se não são desejados. A divina sabedoria *antecipa-se a dar-se a conhecer aos que a desejam* (Sb. 6, 14). Porém os dons não são desejados se não são conhecidos de algum modo.

Não são conhecidos por dois motivos: em primeiro lugar, porque o homem não se aplica a conhecê-los; em segundo lugar, porque se é incapaz desse conhecimento. Os mundanos não possuem nenhuma destas duas coisas.

Primeiro, porque não tem vontade para desejá-los. E quanto a isto, diz: *Resolveram fixar na terra os seus olhos* (Sl. 16, 11).

Segundo, tampouco podem conhecê-los. Por isso acrescenta: *nem o conhece*. Pois, como diz Santo Agostinho, o amor mundano não possui olhos invisíveis, pelos quais o Espírito Santo não pode ser visto senão invisivelmente. O *homem natural não percebe aquelas coisas que são do Espírito de Deus* (1Cor. 2, 14). Assim como a língua infectada não sente o bom sabor por causa da corrupção do humor, do mesmo modo a alma infectada pela corrupção do mundo não saboreia a doçura das coisas celestiais.

III. *Mas vós o conheceis, porque habita convosco e estará em vós* (Jo. 14, 17). Aqui ensina a quem se dá o Espírito Santo, quer dizer, aos fiéis. Daí estas palavras: *Mas vós*, que sois movido pelo Espírito Santo, *o conheceis*. O Apóstolo diz aos corintos:

Nós não recebemos o espírito deste mundo, mas o Espírito que vem de Deus (1Cor, 2, 12). E isto, porque desprezais ao mundo: *Não atendendo nós às coisas que se vêem, mas sim às que se não vêem* (2Cor. 4, 18).

A razão é: *Porque habita convosco*. Donde adverte primeiro a familiaridade do Espírito Santo para com os apóstolos, *porque habita convosco*, isto é, para vossa utilidade; e segundo, uma permanência íntima do mesmo Espírito, porque *estará em vós*, isto é, no íntimo de nosso coração.

-In. Joan., XVI

Vigília de Pentecostes

Diversas operações do Espírito Santo

Mas o Paráclito, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, Ele vos ensinará todas as coisas (Jo. 14, 26).

Aqui se advertem três coisas:

I. Há uma descrição do mesmo Espírito Santo, pois é chamado Consolador, Espírito e Santo. É Consolador, porque nos consola nas tristezas que procedem das perturbações deste mundo. E isto o faz enquanto é amor, que nos leva a amar a Deus e nos dá ideia de sua grandeza, a qual nos leva a padecer com alegria as afrontas, como se lê nos Atos dos Apóstolos: *Porém eles saíam da presença do Sinédrio, contentes por terem sido achados dignos de sofrer afrontas pelo nome de Jesus* (At. 5, 41). Porque, sendo o Espírito Santo amor de Deus, nos faz desprezar as coisas terrenas e unir-nos a Deus, pelo qual exclui de nós a dor e a tristeza, e nos dá a alegria das coisas divinas. Nos consola ademais das tristeza dos pecados passados; e isto o faz enquanto nos dá a esperança do perdão.

É Espírito, porque move os corações a obedecer a Deus. E porque este vocábulo Espírito envolve certa ideia de impulsão, pois todo movimento produz um efeito conforme a seu princípio, como a calefação dá calor, se deduz que o Espírito Santo faz semelhantes àquele de quem é Espírito, àqueles a quem é enviado, e portanto, sendo *Espírito da Verdade, ensina toda a verdade*. E como é o espírito do Filho, faz filhos.

É Santo, porque nos consagra a Deus; todas as coisas consagradas se chamam santas.

II. Descreve-se sua missão: *A quem o Pai enviará em meu nome*. Diz-se que o Espírito Santo é enviado, não porque mude de lugar, pois que Ele preenche todo o orbe, senão no sentido de que começa a habitar pela graça de um modo novo naqueles aos que faz templo de Deus. *O Pai enviará em meu nome*, porque o Espírito Santo é enviado pelo Pai e pelo Filho, como se expressa no Apocalipse: *Mostrou-me um rio de água viva* (Ap. 22, 1), isto é, ao Espírito Santo, *que saía do trono de Deus e do Cordeiro*. Por isso, ao falar da missão do Espírito Santo, faz-se menção do Pai e do Filho, pelo quais é enviado com igual e idêntico poder.

III. Descreve-se seu efeito: *Ele vos ensinará todas as coisas*. Porque assim como o efeito da missão do Espírito Santo é conduzir os fiéis para o Filho. Sendo o Filho a Sabedoria engendrada, é a mesma Verdade. Por isso o efeito de tal missão é fazer aos homens participantes da divina sabedoria e conhecedores da verdade. O Filho nos entrega a doutrina, pois que é o Verbo; mas o Espírito Santo nos faz capazes dessa doutrina; pois diz: *Ele vos ensinará todas as coisas*, porque qualquer que seja ensinamento exterior do homem, se o Espírito Santo não lhe dá interiormente inteligência, trabalha-se em vão, já que o Espírito Santo não está presente no coração do que escuta, será letra morta o discurso do ensina, e a tal ponto que mesmo falando o mesmo Filho pelo órgão de sua humanidade, não pode nada sem a assistência do Espírito Santo.

-In Joan., XIV, 26

Tempo de Pentecostes

Festa de Pentecostes

O dom do Deus altíssimo

I. Compete a uma pessoa divina ser dom e dar-se. Pois o que se doa tem aptidão e hábito, seja a respeito daquele por quem se dá, seja daquele a quem se dá; toda vez que não seria dado por alguém se não fora dele e ademais se dá a alguém para que se dê a este. Pois bem, uma pessoa divina se diz ser de alguém, ou por razão de origem, como o Filho é do Pai, ou porque alguém a tem. Possuir, dizemos do dispor livremente e usar ou desfrutar de algo a nosso alvedrio. Desse modo somente a criatura racional unida a Deus pode possuir uma pessoa divina; as demais criaturas podem ser movidas por uma pessoa divina mas não há nelas aptidão para gozar de sua possessão e usar de seu efeito. A criatura racional chega alguma vez a isso, como quando participa do Verbo divino e do Amor procedente, e pode até livremente conhecer de verdade a Deus e amá-lo como se deve.

Logo, somente a criatura racional pode possuir a uma pessoa divina. Porém não pode chegar a possuí-la deste modo por sua própria virtude. Logo, é necessário que isto se lhe seja dado do alto. Pois se diz que se nos dá o que possuímos de fora. Neste sentido compete a uma pessoa divina dar-se e ser dom.

-S. Th., Iª, q. 38, a. 1

II. O Espírito Santo é um dom de Deus. Pois como o Espírito Santo procede pelo modo de amor com que Deus se ama a si mesmo, e como Deus pelo mesmo amor se ama a si mesmo, e às outras criaturas por causa de sua bondade mesma, é evidente que o amor com que Deus nos ama corresponde ao Espírito Santo, como também o amor com que amamos a Deus, dado que nos faz amadores de Deus.

Quanto a ambos amores convém ao Espírito Santo o ser dado.

1º Por razão do amor com que Deus nos ama, da mesma maneira que dizemos de alguém que dá seu amor a outro quando começa a amar-lhe. Ainda que Deus não comece a amar a ninguém no tempo, quando o atrai a si.

2º Por razão do amor com que nós amamos a Deus, pois este amor o Espírito Santo o faz em nós; donde se segue que pelo que a este amor se refere Ele habita em nós e nós o temos a Ele como a alguém de cuja riqueza gozamos.

E posto que provém o Espírito Santo do Pai e do Filho o que pelo amor que obra em nós esteja em nós e seja possuído por nós, diz-se com razão que nos é dado pelo Pai e

pelo Filho. Diz-se também que o mesmo se nos dá a nós enquanto que o amor pelo qual habita em nós Ele o faz em nós juntamente com o Pai e o Filho.

-Contra Gentiles, IV, 23

III. O nome próprio do Espírito Santo é dom. Entende-se por dom aquele que se dá para não ser devolvido, quer dizer, o que não se dá com ideia de retribuição. Daqui que brota a ideia de doação gratuita, cuja razão de ser é o amor. Pois quando damos algo gratuitamente a outro é porque lhe desejamos algum bem. Logo, o primeiro que lhe damos é o amor com que lhe desejamos algum bem. Donde se segue que o amor tem caráter de primeiro dom, pelo qual são dados todos os dons gratuitos. Se, pois, o Espírito Santo procede como amor, segue que procede como primeiro dom. Por conseguinte, por este dom que é o Espírito Santo, os membros de Cristo recebem muitos outros dons.

-S. Th., Iª, q. 38, a. 2

Segunda-feira da Oitava de Pentecostes

Como nos move o Espírito Santo para Deus

I. Coisa muito própria da amizade é, sem dúvida, conversar com o amigo. Agora bem, a conversação do homem com Deus tem lugar por meio da contemplação, como dizia o Apóstolo: *Nossa conversação está nos céus* (Fl. 3, 20). Se, pois, o Espírito Santo nos faz amadores de Deus, segue-se que a Ele também devemos o chegar a ser contempladores de Deus, como lemos na segunda carta aos Coríntios: *Todos nós, pois, vendo de cara descoberta como num espelho a glória do Senhor, somos transformados na mesma imagem, de glória em glória, pela ação do Senhor que é Espírito* (3, 18).

II. É também próprio da amizade sentir-se feliz na presença do amigo, alegrar-se de seus ditos e feitos, e encontrar nele o consolo em todas as aflições; por isso nas tristezas buscamos principalmente o consolo nos amigos. E como quer que o Espírito Santo nos constitui amigos de Deus, e faz com que Ele habite em nós e nós n'Ele, segue-se que recebemos de Deus, pelo Espírito Santo, gozo e consolo contra todas as adversidades e provas do mundo. Por isso o Espírito Santo é chamado, pelo Senhor, Paráclito, isto é, Consolador.

III. Igualmente é próprio da amizade consentir nos desejos do amigo; mas a vontade de Deus se nos manifesta por meio de seus preceitos; corresponde, portanto, ao amor com que amamos a Deus, cumprir seus mandamentos. E como o Espírito Santo é quem nos faz amar a Deus, por Ele também em certo modo somos movidos a cumprir os preceitos de Deus.

IV. Notemos, no entanto, que os filhos de Deus são movidos pelo Espírito Santo, não como servos, senão como livres. Porque sendo livre o que é causa de si mesmo, executamos livremente o que fazemos por nós mesmos, isto é, o que fazemos voluntariamente; e o que fazemos contra nossa vontade não o fazemos livremente senão servilmente. Mas o Espírito Santo nos inclina a agir de tal modo, que o fazemos livremente, do mesmo modo que nos faz amar a Deus. Assim, pois, os filhos de Deus são movidos livremente pelo Espírito Santo a agir por amor e não servilmente pelo temor. Por isso diz o Apóstolo: *Não recebestes o espírito de escravidão para estardes novamente com temor, mas recebestes o espírito de adoção de filhos* (Rm. 8, 15).

-Contra Gentiles, lib. 4, cap. 22

Terça-feira da Oitava de Pentecostes

Propriedades do Espírito Santo

O Espírito sopra onde quer, e tu ouves a sua voz, mas não sabes donde Ele vem, nem para onde vai, assim é todo aquele que nasceu do Espírito (Jo. 3, 8).

I. Quatro coisas se indicam aqui acerca do Espírito Santo:

1º Seu poder: *O Espírito sopra onde quer.* O livre-arbítrio de sua potestade inspira onde quer e quando quer, ilustrando os corações. Se fosse ministro do Pai e do Filho, não sopraria onde quisesse, senão onde lhe fosse ordenado.

2º A manifestação do Espírito Santo (Quando se diz: *e tu ouves a sua voz*). Há duas vozes do Espírito Santo: uma que fala interiormente no coração do homem, como diz o Profeta: *Ouvirei o que o Senhor diz* (Sl. 84, 9). Outra com a que fala o Espírito Santo na Escritura, ou por meio dos pregadores, segundo o que se diz em São Mateus: *Não sereis vós que falais, mas o Espírito de vosso Pai é o que falará em vós* (10, 20). Esta voz a escutam também os infiéis e pecadores.

3º Sua origem, que é o oculto: *não sabes donde Ele vem*, ainda quando ouvis sua voz, e isto, porque vem do Pai e do Filho. Mas o Pai e o Filho habitam numa luz inacessível que ninguém viu nem pode ver.

4º Seu fim, que é oculto: *nem para onde vai*. Conduz a um fim oculto, quer dizer, à bem-aventurança eterna. Por isso se lhe chama prenda de herança. *Nem o olho viu, nem o ouvido ouviu*, etc (1Cor. 2, 9).

Ou *não sabes donde Ele vem*, isto é, de que modo entra no homem; *nem para onde vai*, quer dizer, a que perfeição o conduz.

II. *Assim é todo aquele que nasceu do Espírito,* que equivale a dizer: é como o Espírito Santo. Não deve estranhar-nos isto, porque no varão espiritual se dão as propriedades do Espírito Santo, do mesmo modo que no carvão em brasa se dão as propriedades do fogo. Existem efetivamente nele as quatro mencionadas propriedades do Espírito.

1º A liberdade, como diz o Apóstolo: *Onde está o Espírito do Senhor, aí está a liberdade* (2Cor. 3, 17), porque o Espírito do Senhor conduz ao que é reto, e livra da servidão do pecado e da lei.

2º Toma sua manifestação o sinal pela voz de suas palavras; desde que lhe ouve, se conhece sua espiritualidade. *A boca fala da abundância do coração* (Mt. 12, 34).

3º Tem uma origem oculta e também seus fins, porque ninguém pode julgar o espiritual.

Ou *não sabes donde Ele vem*, o princípio de seu nascimento espiritual, que é a graça batismal; ou *nem para onde vai*, quer dizer, de que se faz digno, isto é, da vida eterna, que todavia está oculta para ti.

-*In Joan., III*

Quarta-feira da Oitava de Pentecostes

Multiplicidade dos frutos que dimanam do Espírito Santo

São muitos os frutos que nos vêm do Espírito Santo.

1º Purifica dos pecados. A razão disto é que corresponde sanar a quem toca constituir. A alma é criada pelo Espírito Santo, porque Deus faz tudo através d'Ele; pois Deus criou todas as coisas por amor a sua própria bondade. *Amas tudo o que existe, e não aborreces nada do que fizeste* (Sb. 11, 25). São Dionísio diz: "O amor divino não permitiu que ele estivesse sem gérmen". Logo é necessário que sejam restaurados pelo Espírito Santo os corações dos homens destruídos pelo pecado. *Se envias o teu espírito, são criados, e renovas a face da terra* (Sl. 103, 30). Não é de admirar que purifique o Espírito Santo, porque todos os pecados são perdoados pelo amor. *São-lhe perdoados muitos pecados, porque muito amou* (Lc. 7, 47). *A caridade cobre todas as faltas* (Pr. 10, 12).

2º Ilumina a inteligência, porque tudo o que sabemos o conhecemos pelo Espírito Santo, como diz o Evangelista: *Mas o Paráclito, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, Ele vos ensinará todas as coisas, e vos recordará tudo o que vos tenho dito* (Jo. 14, 26). E em outro lugar: *A sua unção vos ensina todas as coisas* (1Jo. 2, 27).

3º Ajuda e em certo modo obriga a guardar os mandamentos. Porque ninguém pode observar os mandamentos de Deus sem amar a Deus. *Se alguém me ama, guardará a minha palavra* (Jo. 14, 23). Logo o Espírito Santo nos faz amar a Deus. *Dar-vos-ei um coração novo e porei um novo espírito no meio de vós; tirarei da vossa carne o coração de pedra e dar-vos-ei um coração de carne. Porei em vós o meu espírito e farei que andeis nos meus preceitos, que guardeis as minhas leis e as pratiqueis* (Ez. 36, 26-27).

4º Confirma a esperança da vida eterna, porque Ele é como o penhor desta herança, segundo o Apóstolo: *Fostes marcados com o selo do Espírito Santo que tinha sido prometido, o qual é o penhor da nossa herança* (Ef. 1, 13). Pois Ele é como as aras da vida eterna. A razão é que a vida eterna se deve ao homem, enquanto é filho de Deus; e chega a sê-lo fazendo-se semelhante a Cristo; mas se assemelha a Cristo enquanto tem o Espírito de Cristo, que é o Espírito Santo. *Não recebestes o espírito de escravidão para estardes novamente com temor, mas recebestes o espírito de adoção (de filhos), mercê do qual clamamos: "Abba, Pai". O mesmo Espírito dá testemunho ao nosso espírito, de que somos filhos de Deus* (Rm. 8, 15-16). E outro lugar diz o mesmo Apóstolo: *E, porque vós sois filhos, Deus mandou aos vossos corações o Espírito de seu filho, que clama: Abba, Pai* (Gl. 4, 6).

5º Ensina qual é a vontade de Deus: *Aquele que tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às Igrejas* (Ap. 2, 7). O Senhor deu-me língua de discípulo, para eu saber sustentar com a palavra o que está cansado: *para que eu o ouça como discípulo* (Is. 50, 4).

-In Symbol.

Quinta-feira da Oitava de Pentecostes

Aparição do Espírito Santo em figura de pomba

Vi o Espírito descer do céu em forma de pomba (Jo. 1, 32).

Por que o Espírito Santo apareceu em figura de pomba mais bem que na de outra espécie? Para simbolizar as qualidades dos batizados:

1º Pela simplicidade da pomba; porque a pomba é simples. *Sede pois prudentes como serpentes, e simples como pombas* (Mt. 10, 16). Mas porque o Espírito Santo nos faz contemplar ao que é, quer dizer, a Deus, nos faz simples; por isto aparece em figura de pomba. "A verdade", diz Santo Agostinho, "apareceu também em figura de fogo sobre os Apóstolos reunidos porque há alguns que são simples, porém tíbios; outros são fervorosos, porém maliciosos. Para que os batizados pelo Espírito Santo abandonem todo dolo, o Espírito Santo aparece em figura de pomba; e para que sua simplicidade não se entibie com a frieza, aparece em forma de fogo".

2º Pela unidade da caridade; pois a pomba tem o amor ardente. *Uma só é a minha pomba* (Ct. 6, 8). Para mostrar, pois, a unidade da Igreja, aparece o Espírito Santo em figura de pomba.

3º Por conta de seu gemido, pois o canto da pomba é um gemido. Assim diz São Paulo: *O Espírito ora por nós com gemidos inefáveis* (Rm. 8, 26).

4º Pela fecundidade, porque a pomba é um animal fecundíssimo; e para significar a fecundidade da graça espiritual da Igreja, o Espírito Santo aparece em figura de pomba.

5º Pela cautela da pomba. Pois a pomba pousa sobre as ribeiras dos rios, e quando nelas divisa o falcão que voa, guarda-se dele. *Os seus olhos são como pombas* (Ct. 5, 12). E como no Batismo o Espírito Santo é nossa tutela e defesa, convenientemente aparece o Espírito Santo em figura de pomba.

Corresponde à figura do Antigo Testamento. Assim como a pomba, levando um ramo verde de oliveira, mostrou um sinal da clemência de Deus aos que haviam sobrevivido às águas do dilúvio, assim também no Batismo, vindo o Espírito Santo em figura de pomba, mostrou o sinal da clemência divina, que perdoa os pecados aos batizados e lhes confere a graça.

-In Joan., I

Sexta-feira da Oitava de Pentecostes

Descida e permanência do Espírito Santo

Vi o Espírito que descia… e repousou sobre Ele (Jo. 1, 32).

A presença do Espírito Santo no Batismo de Cristo realizado por São João harmoniza-se com o batizado e o Batismo. Com o batizado, porque assim como o filho que procede do Pai manifesta o Pai, como diz o Evangelista: *Manifestei o teu nome aos homens* (Jo. 17, 6), assim o Espírito Santo, que procede do Filho manifesta o Filho, segundo se lê no Evangelho de São João: *Ele me glorificará, porque receberá do que é meu* (16, 14).

A presença do Espírito Santo se harmoniza com o Batismo, porque o Batismo de Cristo é a inauguração do nosso. Mas nosso Batismo é consagrado pela invocação da Santíssima Trindade, logo o que nós invocamos em nosso Batismo esteve presente no Batismo de Cristo: O Pai na voz, o Espírito Santo na pomba, o Filho na natureza humana.

Diz *que descia*. Porque existe um duplo espírito: o do mundo e o de Deus. O espírito do mundo é, efetivamente, o amor do mundo, que não procede de cima, mas antes, desde baixo ascende até o homem e faz descender a este; porém o espírito de Deus, quer dizer, o amor de Deus, descende de cima até o homem e o faz subir com Ele: *Nós não recebemos o espírito deste mundo, mas o Espírito que vem de Deus* (1Cor. 2, 12).

Diz depois: *e repousou sobre Ele*, porque com a permanência se designa o descanso. E que o Espírito Santo não descanse em alguém se deve a duas causas:

Uma se deriva do pecado. Porque todos os homens, exceto Cristo, ou estão ferido pela chaga do pecado mortal, que afugenta o Espírito Santo, ou estão obscurecidos pela mancha do pecado venial, que impede algumas ações do Espírito Santo. Porém em Cristo não existiu nem o pecado mortal, nem o venial, nem o original. Pelo qual não foi inquietado nele o Espírito Santo, senão que repousou sobre Ele, isto é, descansou.

Outra causa é que as graças gratuitas nem sempre dão aos santos o poder de agir por elas; nem sempre têm os santos o poder de fazer milagres, nem os profetas o espírito de profecia.

Porém Cristo possui sempre o poder de realizar todas as operações das virtudes e das graças, e isto significa a expressão: *repousou sobre Ele*. E este foi o sinal apropriado para conhecer a Cristo. *Repousará sobre Ele o Espírito do Senhor* (Is. 11, 2). Isto há de entender-se de Cristo enquanto homem.

-In Joan., I

Sábado da Oitava de Pentecostes

Efeitos atribuídos ao Espírito Santo com relação às dádivas que Deus nos dá

I. O Espírito Santo é quem revela os mistérios secretos. Com efeito, é próprio da amizade revelar seus segredos ao amigo. A amizade é uma fusão de sentimentos; ela faz, por assim dizer, um só coração de dois corações, e parece que não tiramos do coração o que revelamos ao amigo. Por isso diz o Senhor aos discípulos: *Não mais vos chamarei servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas chamo-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai* (Jo. 15, 15).

Se, pois, pelo Espírito Santo somos constituídos amigos de Deus, convenientemente se diz que os mistérios divinos são revelados aos homens pelo Espírito Santo. Por isso diz o Apóstolo: *Está escrito: Nem o olho viu, nem o ouvido ouviu, nem entrou no coração do homem, o que Deus preparou para aqueles que o amam; a nós, porém, Deus revelou-o por meio do seu Espírito* (1Cor. 2, 9-10).

II. Pelo Espírito Santo expressamos os mistérios divinos. O homem fala do que conhece; e é justo que pelo Espírito Santo o homem fale dos mistérios divinos, segundo aquilo do Apóstolo: *O espírito fala coisas misteriosas* (1Cor. 14, 2), e São Mateus diz: *Não sereis vós que falais, mas o Espírito de vosso Pai é o que falará em vós* (10, 20). Por isso se diz no Símbolo acerca do Espírito Santo: que falou pelos profetas.

III. O Espírito Santo é quem nos comunica os bens divinos. Não somente é próprio da amizade revelar ao amigo seus segredos, por causa da união dos corações, senão que essa união exige também que tudo o que o amigo possua, o comunique a seu amigo. Com efeito, o homem considera ao amigo como outro eu, e é mister, por conseguinte, que lhe ajude como a si mesmo, dando-lhe participação em suas coisas. Por isso é próprio do amigo fazer bem ao amigo, segundo aquilo de São João: *Se alguém que possua bens deste mundo vir o seu irmão em necessidade e lhe fechar o seu coração, como está nele a caridade de Deus?* (1Jo. 3, 17).

Isto sucede sobretudo com Deus, cujo querer é eficaz quanto ao efeito. Por isso se diz muito bem que os dons de Deus se nos são dados pelo Espírito Santo, como afirma São Paulo: *A um é dada pelo Espírito a linguagem da sabedoria; a outro, a linguagem da ciência, segundo o mesmo Espírito,* e depois de enumerar muitas outras coisas, acrescenta: *Mas todas estas coisas as opera um só e o mesmo Espírito, repartindo a cada um como quer* (1Cor. 12, 8-11).

-Contra Gentiles, lib IV, cap. 21

IV. Cristo é a cabeça da Igreja, mas o Espírito Santo é o coração.

A cabeça tem uma superioridade manifesta sobre os demais membros exteriores; porém o coração tem certa influência oculta; por isso é comparado ao coração o Espírito Santo, que vivifica e une invisivelmente a Igreja; e o mesmo Cristo é comparado à cabeça por causa de sua natureza visível, segundo a qual, como homem, tem a preferência sobre todos os homens.

-S. Th., IIIª, q. 8, a. 1, ad 3um

Festa da Santíssima Trindade

Vinda da Trindade à alma

Não somente o Filho, senão também o Pai e o Espírito Santo vêm pela graça à alma humana e habitam nela, segundo aquilo de São João: *Viremos a Ele, e faremos n'Ele a nossa morada* (Jo. 14, 23).

O Pai vem por seu poder, confortando-nos. *Ele dá força ao fatigado* (Is. 40, 29), ao que acrescenta a Glosa: "força de crer e de agir".

O Filho vem por sua sabedoria, iluminando-nos, porque é *luz verdadeira, luz que ilumina todo o homem* (Jo. 1, 9).

O Espírito Santo derrama em nós sua bondade, inflamando-nos em seus amor; porque o amor de Deus é a fonte de todo o bem. Ele nos comunica de uma maneira soberana. Porém está cheio de suavidade em nós, quando nos alegra com o sabor interno de sua doçura. Por isso, sobre as palavras do Salmo (144, 9), *Suave é o Senhor para com todos*, acrescenta a Glosa: "porém principalmente para os que lhe provam". E São Bernardo explica: "Somente o Consolador é nosso hóspede, o Deus de caridade, o qual, ainda que nunca abandona aos justos para fazê-los merecer, com frequência se ausenta, no entanto, e se abstém de consolá-los; aquilo é mais agradável, isto é, mais útil. Tem-se lhe, na verdade, por oculto, quando aquela suavidade possuída não toca a sensibilidade do coração. E assim como o povo israelita, quando ao princípio o Senhor lhe fez chover o maná, dizia admirado: *Manhú?*, que quer dizer: *O que é isto?* (Ex. 16, 15), assim a alma devota se admira ao experimentar em seu interior a suavidade da bondade divina, porque não a há experimentado assim nas coisas criadas". Por isso diz Santo Anselmo: "Pensai qual seja aquele bem que contém o prazer de todos os bens, o qual não experimentais nas coisas criadas, pois o prazer destas difere daquele prazer como o Criador da criatura".

Ademais, a suavidade desta bondade não se pode expressar com palavras, nem se ensina com a língua senão com a graça. *Darei ao vencedor maná escondido* (Ap. 2, 17), porque não é descoberto por nenhuma linguagem. Por isso diz São Bernardo: "Oh!, que quem está ansioso por saber que é provar do Verbo prepare, não seu ouvido, senão a alma, porque não é a língua a que o ensina, senão a graça".

Todavia, isto, sobrepassa a toda inteligência e a todo desejo, o qual é maior, porque sabemos muitas coisas que não expressamos; porém a suavidade da bondade divina é tão grande que não somente não podemos expressá-la com palavras, senão que ainda somos impotentes para buscá-la. Por isso diz o profeta: *Lembrei-me de Deus, e senti-*

me cheio de gozo, meditei e o meu espírito desfaleceu (Sl. 76, 4). E São Bernardo nos explica que a inteligência não pode compreendê-lo senão quando tem a experiência.

Assim deve-se entender as palavras do profeta que diz: *Maravilhosas as tuas obras. Perfeitamente conheces a minha alma* (Sl. 138, 14), isto é, maravilhosos são o poder do Pai, a sabedoria do Filho, e a doçura do Espírito Santo, que fazem desfalecer a alma quando tenta conhecer a grandeza do poder, a profundidade da sabedoria e a abundância da doce suavidade.

-De Humanitate Christi

Segunda-feira da Oitava da Trindade

A imagem de Deus no homem

I. *Criou Deus o homem à sua imagem* (Gn. 1, 27).

O homem é em grande medida semelhante a Deus enquanto a natureza intelectual pode imitar a Deus em grande medida. Porém no que mais imita a Deus a natureza intelectual é em que Deus se conhece e se ama a si mesmo. Por conseguinte, podemos considerar desde três aspectos a imagem de Deus no homem:

Um, na aptidão natural que o homem tem para conhecer e amar a Deus; e esta aptidão reside na mesma natureza do espírito, que é comum a todos os homens.

Outro, em que o homem conhece atual ou habitualmente a Deus e o ama, ainda que de um modo imperfeito, e esta imagem surge da conformidade que dá a graça.

Terceiro, em que o homem conhece a Deus em ato e lhe ama perfeitamente; e esta é a imagem segundo a semelhança dá a glória. Pelo qual, sobre aquilo: *Gravada está, Senhor, sobre nós a luz do teu rosto* (Sl. 4, 7), distingue a Glosa em três classes de imagem: de criação, restauração e de semelhança.
A primeira se encontra em todos os homens; a segunda, unicamente nos justos;
a terceira, somente nos bem-aventurados.

-S. Th., 1ª, q. 93, a. 4

II. A imagem de Deus está principalmente em nós, quando em ato conhecemos e amamos a Deus. Pois a criatura intelectual se assemelha em grande medida a Deus por ser intelectual, já que possui essa semelhança sobre as demais criaturas e isto inclui a todas as outras.

Pelo que faz o gênero humano desta semelhança, mais se assemelha a Deus quando o conhece em ato que quando o conhece em hábito ou em potência, pois Deus é sempre inteligente em ato.

E quando o conhece em ato, se assemelha em grande medida a Deus, porquanto conhece ao mesmo Deus; E Deus conhece todas as outras coisas, conhecendo-se a si mesmo.

-Contra Gentiles, lib. III, cap. 23

Assim, pois, a imagem da Trindade se considera primária e principalmente na alma segundo seus atos, quer dizer, pelo conhecimento que temos pensando, e do que formamos o verbo interno, do qual prorrompemos em amor; secundariamente e como por consequência segundo suas potências e principalmente segundo seus hábitos, isto é, enquanto incluem virtualmente os atos.

-S. Th., 1ª, q. 93, a. 7

III. A imagem de Deus no homem pode estar tão apagada que seja quase nula, como nos que não têm uso da razão; ou bem obscura e deforme, como nos pecadores; ou clara e formosa, como nos justos.[23]

-S. Th., Iª, q. 93, a. 8, ad 3um

23 Santo Agostinho, *De Trin.*, I. 14, c. 4.

Terça-feira da Oitava da Trindade

Do amor e do culto de latria devidos a Deus soberano e infinitamente bom

I. *Nós, portanto, amemos, porque Ele nos amou primeiro* (1Jo. 4, 19). Devemos amar a Deus de três maneiras:

1º Que enchamos todo nosso coração com seu amor. *Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração* (Dt. 6, 5).

2º Que não amemos coisa alguma senão por Ele. Santo Agostinho diz: "Menos te ama quem contigo ama alguma coisa a que não ama por ti".

3º Que nenhuma adversidade nos aparte de sua caridade. *Quem nos separá, pois, do amor de Cristo?* (Rm. 8, 35).

Devemos amar muito a Cristo por três motivos:

Por sua bondade. São Bernardo comenta: "A bondade, causa de amar a Deus, é Deus mesmo. Sua bondade é tão grande que, mesmo quando não nos houvesse feito nenhum bem nem o houvesse de fazer, deveríamos, no entanto, amá-lo sempre".

Por sua caridade. *Nós, portanto, amemos, porque Ele nos amou primeiro*. E Santo Agostinho exclama: "Miserável de mim! Quanto devo amar a meu Deus que me fez o que não era, que me redimiu quando eu havia perecido, quando estava vendido com meus pecados; Ele veio por mim, e tanto me amou que deu por mim o preço de seu sangue".

Por nossa utilidade. Pois dispôs bens inenarráveis para os que lhe amam. *Nem o olho viu, nem o ouvido ouviu, nem entrou no coração do homem, o que Deus preparou para aqueles que o amam* (1Cor. 2, 9).

-Serm. 78

II. Pelo culto de latria confessamos nossa dependência de Deus, posto que Ele nos criou. Portanto, devemos o culto de latria enquanto é nosso Criador, nosso fim e primeira fonte de nosso ser. E porque é Criador, bom, sábio e poderoso, e por outros atributos, devemos-lhe o culto de latria e não somente por um deles.

E porque o Pai e Filho e o Espírito Santo são um só Criador, devemos-lhe também esse culto de latria, que é devido a Deus como Criador.

Por todos esses títulos devemos render a Deus culto de latria.

Existem em nós três classes de bens: o espiritual, o corporal e o externo. E como todos eles nos vêm de Deus, por todos eles devemos oferecer a Deus culto de latria. Por nossa alma, devemos-lhe um amor especial; por nosso corpo, oferecemos-lhe prostrações e cânticos; pelos bens exteriores lhe oferecemos sacrifícios, candelas, etc. Não oferecemos a Deus tudo isto porque Ele o necessite, senão para reconhecer que tudo recebemos d'Ele. E porque por tudo lhe damos graças, assim também lhe honremos com tudo.

-3 Dist. 9, q. 1, a. 3

Quarta-feira da Oitava da Trindade

Pecado contra o Pai, contra o Filho e contra o Espírito Santo

I. Pecar contra o Pai é pecado de debilidade. Pecar contra o Filho é pecado de ignorância. Pecar contra o Espírito Santo é pecado de malícia. Em outros termos, peca-se contra o Pai não tributando-lhe o que lhe é devido por razão de seu poder; contra o Filho, quando se despreza sua sabedoria, que é seu atributo; contra o Espírito Santo, quando se ofende sua bondade, que é seu atributo.

O pecado se comete de três modos: Por ignorância, por paixão e por livre decisão. Por ignorância, quando se desconhece aquilo cujo conhecimento houvesse impedido o pecado, pelo que a ignorância é a causa neste caso. É o pecado contra o Filho. Por paixão, quando esta obscurece o juízo da razão. E isto é propriamente pecar por debilidade e contra o Pai. Por livre decisão, quando o homem, depois de deliberar, escolhe o pecado, não que ele seja vencido pela tentação, senão porque o coração está corrompido, e lhe apraz o pecado em si. Isto é pecar por malícia, que é o pecado contra o Espírito Santo.

-2 Dist. 43, q. 1, a. 1

II. Quanto ao pecado contra o Espírito Santo, assinalam-se seis espécies, que se distinguem segundo o aleijamento ou desprezo das coisas que podem impedir ao homem a escolha do pecado. Essas coisas provém, seja da parte do juízo divino, seja da parte de seus dons, seja também da parte do mesmo pecado.

1º O Homem se aparta da escolha do pecado ou por consideração ao juízo divino ou pela esperança que desperta a consideração da misericórdia que perdoa os pecados e premia as coisas boas, a qual se destrói pela *desesperação*; ademais pelo temor, que surge ao considerar a justiça divina, que castiga os pecados, o qual se destrói pela *presunção*; quer dizer, enquanto se presume que pode alcançar a glória sem méritos e o perdão sem penitência.

2º Os dons de Deus, que nos afastam do pecado são dois: um é o conhecimento da verdade, ao que se opõe a *impugnação da verdade conhecida*, isto é, quando se combate a verdade conhecida da fé com o fim de pecar mais livremente; outro é o auxílio da graça interior ao que se opõe a *inveja da graça fraterna*; isto é, quando não somente inveja a pessoa do irmão, senão que também a graça de Deus que se acrescenta no mundo.

3º Com relação ao pecado, duas são as coisas que podem afastar o homem dele: uma é a desordem e a fealdade do ato, cuja consideração costuma produzir no homem a penitência do pecado cometido, e a isto se opõe a *impenitência*, que encerra o propósito de não se arrepender. Outra é a pequenez e brevidade do bem que se encontra no pecado, como diz o Apóstolo: *Que fruto tirastes então daquelas coisas, de que agora vos envergonhais?* (Rm. 6, 21). A consideração disto costuma induzir o homem a que sua vontade não se afirme no pecado, o qual se destrói pela *obstinação*, quando o homem se aferra em seu propósito de permanecer no pecado.

-S. Th., II^{a} II^{ao}, q. 14, a. 2

Festa de Corpus Christi

A Eucaristia confere graça

O pão que eu darei, é a minha carne para a salvação do mundo (Jo. 6, 51).

O Efeito deste sacramento deve ser considerado:

1º Pelo que no sacramento se contém, que é Cristo, quem, vindo visivelmente ao mundo lhe conferiu a vida da graça, do mesmo modo que vindo ao homem sacramentalmente, efetua a vida da graça, como diz o Evangelista: *O que me comer a mim, esse mesmo também viverá por mim* (Jo. 6, 57). Por isso comenta São Cirilo: "O Verbo vivificante de Deus, unindo-se a sua própria, fê-la vivificante. Pois convinha que se unisse de algum modo a nossos corpos por sua carne sagrada e seu sangue precioso, que recebemos no pão e no vinho como bendição vivificante".

2º Pelo que nele se representa, isto é, a Paixão de Cristo, e em consequência, este sacramento produz no homem o mesmo efeito que a Paixão de Cristo produziu no mundo. Daí que, comentando as palavras: *Imediatamente saiu sangue e água* (Jo. 19, 34), diga São João Crisóstomo: "Posto que daqui têm origem os sagrados mistérios, quando te aproximas do tremendo cálice, aproxima-te como se houvesse de beber do mesmo costado de Cristo".[24] Por isso diz o mesmo Cristo: *Isto é o meu sangue, o sangue da nova aliança, que será derramado por muitos para remissão dos pecados* (Mt. 26, 28).

3º Considera-se o efeito deste sacramento pelo modo com que é dado: como comida e bebida. E por isto, todo o efeito que produz a comida e a bebida materiais na vida corporal, quer dizer, que sustentam, acrescentam, reparam e deleitam, tudo isto o produz este sacramento quanto à vida espiritual. Por esta razão diz Santo Ambrósio: "Este Pão é o da vida eterna, que sustenta a substância da alma".[25] São João Crisóstomo acrescenta: "Se nos dá aos que o desejamos para ser palpado, comido e abrasado".[26]

E são palavras do mesmo Jesus Cristo: *Minha carne é verdadeiramente comida, e o meu sangue verdadeira bebida* (Jo. 6, 55).

4º Considera-se o efeito deste sacramento pelas espécies em que se dá. A este respeito diz Santo Agostinho: "Nosso Senhor pôs seu corpo e seu sangue nestas coisas que, de

24 Hom. 84 In Joan.
25 *De Sacramentis,* 1. IV, c. 4.
26 Super Joan., hom. XLV.

múltiples que elas são, reduzem-se a uma só: porque uma quer dizer, o pão, resulta da síntese de muitos grãos; a outra, quer dizer, o vinho, produz-se de muitas uvas, que formam um só licor".[27] Pelo qual exclama: "Oh sacramento de piedade, oh sinal de unidade, oh vínculo de caridade!".[28] E, posto que Cristo e sua Paixão são causa da graça e refeição espiritual, e a caridade não pode existem sem a graça, deduz-se de tudo o que foi dito que este sacramento confere a graça.

-S. Th., III^a, q. 69, a. 1

27 Tract. 26 in Joan.
28 Loc. cit.

Sexta-feira da Oitava de Corpus Christi

Que graça confere a Eucaristia

1º O sacramento da Eucaristia tem por si mesmo a virtude de conferir a graça, e ninguém tem a graça antes de recebê-lo, a não ser por algum desejo, seja expresso por si mesmo, como nos adultos, seja pela Igreja, como nas crianças.[29] Sendo assim, devido à eficácia de virtude do mesmo, resulta que também pelo desejo deste sacramento alguém pode conseguir a graça que o vivifica espiritualmente. Sucede, ademais, que quando se recebe realmente este sacramento se aumenta a graça e se aperfeiçoa a vida espiritual, porém de modo distinto ao sacramento da Confirmação, no qual se aumenta e aperfeiçoa a graça para resistir aos ataques exteriores dos inimigos de Cristo, pois pela Eucaristia se aumenta a graça e se aperfeiçoa a vida espiritual, para que o homem seja perfeito em si mesmo por sua união a Deus.

2º Este sacramento confere espiritualmente graça com a virtude da caridade. Por isso São João Damasceno[30] compara este sacramento ao carvão que viu Isaías (Is. Cap. 6). Pois o carvão não é simples madeira, senão lenha, unida ao fogo, e assim também o pão da Comunhão não é simples pão, senão que está unida à Divindade. Porém, como diz São Gregório[31], "o amor de Deus não é ocioso; porque produz grandes coisas quando existe". E por conseguinte, por este sacramento, segundo sua própria virtude,

---

29 Para aclarar este ponto e evitar interpretações torcidas, convém fazer algumas advertências. Não há dúvida de que a recepção *real* deste sacramento seja necessária para a salvação com necessidade de *preceito*, tanto divino como eclesiástico, seja em caso de morte, seja muitas vezes na vida. A existência do preceito consta no Evangelho de São João c. VI, e nas leis legítimas da Igreja que nesta matéria obrigam sob pena grave em determinadas circunstâncias. Ao contrário, não é necessária a dita recepção *real* como necessidade de *meio*, nem tampouco como *voto propriamente dito*. Pois só é necessário como necessidade de meio para a salvação o que se requer como meio para a primeira justificação, surja isso da necessidade da natureza ou duma positiva instituição de Deus. Porém a Eucaristia não foi instituída regularmente para conferir a justificação primeira, mas antes, a supõe, pois é sacramento de vivos e não de mortos, e, ai daquele que em pecado mortal se aproxime para recebê-lo! Logo, não pode ser necessária a recepção real do mesmo como necessidade de meio para a salvação. Porém se a recepção do *mesmo sacramento* não é necessária nem realmente nem em desejo, o é, ao contrário, o *res sacramenti*, o efeito do sacramento da Eucaristia para alcançar a salvação. Porque o meio necessário para a salvação é a incorporação a Cristo que tem lugar na primeira justificação, justificação que formalmente consiste na primeira graça e na caridade habitual, que é o mesmo vínculo pelo qual nos unimos *como membros vivos* a Cristo e a seu corpo místico. É assim que o efeito deste sacramento é precisamente a unidade perfeita do corpo místico, isto é, a união perfeita da alma de Cristo e a seus membros pela caridade. Logo, o efeito deste sacramento (*res sacramenti*) é necessário como necessidade de meio, seja na realidade seja no desejo implícito ou explícito. Neste sentido temos de entender as palavras de Santo Tomás que motivaram esta nota.

30 *Orth. Fid.*, 1. IV, c. 14.

31 Hom. Pent. 30 in Evangelium

não somente se confere o hábito da graça e da virtude, senão que também se excita a agir, segundo aquilo: *O amor de Cristo nos constrange* (2Cor. 5, 14). Daí que pela virtude este sacramento se fortifique a alma espiritualmente, porquanto se deleita espiritualmente, e se embriaga, de certo modo, com a doçura da bondade divina, como diz o Cântico dos Cânticos: *Comei, amigos, e bebei, inebriai-vos caríssimos* (5, 1).

3º Posto que os sacramentos produzem a saúde que significam, diz-se, por certa analogia, que neste sacramento se oferece o corpo pela saúde do corpo, e o sangue pela saúde da alma, ainda que um e outro produzam a saúde dos dois, pois todo o Cristo se contém sob ambos. E ainda que o corpo não seja o sujeito imediato da graça, o efeito dela redunda, no entanto, da alma ao corpo, no presente enquanto exibimos nossos membros como *instrumentos da justiça de Deus*, e no futuro quando nosso corpo venha a alcançar a incorrupção e a glória da alma.

-S. Th., III^a, q. 69 ad 1

Sábado da Oitava de Corpus Christi

O efeito da Eucaristia é a consecução da glória

Quem comer deste pão, viverá eternamente (Jo. 6, 51).

Neste sacramento podemos considerar aquilo que produz o efeito, ou seja, o mesmo Cristo no conteúdo e sua Paixão nele representada, e aquilo pelo qual tem afeto, a saber, o uso do sacramento e suas espécies. Quanto a ambos os extremos pode-se afirmar que este sacramento causa a consecução da vida eterna.

Com efeito: o mesmo Cristo por meio de sua Paixão nos abriu a entrada à vida eterna, como se diz na carta aos Hebreus (9, 15): *É mediador do novo Testamento, a fim de que, intervindo a sua morte para o perdão daquelas prevaricações que havia sob o antigo, os chamados recebam a herança eterna que lhes foi prometida*.

Do mesmo modo, a refeição do manjar espiritual e a unidade significada pelas espécies do pão e do vinho têm lugar, certamente, na vida presente, porém de maneira imperfeita; perfeitamente se dão no estado glorioso. Donde diz Santo Agostinho: “Os homens, quando comem e quando bebem, o que buscam é não ter fome nem sede; porém isto, na verdade, somente o proporciona esta comida e esta bebida que faz imortais e incorruptíveis aos que a tomam, na companhia dos santos, donde terá lugar a paz e a unidade plena e perfeita”.

E embora este sacramento corresponda aos viandantes, incapazes ainda glória, não se segue que o efeito mesmo não seja a consecução da glória. Pois assim como a Paixão de Cristo, em cuja virtude age o sacramento, é causa suficiente da glória – não no sentido de que por ela sejamos diretamente introduzidos na glória, pois é preciso que previamente padeçamos conjuntamente para que depois sejamos juntamente glorificados - , assim também na glória, senão que nos dá o poder de chegar a ela; e por isso se chama *viático*, na figura do qual lemos no Terceiro Livro dos Reis (19, 8): *Elias comeu e bebeu, e, com o vigor daquela comida, caminhou quarenta dias e quarenta noites, até ao monte de Deus, Horeb*.

-S. Th., III^a, q. 69, a. 2

Domingo da Oitava de Corpus Christi

Como o pecado venial impede os frutos da Eucaristia

Diz São João Damasceno: “O fogo da caridade que está em nós, tomando este abrasamento como de um carvão, isto é, deste sacramento, queima nossos pecados e alumia nossos corações, a fim de que, participando do fogo divino, sejamos abrasados e deificados”.[32]

Porém o fogo do nosso desejo ou de nosso amor é contido pelos pecados veniais, que impedem o fervor da caridade. Logo os pecados veniais impedem o efeito deste sacramento.

Os pecados veniais podem ser considerados de dois modos: 1º, que sejam passados; 2º, que se cometam atualmente. Do primeiro modo, os pecados veniais não impedem de maneira alguma o efeito deste sacramento; porque pode suceder que alguém, depois de haver cometido muitos pecados veniais, aproxime-se devotamente deste sacramento, e receba plenamente seu efeito. Mas do segundo modo, os pecados veniais não impedem de todo o efeito deste sacramento, senão em parte; pois o efeito deste sacramento não é unicamente a aquisição da graça habitual ou da caridade, senão também certa renovação atual da doçura espiritual, a que é impedida se alguém se aproxima deste sacramento com a mente distraída pelos pecados veniais; porém não se destrói o aumento da graça habitual ou da caridade.

Aquele que se aproxima deste sacramento com o ato do pecado venial come espiritualmente de uma maneira habitual (o pão celeste), mas não de um modo atual e, portanto, percebe o efeito habitual deste sacramento, porém não o atual.

É certo que os pecados veniais não impedem o efeito do Batismo, porém não deve falar-se identicamente da Eucaristia e do Batismo. Pois o Batismo não se ordena do mesmo modo ao efeito atual, isto é, ao fervor da caridade, como este sacramento; porque o Batismo é a regeneração espiritual pela que se adquire a primeira perfeição, que é o hábito ou a forma; mas este sacramento é a manducação espiritual que tem deleite atual.

-S. Th., IIIª, q. 69, a. 8

32 *Orth. fid.* L. IV, c. 14.

Segunda-feira da Oitava de Corpus Christi

A Eucaristia preserva o homem dos pecados futuros

Este é o pão que desceu do Céu, para que aquele que dele comer não morra (Jo. 6, 50).

O pecado é certa morte espiritual da alma. Portanto, se é preservado do pecado futuro como o é o corpo da morte futura; o qual se verifica de dois modos: 1º, enquanto a natureza do homem se robustece interiormente contra os fatores internos de corrupção, e deste modo é preservado da morte pela comida e pelo remédio; 2º, porque se defende dos ataques exteriores, e assim é preservado pelas armas de que está provido seu corpo.

De um e doutro modo preserva do pecado este sacramento:

1º Pelo mesmo fato de que une a Cristo pela graça, e esta robustece a vida espiritual do homem como um manjar e remédio espiritual, segundo aquilo: *O pão robusteça o coração* (Sl. 103, 15). E Santo Agostinho diz: "Aproxima-te com confiança, é pão, não veneno".[33]

2º Enquanto é um sinal da Paixão de Cristo, pela qual foram vencidos os demônios, rechaça todo ataque dos demônios. Pelo que diz São João Crisóstomo: "Como os leões que exalam chamas, assim nos retirarmos daquela mesa, feitos terríveis pelo Diabo".[34]

É certo que muitos que se aproximam dignamente a este sacramento caem depois no pecado, e a razão é que o homem no estado de viandante se acha num condição tal, que por seu livre-arbítrio pode dobrar-se ao bem e ao mal. Pelo qual, ainda que este sacramento em si mesmo tenha uma virtude preservativa do pecado, não tira, no entanto, ao homem a possibilidade de pecar.

E o mesmo é preciso dizer da caridade. Pois a caridade em si mesma preserva o homem do pecado; porém pela mutabilidade do livre-arbítrio ocorre que alguém, depois de possuída a caridade, peca como depois de haver recebido este sacramento.

Ainda que este sacramento não se ordene diretamente a diminuir o estimulante da concupiscência, enquanto acrescenta a caridade, pois como diz Santo Agostinho, "o

33 Super Joan., Tract. 26.
34 Ibid.,

aumento da caridade é a diminuição da concupiscência". Afirma diretamente o coração do homem no bem, pelo que também é preservado do pecado.

-S. Th., III^{a}, q. 69, a. 6

Terça-feira da Oitava de Corpus Christi

Pela Eucaristia se perdoa a pena do pecado

O sacramento da Eucaristia é conjuntamente sacrifício e sacramento; é sacrifício enquanto é oferecido, e sacramento enquanto se recebe. E por isto o efeito como sacramento se produz no que o consume, e como sacrifício no que o oferece ou naqueles por quem se oferece.

Se, pois, se considera como sacramento, tem duas classes de efeitos: 1º, diretamente por virtude do sacramento; 2º, como que por certa concomitância. Por virtude do sacramento tem diretamente aquele efeito para o que foi instituído; e não o foi para satisfazer, senão para alimentar espiritualmente pela união a Cristo e a seus membros, como também o nutrimento se une ao que se nutre. Porém como esta união se verifica pela caridade, por cujo fervor se consegue o perdão, não somente da culpa, senão também da pena, daí resulta que, por certa concomitância com seu efeito principal, o homem consegue a remissão da pena, não de toda ela, senão segundo o modo de sua devoção e fervor.

Enquanto é sacrifício, tem uma virtude satisfatória; porém na satisfação se atende mais ao afeto do oferente que à quantidade da oblação. Por isso o Senhor diz acerca da viúva que ofereceu dois ases, que *deu mais que todos os outros* (Mc. 12, 43); assim, ainda que esta oblação baste por sua quantidade para satisfazer por toda pena, no entanto se faz satisfatória para aqueles por quem se oferece ou também para os que a oferecem, segundo a quantidade de sua devoção e não por toda a pena.

A virtude de Cristo, que se contém neste sacramento, é infinita. Por conseguinte, o que se tira por este sacramento é apenas parte da pena, e não toda, e não provém do defeito da virtude de Cristo, senão do defeito da devoção do homem.

-S. Th., III^a, q. 69, a. 5

Quarta-feira da Oitava de Corpus Christi

A Eucaristia perdoa os pecados veniais

Neste sacramento podem considerar-se duas coisas: o sacramento mesmo e a coisa do sacramento. E de uma e outra resulta que este sacramento tem virtude para perdoar os pecados veniais.

Porque este sacramento se toma sob a espécie de manjar nutritivo; e a nutrição do manjar é necessária ao corpo para reparar o que diariamente perde pela ação do calor natural. Sob o conceito espiritual há em nós uma perda diária, que resulta do calor da concupiscência por meio dos pecados veniais, que diminuem o fervor da caridade. E assim, compete a este sacramento perdoar os pecados veniais; pelo que diz Santo Ambrósio que "este pão cotidiano se toma para remédio da debilidade cotidiana".[35]

A coisa, porém, deste sacramento é a caridade (não somente enquanto hábito, senão também enquanto ao ato), que é excitada neste sacramento, pelo qual são apagados os pecados veniais. Logo, é evidente que por virtude deste sacramento se perdoam os pecados veniais.

Mesmo quando os pecados veniais não sejam contrários à caridade, considerada quanto ao hábito, a contrariam, no entanto, quanto ao fervor do ato, que é excitado por este sacramento, em razão do qual são apagados os pecados veniais.

-S. Th., III^a, q. 69, a. 4

Em virtude deste sacramento se verifica certa transformação do homem em Cristo, pelo amor; e este é o efeito próprio deste sacramento. E como pelo fervor da caridade se perdoam os pecados veniais, porque lhe são contrários; segue-se que pela virtude deste sacramento são destruídos os pecados veniais.

Ademais, o fervor da devoção pode ser tão grande que destrua todos os pecados veniais. Pois não há inconveniente em que em um momento esteja o homem livre de todo pecado venial; ainda que isto não possa durar muito tempo por causa da dificuldade de evitar os pecados veniais. Nem tampouco é necessário que sempre destrua os pecados veniais, senão que o faz segundo a medida da devoção; porque não é seu efeito imediato a destruição dos veniais, senão uma consequência.

-4, Dist. 12, q. 2

35 *De Sacramenti*, 1. V, c, 4.

Quinta-feira da Oitava de Corpus Christi

Uso da Eucaristia

I. Deve-se receber a Eucaristia frequentemente.

Os efeitos deste sacramento são análogos aos da nutrição corporal. De contínuo se verifica um desperdício do humor natural pela ação do calor e do trabalho; e é necessário tomar frequentemente alimento corporal para reparar o perdido, de modo que o desgaste contínuo não produza a morte.

Assim, pela concupiscência original e a ocupação em coisas exteriores, se verifica um desgaste de devoção e de fervor, com os que o homem se recolhe em Deus. Por conseguinte, é necessário repor muitas vezes o perdido, para que o homem não se alheie totalmente de Deus.

II. É necessário comungar diariamente?

Neste sacramento duas coisas requerem por parte do que lhe recebe: o desejo de unir-se a Cristo, o qual realiza o amor, e a reverência ao sacramento, que provém do dom do temor. O primeiro convida à frequência quotidiana deste sacramento, porém o segundo a retrai.

Pelo qual se alguém sabe, por experiência, que com a Comunhão diária se acrescenta nele o fervor do amor, e que não se diminui sua reverência, esse tal deve comungar diariamente. Porém se a Comunhão diária diminui nele a reverência e não se acrescenta muito o fervor, deve-se abster algumas vezes, para aproximar-se depois com maior reverência e devoção.

Por conseguinte, cada qual deve, nisto, ser deixado a seu critério. E isto é o que diz Santo Agostinho: “Se dissera a alguém que não se deve receber diariamente a Eucaristia, e outro afirmara que se deve tomar todos os dias, faça cada qual o que piedosamente crê deva fazer-se segundo sua fé”. E o prova com o exemplo de Zaqueu e do Centurião, um dos quais recebe gozoso ao Senhor, enquanto o outro diz: *Não sou digno que entres na minha casa* (Mt. 8, 8), e os dois alcançaram misericórdia, honrando ambos ao Senhor, ainda que de maneira distinta.

No entanto, o amor e a esperança, aos quais nos induz sempre a Escritura, são preferidos ao temor: Pelo que havendo dito Pedro: *Retira-te de mim, Senhor, pois eu sou um homem pecador* (Lc. 5, 8), respondeu Jesus: *Não tenhas medo* (Lc. 5, 10).

A ele nos aproximamos certamente muitíssimo pela humildade; porém não se segue que seja mais louvável abster-se deste sacramento, como mais meritório; porque a caridade é a que nos une diretamente a Deus, enquanto a humildade dispõe a esta união, já que submete o homem a Deus. Pelo que o mérito consiste mais na caridade que na humildade.

-4, Dist., 12, q. III, a. 2

Festa do Sacratíssimo Coração de Jesus

O Sacratíssimo Coração de Jesus

O meu coração tornou-se como cera, derrete-se dentro das minhas entranhas (Sl. 21, 15).

O derretimento pertence ao amor. *Minha alma se derreteu* (Ct. 5, 6). Antes que um corpo se derreta, é duro e compacto em si mesmo; ao derreter-se, se espalha e de si tende a outra coisa. Também às vezes se endurece o temor, quando não é grande, e assim ocorre com o amor; pois quando sobrevém o amor o homem tende a outra coisa que antes estava nele. Este derretimento pode entender-se de Cristo enquanto é cabeça da Igreja; porque este derreter-se procede do Espírito Santo, e está no fundo das entranhas, quer dizer, no coração.

Pelo coração de Cristo pode entender-se também a sagrada Escritura, a qual nos revela o Coração de Cristo.

Tudo isto estava fechado antes da Paixão, porque era obscuro, porém chegou a ser claro pela Paixão, porque os que compreendem, ou estudam, discernem como devem ser expostas as profecias.

-In. Psal., XXXI

II. *Que coisa é o homem para o engrandeceres? E por que pões sobre ele o teu coração?* (Jó 7, 17).

Que coisa é o homem? Isto é: que pequeno e débil de corpo *engrandeces* com grande honra entre as demais criaturas, e *pões sobre ele o teu coração*, quer dizer, guardando-o e protegendo-o com especial cuidado.

Ainda que todas as coisas estejam submetidas à Divina Providência, no entanto, de distinta maneira estão dispostas por Deus em relação com os demais seres do universo. Os seres que têm certa perpetuidade concorrem especialmente à perfeição do universo e são administrados por si mesmos por Deus; os que carecem de perpetuidade, pertencem acidentalmente à perfeição do universo, e não são governados por si mesmos, senão pela conservação da espécie. Porém o homem é perpétuo como espécie e como indivíduo, e por isso Deus põe sobre ele seu coração e provê o seu bem.

Como põe Deus sobre ele seu coração? Mostra-o quando acrescenta: *Tu o visitas pela manhã* (Jó 7, 18), isto é, desde seu nascimento, procurando-lhe com seu engradecimento tanto corporal como espiritual; *e de repente o pões à prova*, quer dizer, pelas adversidades, nas quais aparece de que forma faz provas de sua virtude. O forno prova as vasilhas de barro; e a tentação da tribulação, aos homens justos. Diz-se que Deus prova o homem, não para saber o que é o homem, senão para dá-lo a conhecer aos outros, e para que ele se conheça a si mesmo.

-In Job., VIII

Sábado depois da Oitava de Corpus Christi

O amor de Cristo

Tendo amado os seus, que estavam no mundo, amou-os até o fim (Jo. 13, 1).

Por estas palavras se recomenda o profundo amor de Cristo e isto por quatro coisas.

I. Foi proveniente, segundo aquilo de São João: *Não temos sido nós os que amamos a Deus, mas Ele que nos amou primeiro a nós* (1Jo. 4, 10). E explicando isto, diz: *Tendo amado os seus*, como indicando que os amou antes. Nos amou, quer dizer, antes de criar-nos, pois, como diz a Sabedoria: *Tu amas tudo o que existe* (Sb. 11, 25). Nos amou antes de chamar-nos. *Eu amei-te com amor eterno; por isso, mantive o meu favor para contigo* (Jr. 31, 3). Nos amou antes de redimir-nos.

II. Foi seu amor adequado, porque amou aos *seus*.

É-se *seu* de diversas maneiras; segundo isto são amados por Deus de diferentes modos. Se é seu de três maneiras: Por criação, e a estes os ama conservando-lhes os bens da natureza: *Veio para o que era seu, e os seus*, por criação, *não o receberam* (Jo. 1, 11). Outros são seus por consagração, como os que nasceram de Deus Pai pela fé, como diz o Evangelista: *Manifestei o teu nome aos homens, que me deste do meio do mundo. Eram teus, e tu mos deste; e guardaram a tua palavra* (Jo. 17, 6). A estes os ama conservando-os nos bens da graça. Outros são seus por uma especial devoção, como se lê no Antigo Testamento: *Nós somos teus ossos e tua carne* (1Cr. 11, 1). A estes os ama consolando-os especialmente.

III. O amor de Cristo foi necessário, porque *amou os seus, que estavam no mundo*. Pois são seus alguns que já estavam na glória do Pai, porque também eram seus os Pais antigos, pela esperança de ser livrados por Ele. Porém estes não necessitavam tanto de seu amor como os que estavam no mundo. E por isso diz: *que estavam no mundo*, quer dizer, com o corpo, porém não com o coração.

IV. Recomenda-se o amor de Cristo como perfeito. Daí estas palavras *amou-os até o fim*. O fim da intenção, o qual deve ser também o fim de Cristo. Estes dois fins não são mais que um, porque a vida eterna não é outra coisa que o gozo de Cristo em sua divindade, como diz o Evangelho: *Ora a vida eterna é esta: Que te conheçam a ti*

como o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste (Jo. 17, 3). Segundo isto diz, pois: *amou-os até o fim*, para conduzi-los a si mesmo como fim, ou à vida eterna que é a mesma coisa.

O fim de execução é aquilo que é termo de uma coisa, e deste modo a morte pode chamar-se fim. Por isso se disse: *amou-os até o fim*, isto é, até a morte. Não no sentido de que os amou somente até a morte e não mais depois dela; pois isto seria falso. Longe de nós pensar que com a morte deixou de amar o que não teve fim na morte. Outro significado de *amou-nos até o fim* é que o amor para com eles o levou até a morte.

Outra interpretação de *até o fim* é: que havendo-lhes dado anteriormente muitas provas de amor, ao fim, quer dizer, muito próximo da morte, lhes deu sinais de maior amor. *Não vos disse isto, porém, desde o princípio, porque estava convosco* (Jo. 16, 4), como dizendo: Não foi então necessário a vós que eu os demonstrasse quanto os amava, senão ao deixá-los, para que desse modo se imprimisse mais profundamente em vossos corações o amor a mim e à minha memória.

-In Joan., XIII

Sábado depois da Oitava de Corpus Christi

Festa do puríssimo Coração de Maria

I. A Santíssima Virgem Maria foi puríssima. Pois era necessário que a Mãe de Deus brilhasse por uma máxima pureza. Nenhuma coisa é receptáculo de Deus se não está limpa, segundo aquilo de Davi: *A santidade convém a tua casa, Senhor* (Sl. 92, 5).

-S. Th., Iª IIª, q. 81, a. 5, ad 3um

A Santíssima Virgem não mereceu a encarnação senão supondo que ela devia realizar-se. E assim mereceu que se verificasse por ela não certamente de condigno, senão por conveniência; enquanto que era conveniente que a Mãe de Deus resplandecesse com tal pureza que não pudesse conceber nenhuma maior depois da pureza divina, como diz Santo Anselmo.

-3 Dist., 4, a. 4

II. A Santíssima Virgem fez voto de virgindade.

Certamente, as obras de perfeição são mais louváveis quando se fazem por voto. A virgindade devia brilhar principalmente na Mãe de Deus. Portanto foi muito conveniente que sua virgindade fosse consagrada por voto.

Referindo-se a isto, diz Santo Agostinho: “Maria contestou ao anjo da Anunciação: *Como se fará isso, pois eu não conheço varão?* (Lc. 1, 34). O que não teria dito, se antes ela não houvesse oferecido a Deus os votos de sua virgindade”.

Como a plenitude da graça existiu perfeitamente em Cristo, e, no entanto, algum princípio dela existiu anteriormente a sua Mãe, assim também a observância dos conselhos, que é efeito da graça de Deus, começou perfeitamente em Cristo, porém de algum modo foi começada na Virgem, sua Mãe.

-S. Th., IIIª, q. 28, a. 4

III. A Santíssima Virgem obteve a auréola da virgindade.

A auréola é uma recompensa privilegiada que corresponde a uma vitória privilegiada. Por isso há três auréolas segundo as vitórias privilegiadas em três lutas, propostas a

todo homem. Em luta contra a carne, o que obtém a vitória mais preciosa é aquele que se abstém dos deleites carnais, como a Virgem. Na luta contra o mundo, a vitória principal é a do que suporta a perseguição do mundo até a morte. Na luta contra o Diabo, a vitória principal é a que se obtém quando se atira contra os inimigos não somente de si mesmo, senão também dos corações dos demais, o qual se leva a cabo pela doutrina da pregação. Por conseguinte, a auréola se deve aos virgens, aos mártires e aos pregadores ou doutores.

Logo, a auréola é devida à Santíssima Virgem, na qual se dá a virgindade perfeitíssima, que lhe valeu o título de *Virgem das Virgens*.

Alguns objetam que não se lhe deve auréola, porque não suportou nenhuma luta com respeito à continência. Ademais, dizem outros que a Santíssima Virgem não tem auréola por prêmio da virgindade, se a auréola se toma propriamente em sua relação com a luta, porém possui uma coisa maior que a auréola, pelo propósito perfeitíssimo de guardar a virgindade. Porém outros dizem que possui uma auréola excelentíssima; pois ainda que não sentiu luta, conheceu, no entanto, alguma luta da carne, mas por causa da veemência de sua virtude lhe esteve de tal modo sujeita à carne que essa luta lhe foi insensível.

Isto não parece conveniente, pois a fé ensina que a Santíssima Virgem foi totalmente imune ao estímulo do pecado e suas inclinações por causa de sua perfeita santificação; e não é piedoso supor que teve nela alguma luta. Pelo qual deve-se dizer que possui propriamente auréola, para conformar-se nisto com os demais membros da Igreja, que são virgens; e se ela não teve que lutar contra as tentações da carne, teve, no entanto, que lutar contra a tentação do Inimigo, que não respeitou sequer ao mesmo Cristo.

-4, Dist., 49, q. 5, a. 3, ad 2um

Nota – Desde o dia de amanhã até o primeiro de julho, devem-se buscar as meditações entre as que se omitiram antes da Septuagésima.

Meditações para Algumas Festas

30 de Novembro

Santo André

Este encontrou primeiro seu irmão Simão, e disse-lhe: Encontramos o Messias… e levou-o a Jesus (Jo. 1, 41-42).

I. O sinal evidente de uma perfeita conversão é que o convertido não cessa até que tenha levado Cristo àqueles que lhe são mais próximos. Por isso Santo André, perfeitamente convertido, não reteve para si só o tesouro encontrado, senão que se apressa e corre veloz para seu irmão, para comunicar-lhe os bens que havia recebido. Assim, pois, diz: *Este encontrou primeiro,* isto é, primeiramente a seu irmão na fé, como já era seu irmão de sangue. *E o que ouve, diga: "Vem!"* (Ap. 22, 17).

II. Disse-lhe André: *Encontramos o Messias*. Jesus o havia instruído até fazer-lhe conhecer que Ele era o Cristo, e por isso diz: *Encontramos*. Com o qual insinua que o havia procurado com desejo durante muito tempo. *Bem-aventurado o homem que achou a sabedoria* (Pr. 3, 13).

III. Assinala-se logo o fruto que conseguiu, porque *levou-o a Jesus*, isto é, levou Pedro para Jesus. Pelo que se recomenda a obediência de Pedro; porque num instante acudiu sem tardança.

Considera a devoção de André, pois o conduziu a Jesus, não a si mesmo, porque se reconhecia fraco. Por conseguinte, o conduz a Cristo para que este o instrua; ensinando ao mesmo tempo com este que o pregador não deve atribuir-se a si mesmo os frutos da pregação, nem fazê-los servir para sua própria honra e proveito, senão levar as almas a Cristo, para honra e glória sua, como diz o Apóstolo: *Em verdade, não nos pregamos a nós mesmos, mas a Jesus Cristo* (2Cor. 4, 5).

-In Joan., I

25 de Março

Anunciação da Santíssima Virgem Maria

I. Foi conveniente que se anunciasse à Santíssima Virgem que conceberia a Cristo.

1º Para que se guardasse a ordem conveniente da união do Filho de Deus com a Virgem, quer dizer, para que seu espírito o soubesse antes que o concebesse na carne. Pelo qual diz Santo Agostinho: "Mais ditosa é Maria percebendo a fé de Cristo que concebendo a carne de Cristo". E depois acrescenta: "De nada houvera aproveitado a Maria sua qualidade de mãe, se não houvesse levado mais felizmente a Cristo em seu coração que em seu corpo."[36]

2º Para que tivesse mais certa notícia deste mistério, uma vez que já havia sido instruída dele por parte de Deus.

3º Para que oferecesse a Deus o presente voluntário de sua obediência, ao que se ofereceu disposta, dizendo: *Eis aqui a serva do Senhor* (Lc. 1, 38). E dá exemplo de receber a fé, porque a anunciação, que é pela pregação da fé, segundo aquilo: *A fé vem pelo ouvido* (Rm. 10, 17), precedeu à concepção espiritual de Cristo, que é pela fé.

4º Para que se manifestasse haver certo matrimônio espiritual entre o Filho de Deus e a natureza humana; e por isso se esperava pela anunciação o consentimento da Virgem em nome de toda a natureza humana.

II. A anunciação foi feita pelo anjo com uma ordem conveniente.

Três coisas se propunha o anjo com relação à Virgem.

1º Chamar a atenção de sua alma à consideração de uma coisa grande, o que fez ao saudar de uma maneira nova e desusada; porque para uma alma humilde nada é mais extraordinário que ouvir falar de sua excelência; porém a admiração excita a atenção da maneira mais viva; e por isto o anjo, querendo chamar a atenção da mente da Virgem à audição de um mistério tão grande, começa por louvá-la: *Deus te salve, cheia de graça* (Lc. 1, 28). Pelo que expôs primeiro sua idoneidade de conceber, ao dizer: *cheia de graça*; expressou que conceberia nestas outras palavras: *o Senhor é contigo*; e lhe anunciou a honra conseguinte, quando disse: *Bendita és tu entre as mulheres*.

36 De Virginitate, c. 3.

2º Propunha-se a instruí-la no mistério da Encarnação, que devia cumprir-se nela, o que fez prenunciando a concepção e o parto: *Conceberás no teu ventre, e darás a luz um filho* (Lc. 1, 31), e ao manifestar-lhe a dignidade da prole concebida, quando disse: *Será grande, etc*. (Lc. 1, 32), e também ao demonstrar o modo da concepção nestas palavras: *O Espírito Santo descerá sobre ti* (Lc. 1, 35).

3º Tratava de atrair sua alma ao consentimento, o que fez com o exemplo de Isabel e com o argumento tomado da onipotência divina.

-S. Th., IIIª, q. 30, a. 1 e 4

24 de Maio
Festa de Maria Auxiliadora

Deve-se colocar a esperança na Santíssima Virgem.

Conta-se na Escritura como o rei Assuero, por uma falsa sugestão do traidor Amán, promulgou uma sentença de condenação e morte contra todo o povo judeu que vivia em seu reino. Já estava ditada a sentença, já estava selada com o anel do rei e já divulgada pelos apregoadores e assinalado o dia; não restava senão levar a cabo a matança. Porém foi revogada pela intercessão da rainha Ester, pela extensão do cetro de ouro e do ósculo da extremidade do mesmo.

A realidade corresponde a esta figura é a seguinte: por causa do pecado dos primeiros pais, perpetrado pela falsa sugestão do traidor Amán, foi ditada pelo rei Assuero, quer dizer, por Deus, sentença de condenação contra todo o gênero humano. Já havia sido ditada a sentença, já havia sido consignada na Sagrada Escritura, já havia sido promulgada pelos apregoadores, isto é, pelos profetas, já estava assinalado o dia. Pois apenas morríamos, descíamos aos infernos.

Porém, graças à rainha Ester, quer dizer, à intercessão da Santíssima Virgem Maria, a sentença foi revogada pela extensão do cetro de ouro e do ósculo da extremidade do mesmo.

No livro de Ester, capítulo 8, refere-se que a rainha Ester foi grata aos olhos do rei, e que este estendeu para ela o cetro de ouro, e que a rainha beijou a extremidade do cetro. E o rei lhe disse: *Que petição é a tua, ó Ester, para que te seja concedida? Que queres que se faça? Ainda que peças metade do meu reino, a terás.* Ester respondeu-lhe: *Ó rei, se eu achei graça aos teus olhos, se assim te apraz, concede-me a minha vida, pela qual te rogo, e do meu povo, pelo qual intercedo. Eu e o meu povo estamos condenados a ser destroçados, degolados, exterminados* (Est. 7, 2-4), por causa do pecado contraído de nossos pecados atuais.

Porém, a Rainha Ester, quer dizer, a Santíssima Virgem, foi grata aos olhos do Rei para a restauração do gênero humano, e encontrou graça diante d'Ele, não somente para si, senão para todos os homens.

O Rei estendeu o cetro de ouro. O Senhor Deus Pai nos alargou esse cetro de ouro, quando, pela máxima caridade que nos tinha, expôs seu Filho à Paixão. A Santíssima Virgem tocou a extremidade do cetro quando concebeu em seu seio ao Filho de Deus, e depois o deu à luz.

E assim alcançou a metade do Reino de Deus, de modo que seja Rainha de misericórdia aquela cujo Filho é Rei de justiça. Desse modo foi também revogada a sentença de nossa condenação. Essa revogação foi promulgada por mensageiros, os Apóstolos, enviados especialmente para isso.

-Do prólogo da exposição às sete Epístolas Canônicas

24 de Junho

São João Batista

João era uma lâmpada ardente e iluminava (Jo. 5, 35).

João foi uma grata testemunha de Cristo, e isto se demonstra por três qualidades de sua perfeição. A primeira pertence à condição de sua natureza, quando diz: *Era uma lâmpada*; a segunda à perfeição de seu amor, porque *ardia*; terceira à perfeição de sua inteligência, porque *iluminava*.

I. João era perfeito em sua natureza, porque era uma *lâmpada*, quer dizer, estava iluminado pela graça e pela luz do verbo de Deus. Pois a lâmpada se diferencia da luz em que a luz brilha e a lâmpada não brilha por si mesma, senão pela participação. A verdadeira luz é Cristo, como diz o Evangelista: *Era a luz verdadeira, que ilumina todo o homem* (Jo. 1, 9). Porém João não era luz, senão lâmpada, pois estava iluminado, *para dar testemunho da luz* (Jo. 1, 8), conduzindo os homens a Cristo; lâmpada da qual se diz: *Prepararei uma lâmpada para o meu ungido* (Sl. 131, 17).

II. Nele havia um amor ardente e fervente; por isso diz: *ardente*. Porque alguns são lâmpadas unicamente por ofício, porém estão apagadas no coração. Pois assim como a tocha não pode arder, se não se acende com fogo, do mesmo modo a tocha espiritual não brilha, se anteriormente não arde e é inflamada pelo fogo da caridade. Por isso o ardor precede à luz, pois, pelo ardor da caridade se dá o conhecimento da verdade. *Chamo-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai* (Jo. 15, 15). *Vós, os que temes o Senhor, amai-o, e os vossos corações serão alumiados* (Ecl. 2, 10). Porque o fogo tem duas propriedades: arde e resplandece. O ardor do fogo representa o amor por três causas:

1º Porque o fogo é o mais ativo de todos os corpos, e do mesmo modo o ardor da caridade, enquanto que nada pode suportar seu impacto, como diz o Apóstolo: *Sim, o amor de Cristo nos constrange* (2Cor. 5, 14).

2º Porque assim como o fogo, por ferir muito a sensibilidade, produz muito calor, assim também a caridade causa calor até que o homem logre seu fim.

3º Porque como o fogo se dirige para cima, assim também o faz a caridade, para unir-nos a Deus. *Quem permanece na caridade, permanece em Deus, e Deus nele* (1Jo. 4, 16).

III. *Iluminava* também no entendimento.

1º Interiormente, pelo conhecimento da verdade. *Encherá a tua alma de esplendores* (Is. 58, 11), isto é, fará com que resplandeça.

2º Exteriormente pela pregação. *Onde brilhais como astros do mundo* (Fl. 2, 15).

3º Pela manifestação das boas obras. *Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras* (Mt. 5, 16).

-In Joan., V